

O VERBO NA FALA DE CAMPONESES
(Um Estudo de Variação)

por

Iara Benquerer Costa

Tese apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

30/11/90

Oste exemplar é a redação final da tese defendida por Iara Benquerer Costa

aprovada pela Comissão Julgadora em 30/11/90.

CAMPINAS - 1990

Tânia Maria Alkmin
PROFA. DRA. TÂNIA MARIA ALKMIN
ORIENTADORA

C823v

13140/B

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



UNICAMP

ERRATA

Tese da acadêmica

Iara Bemquerer Costa

Na primeira folha (capa)

onde se lê: Doutor em Lingüística

leia-se: Doutor em Ciências

Tânia Maria Alkmin
Orientadora: Tânia Maria Alkmin

12/12/90

Aos Lorenzoni, Dalla Rosa, Moresco,
Lazzarin, Pedron, Ferrari, Benetti,
Meotti, Giacomini, Boniatti, Gobo,
Grizotti, Agostini, Londero, Camelo,
Basso, que nos abriram as portas e
mostraram sem reservas não só como
falam, mas principalmente como vivem.

Agradeço o apoio financeiro recebido da CAPES (1983 e 1984) e da FAPESP (1985 e 1986) para a realização desta tese.

Outros agradecimentos:

Ao Rasia, companheiro de todas as etapas deste trabalho.

A D.Elma Pedron Eckert, nossa guia e acompanhante indispensável durante o trabalho de campo.

A Tânia, pela orientação: uma interlocutora atenta, que apresentou críticas e sugestões, mas soube respeitar as decisões que tomamos.

RESUMO

Estuda-se neste trabalho a fala de descendentes de italianos residentes em uma vila rural localizada no município de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul, tendo como referencial teórico o modelo variacionista. São analisadas três questões. Faz-se em primeiro lugar a reconstituição da história lingüística recente do grupo, no período que vai da década de 30 à de 80. Durante esse período, houve a substituição do italiano, falado na época da formação da vila, pela língua portuguesa. Toma-se a seguir dois conjuntos de formas em variação que se destacam na fala dos camponeses entrevistados: as variações na flexão verbal dos tempos do indicativo usados produtivamente; o uso variável de formas do indicativo nos contextos em que ocorrem também formas do subjuntivo. Nos dois conjuntos de variações entre formas verbais, procura-se relacionar as tendências de uso encontradas com a história recente da vila, bem como fazer previsões sobre o destino das formas em variação.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: A Comunidade de Fala	
1. Porque estudar a Colônia Santo Antônio	16
2. Um relato do trabalho de campo	18
3. Refletindo sobre os indicadores sociais da Colônia Santo Antônio: os limites da homogeneidade	23
CAPÍTULO 2: Do Italiano ao Português	
1. Introdução	34
2. Um quadro da mudança	37
2.1. Geração quanto à imigração	42
3.4. Família	43
2.3. Faixa etária	45
3. As razões da mudança: fatos e representações	48
3.1. Primeira fase: a migração para o noroeste	51
3.2. Segunda fase: as medidas de nacionalização dos imigrantes e suas conseqüências	54
3.2.1. A atuação da polícia	56
3.2.2. A atuação da Igreja, da escola e do serviço militar	60
3.3. Terceira fase: a modernização	64
4. Os domínios do português e do italiano hoje	66
CAPÍTULO 3: Questões Preliminares ao Estudo da Variação na Flexão Verbal	
1. Escolha do conjunto de variáveis a seres estudadas	74
2. Regras variáveis e flexão verbal	77
3. Um conjunto restrito de fatores sociais	83

4. Uma análise panorâmica	86
---------------------------	----

CAPITULO 4: Flexão Verbal e Concordância Verbo/Sujeito nos Tempos do Indicativo

1. Identificando as variáveis e situando-as no sistema verbal	89
2. Concordância x não concordância	97
3. Concordância x não concordância no dialeto da Colônia Santo Antônio	105
4. A variação nas marcas de concordância	111
4.1. Presente do indicativo	111
4.1.1. Primeira pessoa do plural	111
4.1.2. Segunda/terceira pessoas do plural	116
4.2. Pretérito imperfeito do indicativo	120
4.2.1. Primeira pessoa do plural	120
4.2.2. Segunda/terceira pessoas do plural	122
4.3. Pretérito perfeito	124
4.3.1. Primeira pessoa do plural	124
4.3.2. Segunda/terceira pessoas do plural	128
5. Variantes em disputa	130
6. A variação na concordância verbo/sujeito e os fatores sociais	134

CAPITULO 5: A Variação Indicativo/Subjuntivo

1. Introdução	141
2. As condições de uso do subjuntivo em português	143
3. As formas em variação	156
4. A variação indicativo/subjuntivo e a estrutura sintática	164

4.1. Contexto 1: Subordinadas introduzidas por conjunção integrante	165
4.2. Contexto 2: Subordinadas introduzidas por pronome relativo	166
4.3. Contexto 3: Subordinadas condicionais	168
4.4. Contexto 4: Subordinadas concessivas e finais	175
4.5. Contexto 5: Subordinadas hipotéticas temporais, proporcionais, conformativas, comparativas	176
4.6. Contexto 6: Sentenças que contenham os modalizadores "talvez" ou "tomara"	178
4.7. Contexto 7: Sentenças exortativas	180
4.8. Comparação entre o uso do subjuntivo ou indicativo nos diferentes contextos	180
5. A questão da modalidade	183
6. Os fatores sociais e a variação indicativo/ subjuntivo	184
CONCLUSÃO	187
BIBLIOGRAFIA	195
ANEXO 1: Ficha de caracterização dos informantes	201
ANEXO 2: Roteiro das entrevistas feitas com as famílias	205
ANEXO 3: Roteiro das entrevistas feitas com os jovens	210
ANEXO 4: Amostras de entrevistas	214

INTRODUÇÃO

Para o conhecimento do português brasileiro é necessário que se tenha como apoio um trabalho de documentação da fala, feito a partir da constituição e análise de amostras representativas do português falado em que se procure representar segmentos diversos da população, selecionados tanto por critérios regionais quanto a partir de recortes sociais. Assumindo esta premissa, visamos contribuir neste trabalho para o registro de uma das modalidades do português brasileiro, mediante a documentação de um dialeto constituído em época muito recente: a fala de camponeses descendentes de italianos no Rio Grande do Sul.

A documentação dessa modalidade do português falado pode fornecer subsídios para a discussão de um conjunto de questões. Por exemplo, dado que houve, em época recente, entre os descendentes de italianos residentes no Rio Grande do Sul, a substituição do italiano pelo português em praticamente todos os contextos de uso, a variedade do português atualmente falada tem heranças italianas? Sabendo-se que o processo de transição entre o uso do italiano e do português foi muito rápido e "incentivado" por um conjunto de medidas governamentais, qual é a relação entre a mudança rápida e a variação intensa de formas na gramática da língua? Que tendências se pode apontar, a partir dessas variações, de que o dialeto mantenha determinadas propriedades e venha a

abandonar outras? Onde se tem processos de variação e processos de mudança em curso? Há indícios de incorporação à variedade falada atualmente de características do português urbano ou, ao contrário, a fala dos camponeses tem semelhanças com outras variedades não urbanas do português? Há evidências de que o português falado por camponeses descendentes de italianos está assumindo direções próprias no seu processo de mudança, em função da história de seus falantes?

Pelo conjunto de questões apontadas como preocupações subjacentes ao trabalho, fica patente que adotamos para o mesmo o modelo variacionista, dado que tal modelo coloca esse tipo de questões dentro do seu universo teórico e oferece uma metodologia que permite abordá-las satisfatoriamente.

A opção pelo modelo variacionista para a análise do português falado por descendentes de imigrantes no Rio Grande do Sul rompe, de certa forma, com uma tradição presente na maioria dos trabalhos feitos sobre essa população. Esses estudos têm adotado na maioria dos casos os princípios da dialetologia, ou têm se concentrado no estudo do bilingüismo (italiano-português e alemão-português) e das interferências de uma língua na outra. Essa tendência pode ser exemplificada nos trabalhos de KOCK(1974) e de FROSI e MIORANZA(1975 E 1983). Está presente também nos Anais dos Encontros sobre Bilingüismo e Variação Lingüística da Região Sul. Nos Anais do III, IV, V e VI encontros, realizados de 1984 a 1987, boa parte dos trabalhos que adotam o modelo variacionista examinam dados coletados fora da Região Sul,

enquanto a maioria das análises de orientação dialetológica e os estudos sobre o bilingüismo têm como objeto essa região.

A questão do bilingüismo e suas consequências na gramática das línguas faladas por falantes bilingües é analisada também por BAENERT-FUERST(1989), que estuda essa questão no município de Panambi, uma localidade de fala alemã, vizinha à que estamos estudando.

Como análises de orientação variacionista sobre o Rio Grande do Sul destacam-se os trabalhos de BISOL (veja-se, por exemplo, BISOL 1988).

É interessante destacar ainda a existência de dois grandes projetos de documentação da fala da população da Região Sul, atualmente em execução, num trabalho conjunto de várias universidades dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O primeiro deles, com orientação dialetológica é de elaboração do Atlas Lingüístico da Região Sul; o segundo, que adota uma metodologia variacionista, é de realização do censo lingüístico, inicialmente das capitais dos três Estados do Sul e posteriormente também das cidades mais representativas dos grupos étnicos que compõem a população dos mesmos. Trata-se do projeto Variação Lingüística da Região Sul, que está sendo executado pelas Universidades Federais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O interesse pela realização do presente trabalho nasceu a partir da convivência durante 6 anos (1977 a 1982) com a população de pequenas cidades do noroeste do Rio Grande do Sul, seja ao trabalhar com alunos provenientes desses

lugares que freqüentavam a Universidade de Ijuí, seja a partir do trabalho em projeto de assessoria aos professores rurais dessa região. A observação da fala dessa população feita durante os anos de convivência apontava para a diferença entre o português falado na região e a fala urbana culta. Além disso evidenciava o interesse de se estudar esses dialetos do português em comunidades onde essa língua só foi adquirida como língua materna a partir de uma época muito recente. Nas vilas rurais do Rio Grande do Sul, somos contemporâneos da primeira geração de falantes que adquiriram o português como primeira língua.

Num primeiro estudo feito sobre a fala dos descendentes de imigrantes (COSTA 1982), conseguimos demonstrar que o português falado pelos descendentes de imigrantes que moram na zona rural é alvo de discriminação pela população urbana. Mostramos naquele estudo como essa discriminação das características da fala dos camponeses descendentes de imigrantes está presente em um conjunto de piadas que fazem parte da tradição oral na região. A questão da linguagem é um ingrediente fundamental dessas piadas, o que revela que a população urbana não só tem consciência da diferença entre sua fala e a dos camponeses de diversas origens étnicas, mas também que tem formas de expressar sua discriminação sobre a fala dessa população. Saliente-se que essa não é uma atitude exclusiva dessa região. Pelo contrário, ela é recorrente em qualquer região em que se tenha a polarização entre uma população urbana e uma rural.

O mesmo interesse que motivou a realização daquele estudo levou também à decisão de realizar como trabalho de tese a documentação do português falado por um dos grupos de descendentes de imigrantes que residem na região. A opção foi por realizar o estudo de uma localidade particular, cuja população fosse representativa de um dos grupos étnicos que ocuparam a região a partir do final do século XIX. A escolha recaiu sobre uma pequena vila rural, a Colônia Santo Antônio, pertencente ao município de Ijuí, no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. No capítulo 1 justificamos essa escolha e fazemos a apresentação das características socioeconômicas da população escolhida.

A comunidade de fala¹ escolhida para estudo passou por um processo de mudança lingüística muito acelerado, que a levou, num prazo de cerca de 50 anos a abandonar o italiano e passar ao uso do português para praticamente todas as situações de comunicação. As razões para uma mudança tão rápida não podem ser buscadas simplesmente nas características intrínsecas das duas línguas envolvidas; pelo contrário, é necessário recuperar o conjunto de motivações que levaram a população a formar atitudes de valorização de uma das línguas e rejeição da outra em diferentes momentos de sua história. Essas atitudes são construídas a partir das vinculações de conjunturas políticas e econômicas particulares que definem as relações entre o português e o italiano naquela região particular.

¹ Para o conceito de "comunidade de fala" ver FISHMAN, 1972:20.

No capítulo 2 colocamos em foco a questão da transição do italiano ao português, a partir do levantamento das condições externas que determinaram por um lado a mudança no repertório lingüístico da comunidade de fala e por outro lado a mudança nas funções atribuídas ao português e ao italiano.

Tomamos como marco inicial para a reconstituição da história lingüística recente da comunidade de fala a década de 30, época em que o grupo se fixou na Colônia Santo Antônio, devido à migração dos descendentes de imigrantes para novas fronteiras agrícolas. Partindo da interpretação dos depoimentos dos entrevistados, buscamos recuperar e sistematizar informações do seguinte tipo: a partir de quando o grupo começou a utilizar o português em domínios complementares aos de uso do italiano e quais eram os domínios de uso de uma e outra língua; como chegou até a população das pequenas vilas rurais a proibição do uso em locais públicos de línguas estrangeiras durante a década de 40, quando o governo implementou as medidas de "nacionalização" dos imigrantes; a partir de quando se tem a aquisição do português como língua materna pela população da vila; que influência teve sobre a aquisição do português e sobre a redefinição das funções do português e do italiano o processo de modernização da agricultura por que passou a região a partir da década de 60.

No capítulo 2 discutimos ainda a questão dos domínios de uso do português e do italiano atualmente. Apresentamos também um caso de code-switching, em que o português e o italiano se alternam no discurso de uma informante. Apesar de

marginal no corpus, a ocorrência de code-switching documentada pode ser uma indicação de um tipo de uso das duas línguas em um momento historicamente anterior ao que analisamos no corpo do trabalho. A ocorrência do code-switching mostra que a alteração dos domínios do português e do italiano na comunidade de fala não ocorre de maneira uniforme para todos os informantes.

A análise do code-switching feita é superficial; procuramos focalizar como a delimitação de partes do discurso, especialmente a introdução de citações, estabelece limites para o uso de uma e outra língua. Procuramos sistematizar também que elementos do italiano são inseridos nos trechos do discurso em que o falante utiliza o português e que elementos do português são inseridos nos trechos estruturados em italiano. Não se pretende nessa análise chegar a nenhuma generalização sobre o code-switching, mas apenas de sistematizar o único caso documentado no corpus. A sistematização feita pode fornecer algumas indicações para estudos posteriores, seja do code-switching português-italiano, seja desse fenômeno envolvendo outras línguas.

Tomada em seu conjunto, a fala da comunidade de Santo Antônio tem algumas características que nos chamam a atenção. Algumas das características encontradas são claramente resultantes da interferência do italiano. Outras são semelhantes às encontradas em várias modalidades do português falado no Brasil. Podemos apontar, a título de exemplificação, algumas dessas características.

Na fonologia, notamos que a pronúncia do ditongo ão não é adquirida por todos os falantes. Nota-se especialmente entre os informantes mais velhos, que aprenderam o português como segunda língua, a substituição sistemática de ão por õ.

É comum no corpus encontrarmos pronúncias como:

nom (nãõ)

entom (entãõ)

cordom (cordãõ)

pom (pãõ)

Há também o uso indiferenciado da vibrante simples r tanto em palavras representadas com r brando quanto nas representadas com r forte:

caroça (carroça)

carera (carreira)

garafa (garrafa)

arastá (arrastar)

Na sintaxe, encontramos também várias características que caracterizam o português falado pelos descendentes de italianos. Há, por exemplo, o uso do pronome se no sentido de beneficiário, num tipo de construção estranha para falantes nativos de outras modalidades do português. É o que se vê nos exemplos abaixo:

Eles querem se comprá uma moto esse ano. (a moto é para eles)

Ele mesmo se faz o café. (ele faz o café para si próprio)

A guria fez o bolo e correu pra se cortá um pedaço. (o pedaço era para ela mesma comer).

O pronome *se* é usado como reflexivo não só com sujeitos de 3ª pessoa, mas também com outros tipos de sujeito, especialmente de 1ª pessoa do plural:

Nós *se* encontramos na cancha de bocha.

Faz tempo que nós não *se* visitemo.

Nota-se ainda como uma característica sintática a tendência a não apagar o sujeito. Essa tendência está presente até no uso do pronome sujeito com um conjunto de verbos que são classificados como impessoais, ou seja, nos verbos que indicam fenômenos meteorológicos. São encontrados na fala dos moradores da Colônia Santo Antônio enunciados semelhantes aos seguintes:

Ele ventou muito ontem.

Ele tá escurecendo mais tarde agora.

Ele tá chovendo muito esse verão.

Ele ananheceu a maior geada.

O verbo *pedir* é usado no sentido de perguntar:

Cês são um casal? Eu ia *pedir*, mas fiquei com vergonha.

Dai o delegado *pediu* pro pai: "O que tu qué fazê agora prá esse cara que te fez isso no boi?"

Na concordância nominal, geralmente a flexão de número é marcada somente no primeiro elemento do sintagma nominal, que em geral é o determinante. Esta é uma característica presente em muitas variedades do português falado.

Tem que cuidá as formiga, tem que cuidá as praga.

Pegava umas latinha daquela.

Qualquer dessas características da fala poderia ser objeto de uma análise sistemática. No entanto, nossa escolha não recaiu sobre nenhuma das mencionadas acima. Procuramos escolher um problema que fosse suficientemente abrangente para, a partir dele, apresentarmos características salientes da gramática do português falado pelo grupo.

Levando em conta o interesse em escolher um problema que tivesse reflexos amplos na gramática, opção foi por observar sistematicamente as variações relacionadas à flexão verbal. Foi possível perceber, desde o primeiro exame dos dados, que o conjunto de flexões verbais utilizadas no dialeto da vila escolhida apresentava, por um lado, uma grande variação em algumas formas, e que havia, por outro lado algumas formas flexionais muito freqüentes no dialeto que não correspondem às usadas no português padrão. Assim, decidimos sistematizar, através de uma análise quantitativa, o conjunto de formas que estão em variação quando se considera a flexão verbal. As motivações para a ocorrência dessas variações leva necessariamente à discussão de características do sistema verbal não só no dialeto analisado, mas também em outras variedades do português coloquial.

A sistematização das variações na flexão verbal foi feita em três capítulos. Inicialmente, no capítulo 3 introduzimos uma discussão preliminar sobre o que representa para uma análise feita segundo o modelo variacionista, as variações na flexão verbal, que implicam em diferenças de significado e que se correlacionam preferencialmente a

fatores lingüísticos e não sociais. A discussão feita nesse capítulo retoma essencialmente as questões levantadas por LAVANDERA (1977) que levam a repensar o objeto da sociolingüística, ou seja, à necessidade de se definir quais, entre os diversos tipos de variações encontradas na gramática de uma língua, estão dentro da área delimitada pela sociolingüística.

No capítulo 4 focalizamos a questão do conjunto de variações encontradas nos tempos do indicativo. Ao fazê-lo, foi necessário situar essas variações no conjunto dos tempos que são usados produtivamente no dialeto e selecionar um conjunto de verbos para a análise quantitativa. Nessa análise, procuramos apontar as tendências dominantes no dialeto e identificar se nessas tendências se tem uma convergência em relação ao português urbano ou não. Procuramos discutir também se elas revelam uma interferência do italiano ou a tendência a assumir processos presentes em outras variedades do português.

A variação encontrada nas formas do indicativo refere-se sobretudo às flexões de primeira e de segunda/terceira pessoas do plural. Fizemos a análise quantitativa desse conjunto de flexões nos verbos regulares das três conjugações e também em um conjunto de verbos de uso freqüente no corpus: ser, estar, ter, ir, fazer. Os tempos do indicativo utilizados de forma produtiva possibilitando uma análise quantitativa são três: presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito. Foi feita a contagem de ocorrências das formas em variação nos casos de sujeito plural nesses três

tempos. Quando encontramos formas alternantes em variação em mais de 20% das ocorrências de um tempo, número e pessoa, fizemos a correlação entre o uso dessas formas e os fatores sociais para identificar as tendências a permanecerem no dialeto ou a serem eliminadas.

No capítulo 5 analisamos um conjunto de casos em que formas do subjuntivo estão em alternância com formas do indicativo. Para essa análise, foi necessário fazer uma discussão preliminar sobre as condições de uso do subjuntivo em português, para se chegar à identificação do conjunto de fatores lingüísticos considerados determinantes do uso do subjuntivo no português padrão. Feita essa rápida discussão preliminar, procuramos fazer por um lado as correlações entre o uso do subjuntivo ou do indicativo e os contextos apontados como relevantes para a ocorrência de formas do subjuntivo. Por fim, discutimos a atuação de fatores sociais no uso do subjuntivo ou do indicativo.

CAPITULO 1

A COMUNIDADE DE FALA

Aqui na Colônia seao unido. Temo a mesma raça e a mesma religião.

1 PORQUE ESTUDAR A COLONIA SANTO ANTONIO

A imigração europeia para o Rio Grande do Sul, iniciada no final do século XIX e com a manutenção do fluxo migratório até a década de 1920, aproximou territorialmente falantes de línguas muito diferenciadas: falantes de italiano, polonês e alemão passaram a conviver entre si e com falantes de português. O mosaico lingüístico formado a partir da imigração foi sensível, desde o início, à interferência de uma série de fatores que afetaram sua estabilidade. E sabido que a sobrevivência das línguas depende de condições sociais, econômicas e políticas. Durante o período aproximado de um século que vai do início da imigração até hoje não faltaram motivações econômicas, sociais nem políticas para a mudança dos hábitos lingüísticos dos imigrantes e seus descendentes.

Essas mudanças levaram os grupos de imigrantes a passar, num curto período, do monolingüismo alemão, italiano ou polonês ao monolingüismo português, passando por uma fase de bilingüismo instável (para o conceito de bilingüismo instável, ver FISHMAN, 1972).

O parágrafo anterior coloca em foco o tema que pretendemos abordar neste trabalho, qual seja: a) identificar quando, como e porque um grupo de descendentes de imigrantes italianos substituiu a língua dos seus ascendentes pela língua portuguesa; b) analisar algumas características do português falado pelo mesmo grupo procurando identificar se essas características se devem ou não ao italiano. Seria interessante estudar essas questões não só entre descendentes de italianos, mas também entre as outras etnias, mas tal propósito não poderia ser executado em um projeto projeto individual de trabalho, a menos que se dispusesse de análises previamente feitas da fala de cada grupo. Não é possível também, depois de escolher um grupo étnico, documentar a sua fala em uma região muito extensa. Considerando a necessidade de delimitar o grupo a ser pesquisado, decidimos optar por um estudo de caso particular e analisar o processo de substituição do italiano pelo português no grupo escolhido.

Qualquer que seja o grupo escolhido, sua fala terá, por um lado um conjunto de peculiaridades determinadas pelas condições de vida particulares desse grupo, mas terá também, por outro lado, características que resultam de um processo geral que ocorre, com ritmo diferenciado, com toda a população de descendentes de imigrantes europeus no sul do

pais. Para este estudo, foi escolhida a Colônia Santo Antônio, uma vila rural localizada no município de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul.

Várias circunstâncias contribuíram para que a comunidade escolhida fosse a Colônia Santo Antônio. O primeiro fator determinante para essa opção foi a localidade ser uma vila rural. Dado que estamos interessados no estudo do processo de substituição da língua trazida pelos imigrantes por outra e que se sabe que esse processo é mais tardio para a população rural do que para a urbana, a escolha de um grupo de camponeses favorece a reconstituição do processo, uma vez que se pode obter relatos dos protagonistas que participaram de várias fases da substituição da língua dos imigrantes pela língua portuguesa.

Em segundo lugar, a população da Colônia Santo Antônio apresenta-se etnicamente homogênea. Um dos fatores que com toda a certeza contribui para a diferença no ritmo de substituição da língua de origem pelo português é a origem étnica do grupo. É um dado conhecido por qualquer pessoa que conheça grupos de descendentes de imigrantes no sul do país que há uma diferença no ritmo com que esses grupos substituem a língua dos seus ascendentes pela língua portuguesa: por exemplo, a substituição do italiano pelo português se deu muito mais rapidamente do que a do alemão.

Como este trabalho não foi estruturado visando a apresentação panorâmica do processo de substituição da língua de origem dos imigrantes pelo português, buscou-se um grupo representativo de uma única etnia. A Colônia Santo Antônio,

com sua população de origem italiana, preenche esse requisito¹, o que não ocorre com qualquer vila rural na região. Há nas proximidades várias localidades etnicamente heterogêneas.

Um terceiro fator considerado para a opção pela Colônia Santo Antônio foi sua homogeneidade socioeconômica, já que a diversidade social poderia tornar mais complexa a análise. Procuramos em relação aos fatores socioeconômicos chegar a um afinilamento semelhante ao do fator etnia: trabalhar com um único grupo social. A Colônia Santo Antônio favorece essa opção, por sua característica de ser uma localidade habitada por pequenos proprietários, que usam somente a mão-de-obra familiar para a produção agrícola na propriedade². Não houve a preocupação em selecionar os informantes de forma a constituir uma amostra homogênea; a homogeneidade da amostra é uma decorrência da composição populacional da vila.

Há ainda uma quarta razão que nos levou a optar pela Colônia Santo Antônio. Essa vila foi objeto de um estudo realizado por RASIA e ZAGO (1984) e, no momento da coleta de dados para o presente trabalho foi objeto de outro estudo feito por RASIA (1987). Consideramos muito interessante a

1 A Vila tem apenas duas famílias de origem polonesa e uma de origem alemã entre os proprietários de terras. Tem ainda duas famílias de "brasileiros" (negros), que são os únicos assalariados do local.

2 Só uma, entre as famílias entrevistadas, tem dois empregados, que moram na propriedade dos patrões com as respectivas famílias, como agregados. Os assalariados não foram entrevistados. Sua eliminação se deu tanto pela procura de homogeneidade étnica quanto socioeconômica: não são proprietários nem de origem italiana. Exceto esses, não há assalariados na vila. Também não há bóias-frias. Quando a família não consegue dar conta do serviço com seus próprios meios (máquinas e pessoas), adota a troca de dia, o mutirão ou o pagamento do serviço para outro proprietário (pagamento pela colheita mecanizada, por exemplo).

oportunidade de realizar conjuntamente a coleta de dados, porque isso permitiria conduzir as entrevistas de tal forma que o interesse pela linguagem não fosse um tópico em destaque. Colocando-se como tópico das entrevistas os problemas da socialização da criança e do trabalho no campo, seria mais fácil contornar o problema do paradoxo do observador (LABOV 72,209).

Escolhida a comunidade de fala, vamos passar a uma rápida apresentação da mesma. A Colônia Santo Antônio é uma vila de aproximadamente 800 habitantes, localizada no município de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul. É uma vila formada aproximadamente na década de 30, pela migração de descendentes de italianos antes residentes na região nordeste do Estado, nas chamadas Colônias Velhas³ (especialmente Caxias do Sul). Como em outras vilas rurais da região, na Colônia Santo Antônio não há uma concentração de moradias na sede da vila. Nesta fica a escola de primeiro grau completo, mantida pelo Governo Estadual, a Igreja, com seu galpão para festas, o cemitério, a cancha de bocha, o clube e uma pequena casa comercial (bolicho). A sede da vila é o local para as atividades sociais e o lazer e só apresenta uma concentração de pessoas aos sábados à tarde e domingos. Fora desses dias, mantém-se deserta, pois os moradores trabalham em suas propriedades e, quando necessitam realizar qualquer atividade relacionada à comercialização de produtos, compras, contatos bancários, consultas médicas, etc.,

³ A expressão "Colônias Velhas" é usada para designar a região gaúcha ocupada pelas primeiras levas de imigrantes (no caso dos italianos, a partir de 1875), por oposição às "Colônias Novas", ocupadas posteriormente, em parte pela migração interna dos moradores das "Colônias Velhas".

deslocam-se a uma das sedes municipais próximas: Ijuí ou Catuipe. A distância entre as propriedades e as sedes urbanas próximas é de aproximadamente 30 km; o município de Ijuí, que é o maior centro urbano próximo, tem cerca de 80.000 habitantes. A residência dos moradores fica normalmente na própria propriedade rural. As casas, em geral construídas de madeira, com cozinha e instalações sanitárias em alvenaria são amplas e confortáveis, sem mostrarem, no entanto, nenhum sinal externo de riqueza. Todas as casas têm eletricidade e água encanada.

2 UM RELATO DO TRABALHO DE CAMPO

A documentação da fala dos moradores da Colônia Santo Antônio foi precedida de um conjunto de contatos de reconhecimento, visando definir estratégias a serem adotadas no contato com os informantes e obter subsídios para a elaboração dos instrumentos a serem usados na coleta de dados. Várias decisões foram tomadas a partir de informações obtidas nos contatos preliminares: decidimos pela utilização de um questionário para o registro dos dados socioeconômicos e de entrevistas e observação para a documentação dos dados lingüísticos. Decidimos ainda usar um morador da vila como guia, para facilitar o contato inicial com os entrevistados⁴.

⁴ Foi escolhida como guia uma moradora de aproximadamente 30 anos de idade. D. Elsa exerce a função de zeladora da Escola Estadual. Na época da realização das entrevistas, ela trabalhava na escola há 20 anos. Além disso, realiza a atividade de cabelereira e presta serviços de enfermagem (curativos e injeções) na vila. Por ser uma pessoa conhecida por todos, sua presença durante a realização das

Outra decisão tomada foi de entrevistar sempre o grupo familiar em conjunto, pois, pelas características culturais da comunidade, seria considerado indelicado os entrevistadores excluírem algum membro da família da conversa durante as entrevistas.

Constituímos a amostra dos informantes a partir de um recorte básico por gerações, para termos condições de reconstituir a história lingüística recente do grupo e o processo de substituição da língua italiana falada anteriormente pelo português usado atualmente. Procuramos também garantir o parentesco entre os informantes, devido à importância dos contatos familiares entre os pequenos proprietários rurais: as relações familiares são também relações de trabalho para o grupo.

O recorte inicial feito nos dá três grupos, ou três gerações:

1ª geração - acima de 51 anos;

2ª geração - filhos de informantes da 1ª geração ou pais da 3ª;

3ª geração - até 20 anos.

O recorte por gerações, com o cuidado de garantir o parentesco entre os informantes, nos dá condições de comparar, de uma geração a outra, os estágios por que o grupo passou no processo de substituição do italiano pelo português.

entrevistas ajudou na condução das mesmas. Ela realizou esse trabalho voluntariamente, para "aproveitar a carona" e visitar os amigos.

O primeiro instrumento adotado para a coleta de dados foi um questionário com informações socioeconômicas e alguns dados sobre a experiência dos informantes em relação ao aprendizado e aos domínios de uso do italiano e do português (ver ANEXO 1). Nas questões sobre a experiência lingüística, procurou-se investigar: os contextos de uso do português e do italiano; a época e a forma de aquisição dessas línguas; a redefinição dos domínios de uso de uma e outra língua.

O segundo instrumento de coleta de dados adotado foi uma entrevista, com um roteiro indicativo de temas. A função do roteiro era de fornecer os temas a serem incluídos na conversa, sem definir a linguagem a ser adotada pelos entrevistadores. Esta foi sempre improvisada, procurando-se chegar ao maior grau possível de informalidade, ou seja, procurando minimizar a interferência do observador. Nas entrevistas procurou-se abordar várias questões do cotidiano da família (ver ANEXO 2). Os tópicos abordados foram os seguintes:

- História de vida - experiências relativas à escolarização, ao aprendizado do trabalho, à aquisição da terra;
- Organização do trabalho na unidade familiar - o cotidiano da família na propriedade;
- A educação das crianças hoje - comparação com a educação em outras épocas;
- Perspectivas para o futuro dos filhos;
- Relatos de experiências pessoais sobre acidentes e/ou doenças;

As entrevistas foram realizadas no período que vai de dezembro de 1984 e setembro de 1985. A maioria das mesmas foi feita durante visitas às residências dos moradores da vila, sendo que cada família foi visitada no mínimo uma e no máximo três vezes. As entrevistas foram feitas com a família em conjunto porque, pelas normas sociais da comunidade, quando a família recebe visitantes, todos se sentam em um círculo para conversar, enquanto tomam mate ou vinho. Quando o visitante é o sexo masculino, em geral é recebido pelos homens da família; quando é o sexo feminino, é recebido pelas mulheres. Para garantir a participação de entrevistados de ambos os sexos, a estratégia utilizada foi de realizar a entrevista com dois entrevistadores conjuntamente, além da guia D. Elma, que fazia os contatos iniciais. Durante a entrevista, houve a preocupação de dirigir as mesmas perguntas a cada participante, com o objetivo de obter uma amostra representativa da fala de cada um. Apesar dessa preocupação, houve uma participação diferenciada de cada membro da família, conforme a desinibição de cada um na situação de entrevista. Foi particularmente difícil conseguir a participação do grupo de 11 a 20 anos, devido à diferença de idade entre esses informantes e os entrevistadores, e também à presença inibidora dos pais e avós. O que se obteve de participação desse grupo foi pouco em relação à expectativa e em comparação com a participação dos demais grupos. Por essa razão, foi feito um conjunto de entrevistas na escola, reunindo grupos de jovens cuja família havia sido

entrevistada, numa tentativa de complementar os dados desejados.

As entrevistas feitas separadamente com os jovens (ANEXO 3) abordaram os seguintes temas:

- Rotina (relato das atividades diárias);
- Trabalho;
- Escola;
- Diversões;
- Religião;
- Participação comunitária;
- Participação familiar;
- Punições;
- Perspectivas para o futuro;
- Relatos de experiências pessoais sobre acidentes e/ou doenças.

Todas as entrevistas feitas foram transcritas, adotando-se a ortografia comum. As transcrições foram suplementadas por observações relevantes, como indicações de risos, pausas longas ou explicações de referências feitas à situação de entrevista.

Outro instrumento utilizado para a documentação da fala do grupo foi a observação do uso da língua em situações diversas. Durante o período em que fizemos a coleta de dados, participamos de várias atividades sociais na vila: almoços, missas, mutirão para a colheita da uva e preparo do vinho, reuniões com pais na escola. As observações feitas durante essas atividades serviram para a confirmação das informações obtidas durante as entrevistas com as famílias e os jovens.

3 REFLETINDO SOBRE OS INDICADORES SOCIAIS DA COLÔNIA SANTO ANTONIO: OS LIMITES DA HOMOGENEIDADE

Até aqui destacamos como uma das características que nos levaram a escolher a Colônia Santo Antônio como caso para estudo é sua homogeneidade étnica e socioeconômica. Mas é preciso salientar que essa homogeneidade não é tão absoluta quanto pode parecer a partir da apresentação inicial que fizemos.

Se considerarmos a questão da homogeneidade étnica, podemos observar que os moradores da Colônia Santo Antônio são um grupo de descendentes de italianos numa região onde esse grupo é minoria. Nas duas sedes de município próximas à vila, Ijuí e Catuípe, há a predominância dos grupos de origem polonesa e alemã. Há três vilas rurais vizinhas à Colônia: Santa Tereza, com uma composição populacional muito semelhante a Santo Antônio; Coronel Barros, que tem uma população de origem alemã; Itai, que reúne famílias de origens étnicas diversas. A proximidade com grupos de origem alemã em geral é conflituosa, devido, por um lado, às diferenças culturais e por outro às diferenças religiosas⁵: enquanto os grupos de origem polonesa e italiana são geralmente católicos, os de origem alemã são evangélicos

⁵ Os conflitos com os outros grupos étnicos aparecem em vários relatos feitos durante as entrevistas. Estão presentes, por exemplo, no relato da informante 243, que, ao explicar porque o filho mais novo, que seria o herdeiro natural da propriedade e o responsável por cuidar dos pais não mora mais em casa, narra que ele "fiz jogô bola lá... prá lá nos lewon e lá achô com uma lewana (...) daí casô e dali enton ela fiz que ele... que ele se virasse de religion". O casamento com uma mulher de origem alemã e a mudança de religião impossibilitou que ele continuasse morando junto com a mãe e trabalhando na propriedade da família. Estão presentes também no relato feito pela informante 111 de um conflito entre vizinhos por causa de um boi, pertencente à família italiana, que pulou a cerca para cruzar com uma vaca de propriedade dos alemães e levou um tiro. O conflito acabou na justiça e levou os vizinhos a se tornarem inimigos a ponto de não usarem para plantação as terras próximas à divisa entre as propriedades.

luteranos. Se a convivência com os grupos de origem polonesa não traz conflitos religiosos, traz conflitos culturais⁶. Assim, a área ocupada pelos italianos é pequena e os contatos com grupos étnicos diferentes são constantes devido à proximidade das vilas rurais vizinhas e à necessidade de contato com os centros urbanos.

A homogeneidade também é relativa quando consideramos a composição interna da população da vila. No QUADRO 1 reunimos uma série de indicadores que apontam os limites da homogeneidade na vila. Ao organizá-lo, atribuímos a cada participante das entrevistas um número, que identifica a entrevista de que participou. Para facilidade na apresentação dos demais dados, reunimos os entrevistados por famílias. Fizemos contatos com 30 famílias, como era a meta fixada no projeto de pesquisa. Dessas, conseguimos entrevistar efetivamente 29. Depois de avaliar o material gravado, optamos por trabalhar com 27 entre as 29 famílias entrevistadas. Eliminamos as entrevistas feitas com duas famílias devido a várias lacunas que apresentavam no preenchimento dos questionários. Alguns participantes das entrevistas foram eliminados por razões diversas: alguns por terem tido uma participação muito pequena na conversa, outros por não serem de origem italiana, outros por terem problemas de saúde que comprometiam a fala. Por fim restaram 74 informantes incluídos na amostra, o que representa em torno de 9% da população da vila.

⁶ Os poloneses são discriminados socialmente, considerados "inferiores" aos alemães e italianos. Veja-se, a esse respeito COSTA (1982).

Consideramos 6 possíveis fatores de diferenciação entre os informantes: sexo, idade, grau de instrução, extensão da propriedade, mecanização do trabalho, conforto da residência. O item mecanização do trabalho refere-se à posse de instrumentos mecanizados para o trabalho agrícola (tratores, grades, pé-de-pato, terraceadores, colheitadeiras, capinadoras, etc.). O item conforto leva em consideração um conjunto de eletrodomésticos que parte das famílias têm, mas não todas e também a posse de automóvel. Não consideramos no item conforto elementos que não são indicadores de uma diferenciação, como luz elétrica, água encanada, fogão a gás e geladeira, que todas as propriedades têm.

QUADRO 1 - INDICADORES SOCIAIS NA COLONIA SANTO ANTONIO

PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS						CONFORTO				
Família	Informe	Sexo	Idade	Instrução	Propriedade (ha)	Mecanização	TV	Congelador	Lavadora (de roupas)	Auto-móvel
01	011	F	42	4a	13	não	não	sim	sim	sim
	012	M	42	4a						
	293	M	16	8a						
02	021	M	49	4a	38	sim	sim	sim	sim	sim
	022	F	45	4a						
	023	F	82	An.						
	024	F	19	2o B						
03	031	F	65	2a	66	sim	sim	sim	sim	sim
	032	M	37	4a						
	033	F	37	5a						
04	041	M	57	2a	45	sim	sim	sim	não	sim
	042	M	35	5a						
	043	F	55	1a						
05	051	M	35	5a	17.5	não	sim	sim	não	não
	052	F	58	An.						
	053	F	34	3a						
06	061	F	41	4a	70	sim	sim	sim	sim	sim
07	071	M	37	5a	30	sim	sim	sim	sim	sim
	072	F	32	5a						
	073	F	65	An.						
08	081	M	41	4a	12.5	não	sim	sim	sim	não
	082	F	40	4a						
09	091	M	40	4a	108	sim	sim	sim	não	sim
	092	F	40	4a						
	093	F	17	2oB						
	094	F	82	An.						
	303	F	13	6a						
10	101	F	33	4a	113	sim	sim	sim	sim	sim
	102	M	36	5a						
	291	M	17	8a						
11	111	F	56	4a	19.5	não	sim	não	não	sim
12	121	M	39	4a	125	sim	sim	sim	sim	sim
	122	F	33	5a						
	123	F	77	2a						

FONTE: Pesquisa de Campo

QUADRO 1 - INDICADORES SOCIAIS NA COLONIA SANTO ANTONIO (CONTINUAÇÃO)

PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS						CONFORTO					
	Família	Informe	Sexo	Idade	Instrução	Propriedade (ha)	Mecanização	TV	Congelador	Lavadora de roupas	Automóvel
13	131	M	38	4a	50	sim	não	sim	sim	sim	
	132	F	40	5a							
14	141	F	65	5a	12	sim	sim	sim	não	sim	
15	151	M	39	4a	32	sim	sim	sim	sim	sim	
	152	F	32	5a							
16	161	F	52	5a	28	sim	sim	sim	sim	não	
	162	M	54	2a							
	163	F	20	6a							
	292	M	16	8a							
17	171	M	59	4a	42	sim	sim	sim	sim	sim	
	172	F	53	4a							
	173	F	28	5a							
18	181	F	39	5a	65	não	sim	não	não	sim	
	182	M	43	4a							
	183	F	83	An.							
19	191	M	70	2a	15.5	não	sim	não	não	sim	
	192	F	54	4a							
	193	F	18	6a							
20	201	M	47	6a	37	sim	sim	sim	sim	sim	
	202	F	44	5a							
	294	M	15	8a							
21	211	M	51	3a	20.5	sim	sim	sim	sim	sim	
22	221	M	64	2a	45	sim	sim	sim	não	sim	
	222	F	60	4a							
	223	M	31	8a							
23	231	M	76	An.	29.5	não	sim	não	não	sim	
	232	F	79	An.							
	233	F	38	2a							
	234	M	37	2a							

FONTE: Pesquisa de Campo

QUADRO 1 - INDICADORES SOCIAIS NA COLONIA SANTO ANTONIO (CONTINUAÇÃO)

PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS						CONFORTO				
Família	Infor-	Sexo	Idade	Instru-	Proprie-	Mecani-	TV	Conge-	Lavadora	Auto-
lia	wante			ção	dade(ha)	zação			lador	(de roupas) móvel
24	241	F	46	5a	21	não	sim	sim	não	não
	242	F	38	4a						
	243	F	68	An.						
25	251	F	36	4a	80	sim	sim	sim	sim	sim
	252	F	60	5a						
26	261	M	37	5a	21	sim	sim	sim	sim	sim
	263	F	11	5a						
27	271	M	40	4a	27	sim	sim	sim	sim	sim
	272	F	31	5a						
	273	M	55	2a						

FORNTE: Pesquisa de Campo

Dentre os indicadores selecionados para a classificação da amostra de informantes, o sexo e a idade serão considerados fatores relevantes no momento em que analisarmos as características da fala do grupo. A diferenciação etária é importante para o trabalho, dado que o problema que pretendemos estudar é o processo de substituição do italiano pelo português que ocorreu num prazo aproximado de 50 anos. Para reconstituir esse processo, é fundamental dispormos de informações fornecidas por falantes de idades diferentes. Também o fator sexo mostrou-se potencialmente relevante, uma vez que se tem no grupo de pequenos proprietários rurais analisado um processo de divisão do trabalho por sexo: por um lado há tarefas exclusivamente masculinas, que são as que se relacionam ao manuseio de máquinas agrícolas e ao contato com bancos e cooperativa; por outro lado, há tarefas femininas, que incluem as atividades

domésticas (limpar, cozinhar, lavar e passar roupa) e ainda tratar dos animais, tirar leite e cuidar da lavoura de subsistência (mandioca, batata, hortaliças). Quanto aos demais fatores, mostra-se necessário uma reflexão prévia antes de reconhecê-los como fatores relevantes para o estudo da fala do grupo.

O primeiro possível fator de diferenciação entre os moradores da Colônia Santo Antônio é a escolaridade. Observando esse fator, vemos que a tendência a atingir determinado nível de escolarização se distribui regularmente entre os grupos etários. Pode-se dizer, como regra geral, que há uma tendência a que o nível de escolarização atingido por cada grupo fique próximo ao que estava disponível na vila durante a infância desse grupo, sem que os indivíduos necessitassem se deslocar para outra localidade.

Conforme RASIA (1987) aponta, a escolarização sempre se dá em concomitância com o trabalho agrícola. Em regra, os jovens são mantidos na escola enquanto possam estudar e trabalhar simultaneamente na agricultura. A partir do momento em que teriam de deslocar-se para outra localidade para prosseguir os estudos, a escolarização é interrompida. Essa característica, determinada pela organização do trabalho na propriedade, faz com que se tenha uma tendência à interrupção da formação escolar em níveis diferentes para cada faixa etária, conforme as diferentes oportunidades educacionais existentes na vila em uma e outra época.

Para a primeira geração (acima de 51 anos), a opção existente era a escola organizada e mantida pelas famílias.

Para esse grupo, a tendência dominante é de permanência na escola até a alfabetização (muitas vezes feita em italiano) e o domínio de cálculos elementares, conteúdos ao alcance da dos professores de que a comunidade dispunha. Nesse grupo (veja QUADRO 2), há dois pólos: o mínimo é o analfabetismo e o máximo é o antigo primário (4ª ou 5ª série).

De uma geração a outra, deslocam-se o patamar mínimo, a tendência dominante e o patamar máximo. Para a segunda geração (de 21 a 50 anos), o patamar mínimo é o que para a geração anterior representava a tendência dominante: a permanência na escola por 2 ou 3 anos. Como essa geração já teve a possibilidade de acesso a escolas mantidas pelos governos estadual e municipal, a tendência dominante encontrada foi de que a permanência na escola fosse maior. A tendência foi de completar a 4ª ou 5ª séries do antigo curso primário. Como patamar máximo se tem a conclusão do antigo ginásio ou do atual 1º grau.

Já o grupo que tem menos de 20 anos mostra a tendência a aproximar-se do 1º grau completo. O patamar mínimo encontrado está na 4ª série e o máximo é o 2º grau, que implica no deslocamento para Ijuí ou Catuípe.

O quadro 2 visualiza a distribuição da escolaridade que descrevemos. A diferenciação por grau de instrução dentro de uma mesma faixa etária é pequena. Daí podemos considerar que, ao agruparmos os falantes por idade, estaremos também separando grupos que têm uma relativa homogeneidade quanto ao grau de instrução.

QUADRO 2 -ESCOLARIZAÇÃO E FAIXA ETARIA NA COLONIA SANTO ANTONIO

Idade	Escolarização				
	Analfa - fabeto	Alfabetizado/ Cálculos ele- mentares	4a a 5a	6a a 8a	2o Grau
Acima de 51	8/25	9/25	8/25	---	---
21 a 50	---	3/38	33/38	2/38	---
11 a 20	---	---	2/10	6/10	2/10

FONTE : Pesquisa de Campo

Cabe justificar o agrupamento num só grupo dos informantes de 21 a 50 anos. O que se tem no conjunto de informantes é uma lacuna na faixa de 21 a 30 anos, em que só há um informante (com 28 anos). A lacuna se deve à constituição da amostra. Os informantes agrupados na faixa de 21 a 50 anos são ou filhos de informantes da primeira geração (acima de 51) ou pais da terceira geração (11 a 20). Como procuramos garantir na amostragem a relação de parentesco entre os entrevistados, isso causou a lacuna a que nos referimos.

No quadro 2 se vê, além da escolarização dos informantes, a composição da amostra organizada pelo recorte por gerações. Não conseguimos uma distribuição equilibrada dos entrevistados entre as três gerações. Procuramos entrevistar famílias que tivessem preferencialmente representantes das três gerações. Como as entrevistas foram feitas com o grupo familiar reunido, houve a participação maior de informantes da segunda geração, que são em geral os donos da casa, responsáveis pela organização do trabalho na

propriedade. Os mais velhos (1ª geração) são em número menor, mas tiveram uma participação significativa nas entrevistas. Já a geração mais nova mostrou-se extremamente arredia. Muitos estiveram presentes no momento das entrevistas, mas só responderam brevemente as questões dirigidas diretamente a eles e tiveram que ser eliminados da amostra. A terceira geração é representada por um número pequeno de informantes e por uma amostra menor da fala de cada um.

No cômputo dos fatores socioeconômicos, o grau de instrução será considerado como redundante em relação à informação dada pelo fator idade. O recorte por faixa etária implicará sempre um recorte também por grau de instrução.

Tomando os outros indicadores socioeconômicos incluídos no QUADRO 1 (extensão da propriedade, mecanização e conforto da residência) e observando a relação entre eles, percebemos a possibilidade de escolher um deles como o mais representativo de uma diferenciação social na vila. O fator que reflete uma pequena diferenciação entre os moradores é a mecanização, ou seja, a posse de maquinário para o trabalho agrícola. O cotidiano de uma propriedade mecanizada é totalmente diferente de uma que não o seja; a ocupação das mãos-de-obra feminina e infantil se diferenciam em uma e outra; a produtividade é diferente em um e outro caso, e conseqüentemente, o acesso a bens de consumo, como os que consideramos como indicadores do item conforto; as propriedades não mecanizadas em geral têm uma extensão menor ou são muito acidentadas e difíceis de serem lavradas com máquinas. São menos valiosas e menos produtivas.

Assim, em vez de considerarmos separadamente os indicadores extensão da propriedade, mecanização e conforto, vamos partir de uma separação entre propriedades mecanizadas e não mecanizadas. Nesse sentido, fica garantida a referência aos itens conforto e extensão da propriedade. Como se vê, a homogeneidade do grupo é aparente: há uma pequena diferenciação no seu interior, explicitada por determinados indicadores. Como essa diferenciação se relaciona ao processo de substituição do italiano pelo português e ao uso de formas lingüísticas variáveis são questões que analisaremos nos próximos capítulos.

CAPITULO 2

DO ITALIANO AO PORTUGUES

Dali veio a obrigação... comé que é? obrigatoriedade, né?
Obrigado a ensiná os filho o português.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem dois objetivos: em primeiro lugar, fazer a reconstituição diacrônica do processo de substituição do italiano pelo português na Colônia Santo Antônio; em segundo, apresentar a caracterização de um aspecto da gramática do português falado atualmente pela população da vila, procurando relacionar as características encontradas com a história da aquisição do português pela população local. A busca de alcançar os dois objetivos propostos resulta em um texto com duas partes distintas, uma com a abordagem diacrônica da substituição do italiano pelo português, outra com o estudo das variações na flexão verbal encontradas atualmente no português falado na vila. Neste

capítulo nos dedicamos ao estudo diacrônico da substituição do italiano pelo português.

Um dos fatores decisivos para a escolha da Colônia Santo Antônio como caso para estudo foi o processo acelerado de substituição de uma língua por outra ocorrido com sua população nos últimos anos. O processo ocorrido desde o momento da criação da vila, aproximadamente na década de 30, até o momento da coleta de dados pode ser descrito em termos muito reducionistas como a transição de uma comunidade monolíngüe falante de italiano que passa a uma fase de bilingüismo, com o uso do italiano e do português, e está se tornando novamente monolíngüe, com o uso exclusivo do português.

Para a reconstituição da história lingüística da vila, optamos por estabelecer como marco inicial a década de 30, época em que o grupo de descendentes de italianos passou a morar no local. Dessa época até a década de 80 ocorreu um processo de mudança radical: houve praticamente a substituição do italiano pelo português.

Ao focalizar o processo de transição de uma língua a outra vamos direcionar a atenção para a questão dos usos do português e do italiano pelos moradores da vila e das motivações que alteraram a correlação de forças e o prestígio das duas línguas junto ao grupo de falantes da colônia. Procuramos fazer o estudo das mudanças de repertório (conhecimento do italiano e/ou do português) e de atitudes (valorização x discriminação) em relação às duas línguas utilizadas pela população local.

A fonte principal de informações para a discussão do processo de substituição e de mudança de atitudes são os depoimentos dos informantes de faixas etárias diferentes. Eles nos permitem perceber as mudanças de atitudes e repertório ocorridas em cada época e os fatores determinantes para que tais mudanças ocorressem. Na reconstituição da história lingüística do grupo, foi possível, para algumas questões, utilizar além dos depoimentos, estudos feitos na região de onde o grupo migrou como fonte suplementar de informações. FROSI e MIORANZA (1973 e 1978) reúnem informações históricas e lingüísticas sobre os imigrantes italianos que se fixaram no nordeste do Rio Grande do Sul, nas chamadas Colônias Velhas. Trata-se do mesmo grupo que posteriormente migrou para o noroeste, para as Colônias Novas, entre as quais está Ijuí.

Na reconstituição da história lingüística do grupo, vamos em primeiro lugar fazer uma síntese do processo de substituição, procurando reconstituir quando e como ele se deu e a seguir, num trabalho de interpretação de trechos dos depoimentos obtidos, discutir a atuação de um conjunto de fatores externos que influenciaram tal processo: a migração, a família, as decisões governamentais relativas ao uso lingüístico e a atuação de algumas instituições na implementação do uso do português.

2 UM QUADRO DA MUDANÇA

O município de Ijuí, onde se localiza a Colônia Santo Antônio, começou a se formar a partir de 1890, quando a Delegacia de Terras e Colonização determinou a medição dos lotes a serem vendidos aos imigrantes (cf. LAZZAROTTO 1977:15). As terras foram ocupadas por imigrantes de várias etnias, alguns vindos diretamente da Europa, outros de regiões de ocupação mais antiga (as Colônias Velhas). Cada família instalada no local recebia uma área de 25 hectares (250.000 m²), além de auxílio para a construção de uma casa provisória e para a compra de ferramentas e sementes. A terra, as despesas de medição e construção de estradas vicinais e os auxílios recebidos deveriam ser pagos pelas famílias num prazo de 5 anos. (cf. LAZZAROTTO 1977: 21). As famílias oriundas das Colônias Velhas eram consideradas bem-vindas pelas autoridades encarregadas da ocupação das terras, pois além de já estarem adaptadas às condições de trabalho brasileiras, tinham condições de pagar as terras à vista (cf. LAZZAROTTO 1977: 26).

Os depoimentos dos moradores mais antigos da Colônia Santo Antônio revelam que esta foi formada na década de 30 por grupos de descendentes de italianos antes residentes nos municípios de Caxias do Sul, Santa Maria e Cachoeira do Sul (Colônias Velhas). Observando-se a amostra de informantes entrevistados, percebe-se que os moradores mais velhos da vila migraram desses três municípios para a Colônia Santo Antônio. Os 12 informantes procedentes desses municípios

pertencem todos ao grupo da primeira geração, que tem ainda 11 indivíduos nascidos na própria colônia ou em localidades vizinhas. Todos os informantes da 2ª geração nasceram ou na Colônia Santo Antônio ou em localidades vizinhas. Os da terceira geração nasceram na Colônia. O quadro 1 mostra a procedência de todos os entrevistados.

QUADRO 1 - PROCEDENCIA DOS INFORMANTES

INFORMANTES	LOCAL DE NASCIMENTO		TOTAL
1ª geração (acima de 51)	Colônias	Santa Maria	2
	Velhas	Caxias do Sul	6
		Cachoeira do Sul	4
	Santo Antônio ou vilas vizinhas	Catuípe	3
		Santo Antônio	10
2ª Geração (21 a 50)	Santo Antônio ou vilas vizinhas	Catuípe	7
		Santo Antônio	31
3ª Geração (11 a 20)	Santo Antônio		10
TOTAL			73

FONTE: Pesquisa de Campo

Na época em que houve a migração para as Colônias Novas, no noroeste do Estado, o grupo era monolíngüe falante de italiano. Esta informação é apontada por FROSI e MIORANZA (1975:58-71) e é recorrente nos depoimentos dos moradores mais antigos da Colônia, que passaram pela experiência da migração e formação das lavouras nas terras novas. O grupo original falava (e fala) o dialeto vênето e o transmitiu aos descendentes. No entanto, os falantes em geral não têm consciência da variação dialetal no italiano. Só uma pessoa, entre os entrevistados, conseguiu informar sobre o dialeto

italiano usado por sua família¹. Os demais mostraram que só fazem a distinção entre falar italiano e falar brasileiro.

FROSI e MIORANZA, nos seus estudos sobre o destino dos dialetos italianos após a vinda de seus falantes para o Brasil, mostram que na região de onde migraram os moradores da Colônia Santo Antônio houve, desde o início da colonização, uma convivência entre vários dialetos, mas com predominância do vênето. Havia nas Colônias Velhas, segundo esses autores, falantes de dialetos vênетos, lombardos, friulanos e napolitanos (FROSI e MIORANZA 1983:58-9), mas "em referência ao número de falantes, um amplo predomínio pertencia aos dialetos vênетos. Sem dúvida, esses determinaram, de modo mais acentuado, as características do falar da comunidade." (idem:59). Relatam também que a partir de 1950 se percebe na região nordeste do Rio Grande do Sul uma fusão de dialetos:

O fenômeno de crescente progresso econômico, cujas causas foram analisadas e a maior representatividade numérica de um grupo étnico e dos seus dialetos, fizeram com que a formação de um sistema lingüístico supradialetal de comunicação seguisse um caminho bem determinado. Com efeito, o maior índice de imigrantes sendo representado pelos vênетos, o meio de comunicação lingüística que predominou foi uma mescla de dialetos vênетos, uma fala comum ou "koiné" com caracterização vênета. Cumpre registrar que, nessa terceira etapa das transformações lingüísticas, os grupos menores e dialetologicamente diferenciados aderiram à nova fala da região. (FROSI e MIORANZA 1983:69)

Pela avaliação de FROSI e MIORANZA, a dominação de um dialeto do italiano sobre os outros na região nordeste (Colônias Velhas) veio a ocorrer na década de 50, cerca de 20

1 A entrevistada que conseguiu dar a informação sobre o dialeto do italiano falado por sua família é falante de friulano, e a consciência que ela mostrou ter de seu dialeto pode estar relacionada à diferença deste em relação ao dialeto falado pelos demais moradores da vila.

anos após a migração para o noroeste do grupo que se fixou na Colônia Santo Antônio.

O que se observa na Colônia Santo Antônio é diferente do ocorrido nas Colônias Velhas. O grupo que migrou passou a ter experiências com as variedades lingüísticas diferentes daquele que permaneceu nas Colônias Velhas especialmente por duas razões. Em primeiro lugar, não havia grupo italiano nas vizinhanças e o contato com o grupo de origem era praticamente impossível: as distâncias eram grandes, as estradas que chegaram até a Colônia eram muito precárias e o trabalho de desmatamento e formação das lavouras em terras novas ocupava os novos moradores intensivamente. Em segundo lugar havia uma grande diferença entre as duas regiões quando se considera os contatos com línguas diferentes que propiciavam aos moradores: na região nordeste, a distribuição geográfica era de vilas de imigrantes italianos cercadas por outras vilas semelhantes; no noroeste, as vilas de descendentes de italianos eram cercadas por vilas de descendentes de poloneses e alemães. Assim, pode-se supor que após a migração, a convivência com grupos étnicos diferentes passou a ocorrer com uma intensidade bem maior do que a existente nas colônias velhas, devido à heterogeneidade étnica da região.

A partir dos depoimentos, podemos perceber que a fase de bilingüismo italiano-português como forma predominante de comunicação na comunidade foi transitória. Ela é um dos momentos de uma transição rápida que se dá num prazo aproximado de 50 anos. Essa transição tem três fases, com o

seguinte perfil: uma em que o grupo utiliza prioritariamente o italiano para a comunicação no dia-a-dia (comunicação intra-étnica característica da fase anterior à migração); uma segunda em que se tem o uso tanto do português quanto do italiano, conforme o interlocutor e o contexto situacional; finalmente uma fase em que se tem a predominância do português para todas as situações de comunicação, restando como contextos de uso do italiano algumas situações muito particulares (brincadeiras, piadas, canções) onde se tem o uso lúdico da língua.

Para identificar as fases da substituição do italiano pelo português na vila, a fonte principal de informações foram as respostas dadas a duas questões incluídas no questionário sobre a experiência dos informantes em relação às duas línguas:

(1) Que língua(s) você (o sr) aprendeu a falar primeiro?

(2) Que língua(s) você (o sr) usa atualmente?

As perguntas que tomam como tópico a experiência individual do falante em relação à aquisição da primeira língua e às situações de uso das duas línguas atualmente informam também a respeito do uso do italiano ou do português no contexto da família e em outros contextos na época em que o informante passou pela aquisição da primeira língua e atualmente.

As respostas dadas à questão sobre a aquisição da primeira língua foram reduzidas a quatro possibilidades, que refletem, numa seqüência logicamente esperada, as etapas

pelas quais a comunidade de fala teria passado entre o uso exclusivo do italiano e o uso predominante do português:

1. italiano
2. italiano e português (bilingüe)
3. português (uso ativo) e italiano (conhecimento passivo)
4. português

Em relação à aquisição, consideramos a possibilidade de interferência de três fatores para a conservação do padrão de aquisição ou de sua mudança: geração quanto à imigração, família e faixa etária. Vejamos qual foi a contribuição de cada um desses fatores.

2.1 GERAÇÃO QUANTO À IMIGRAÇÃO

Uma primeira hipótese que consideramos foi que pudesse haver uma regularidade na aquisição da primeira língua conforme o número de gerações nascidas no Brasil. Poderíamos encontrar, por exemplo, uma maioria de falantes nativos de italiano entre a primeira geração nascida no Brasil, uma maioria de falantes com uma aquisição bilingüe na segunda geração, etc.

Agrupamos inicialmente os informantes pelo critério da geração relativa ao momento da imigração para o Brasil, para observar se o agrupamento dos falantes por esse critério revelaria alguma regularidade de padrões de aquisição da primeira língua. Se encontrássemos a regularidade, isso seria um indicio de ter havido uma adaptação progressiva das

famílias de imigrantes aos padrões lingüísticos da comunidade de fala que passaram a integrar após a vinda para o Brasil. No entanto, o agrupamento dos falantes pela sua geração em relação aos seus ascendentes nascidos na Itália e não revelou nenhuma regularidade de comportamento. Isso nos levou a descartar a hipótese de que o fator ascendência italiana fosse relevante para a determinação dos padrões de aquisição da primeira língua.

2.2 FAMILIA

Uma segunda hipótese considerada é de que pudesse haver uma tendência à manutenção do padrão de aquisição da primeira língua na família. Esperaríamos encontrar em uma família onde os pais tivessem como primeira língua o italiano os filhos mantendo esse mesmo padrão de aquisição, o mesmo ocorrendo com os demais padrões (aquisição bilíngüe, só do português, etc.).

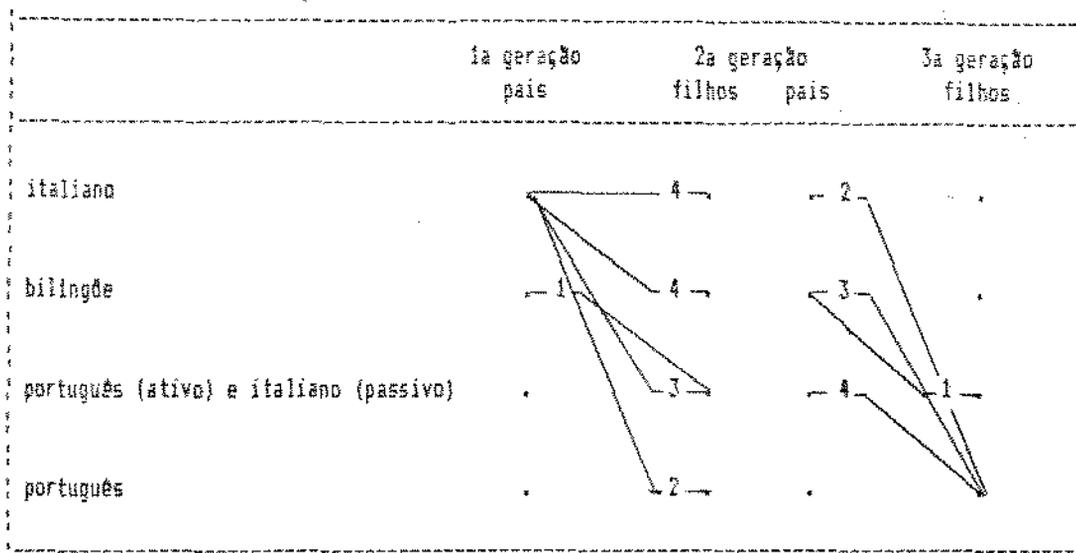
Para avaliar a atuação do fator "família" na definição do padrão de aquisição da primeira língua pelos informantes, comparamos a primeira língua adquirida pelos pais e pelos filhos nos 24 casos em que foram entrevistados pais e filhos, considerando cada família como um caso². Ao fazer essa comparação, mantivemos a divisão em três gerações, que representa o recorte maior dos informantes neste estudo. No

² O número de famílias considerado aqui não corresponde ao total de famílias incluídas no QUADRO 1 (capítulo 1. Naquele quadro tomou-se como critério para o agrupamento das famílias o fato de as pessoas viverem na mesma propriedade. Ao relacionar a aquisição da primeira língua por pais e filhos, foi necessário fazer novo reagrupamento. Há por exemplo, um caso em que foram entrevistados três membros da mesma família (a mãe e dois filhos) e cada um morava em uma propriedade diferente. Houve casos também em que um dos entrevistados foi eliminado. Ou ainda, casos em que os entrevistados têm outra relação de parentesco: sogro/nora, por exemplo. Nos casos considerados aqui, tomamos em cada família uma dupla de pai(mãe) e filho(a).

caso de haver diferença entre a primeira língua adquirida pelo pai e pela mãe, considerou-se apenas a que representa o estágio mais próximo ao monolingüismo português. Por exemplo, se o pai teve como primeira língua o italiano e a mãe teve uma aquisição bilíngüe, foi considerada a aquisição da mãe e desconsiderada a do pai.

Os 24 casos observados mostram a seguinte distribuição:

QUADRO 2 - AQUISIÇÃO DA LINGUA MATERNA POR 25 FAMILIAS



FONTE: Pesquisa de Caspo

No quadro acima, cada linha liga o tipo de aquisição da língua materna dos pais ao dos filhos. Os números indicam quantas famílias apresentam o tipo de correspondência entre a língua materna dos pais e dos filhos apontado pela linha.

As linhas descendentes no quadro revelam que não há uma tendência a que a família conserve de uma geração a outra o mesmo padrão de aquisição da língua materna. O quadro mostra também uma homogeneidade na aquisição da primeira língua nos grupos da primeira e terceira gerações. Só há uma

grande variação na aquisição da primeira língua pelo grupo da segunda geração. Esses falantes que aprenderam a falar entre 1935 e 1964 viveram a transição entre o monolingüismo italiano (tendência dominante na primeira geração) e o monolingüismo português (tendência dominante na terceira geração). O agrupamento dos informantes pelo parentesco aponta para a necessidade de se investigar o fator faixa etária, uma vez que ao mesmo tempo que se tem uma diferença entre o padrão de aquisição de primeira língua dos pais e filhos, nota-se também uma homogeneidade deste padrão na primeira e terceira geração. Isso é uma indicação de que o fator relevante não é o parentesco e sim a faixa etária.

2.3 FAIXA ETARIA

Uma terceira hipótese levantada foi de que a mudança do padrão de aquisição da primeira língua tenha ocorrido de forma regular na comunidade. Se tiver sido assim, o agrupamento de falantes por faixa etária deve revelar padrões regulares de aquisição da primeira língua.

Os depoimentos que temos sobre a aquisição da primeira língua cobrem um período de aproximadamente 50 anos. Para estudar a relevância do fator faixa etária, vamos reagrupar os informantes, estabelecendo divisões no interior dos grupos pertencentes à primeira e segunda gerações. Com o novo agrupamento de informantes feito, temos informações correspondentes aos seguintes períodos:

- acima de 61 anos - período anterior a 1924
- de 51 a 60 anos - de 1925 a 1934
- de 41 a 50 anos - de 1935 a 1944
- de 21 a 40 anos - de 1945 a 1964
- de 11 a 20 anos - de 1965 a 1974

O agrupamento dos informantes a partir da faixa etária veio a confirmar a hipótese formulada. A aquisição da primeira língua entre os grupos de informantes organizados pelo critério da faixa etária revela com clareza a rápida evolução do uso do italiano e do português na Colônia Santo Antônio. Há um momento anterior a 1935 em que a tendência é adquirir o italiano como primeira língua. Depois se tem uma fase que vai aproximadamente até a década de 60, em que ocorre uma mudança acelerada dos padrões lingüísticos da vila. Nessa fase se tem todos os tipos de aquisição investigados: só o italiano, só o português, o aprendizado bilingüe e o aprendizado do português junto com o conhecimento passivo do italiano. Finalmente, para a maioria dos falantes que adquiriram a primeira língua a partir da década de 60, o italiano é desconhecido. O quadro 3 mostra a mudança na aquisição da primeira língua que se processou desde o final da década de 30 até a década de 60. Estamos considerando os depoimentos sobre a aquisição da primeira língua como uma evidência dos hábitos lingüísticos da vila nos diversos momentos analisados. Na fase de aquisição da primeira língua, a criança internaliza evidentemente as formas lingüísticas utilizadas na família e no seu círculo de convivência. Se esse aprendizado foi bilingüe, é uma

evidência do uso do bilingüismo no seu cotidiano. Se foi do italiano, é evidência do uso dessa língua, etc.

QUADRO 3 - AQUISIÇÃO DA PRIMEIRA LINGUA POR FALANTES DE DIVERSAS FAIXAS ETARIAS

PRIMEIRA LINGUA	IDADE				
	acima de 61	51-60	41-50	21-40	11-20
Italiano	12/12	10/13	2/10	4/28	---
Bilingüe	---	3/13	6/10	3/28	---
Português (ativo) e italiano (passivo)	---	---	2/10	19/28	1/10
Português	---	---	---	2/28	9/10

FONTE: Pesquisa de Campo

Esse quadro reflete uma mudança acelerada que vai do predomínio do italiano ao predomínio do português no curto período que vai de 1924 a 1974. A partir dos dados contidos no quadro 3, pode-se identificar três momentos na história lingüística recente da Colônia.

A primeira fase caracteriza-se pela estabilidade do italiano como língua materna. Vai até o início da década de 30 e foi vivida pelos moradores das Colônias Velhas que adquiriram a primeira língua antes da migração para o noroeste e pelos que nasceram nos primeiros anos de formação da vila. É importante notar que todos os entrevistados que tiveram essa experiência adquiriram posteriormente o português como segunda língua. A segunda fase se caracteriza pelo bilingüismo instável e vai do final da década de 30 até a década de 50. As crianças que adquiriam sua primeira língua

nesse período têm experiências bem diferenciadas. Algumas adquirem o italiano como primeira língua, outras têm um aprendizado bilíngüe, outras ainda já adquirem o português, às vezes com um domínio passivo do italiano, às vezes não. É tipicamente uma fase de transição, de instabilidade dos padrões de uso de uma e outra língua na comunidade de fala. A terceira fase tem o português como língua dominante. A partir da década de 60, firma-se a tendência à aquisição exclusiva do português como língua materna. A geração nascida nessa época nos deu a informação de que não compreende o italiano.

Que fatores interferiram para que a comunidade de fala passasse por essas fases é o que procuraremos discutir a seguir.

3 AS RAZOES DA MUDANÇA: FATOS E REPRESENTAÇÕES

O material utilizado para a reconstituição da história lingüística da Colônia Santo Antônio são os relatos feitos pelos informantes durante as entrevistas. Os dados apresentados nesses relatos são a única fonte que se tem para recuperar a experiência da população da vila nessa transição do uso do italiano ao português. Não se pode esquecer, porém, que nos depoimentos há por um lado dados que têm correspondência com acontecimentos reais e por outro avaliações (representações imaginárias). Nos relatos dos informantes, os fatos não são apresentados secamente; na

maioria das vezes eles são interpretados: há nos relatos tanto fatos quanto representações.

Esse duplo caráter dos depoimentos está longe de ser um problema para a análise; pelo contrário, é enriquecedor, no sentido de que contribui para a compreensão do processo de substituição lingüística enquanto consequência da implementação de uma política lingüística do Estado brasileiro e de uma mudança de atitude da comunidade. É muito interessante que se tenha acesso às representações sobre os fatos, pois para um estudo sobre mudança lingüística, elas têm tanto interesse quanto os fatos em si. As atitudes reveladas nessas representações estão ligadas às motivações inconscientes que levam os falantes a selecionar e reforçar o uso de determinadas características de sua fala e a rejeitar outras³. Tomemos, por exemplo, o seguinte relato do informante 231 (sexo masculino, 1ª geração):

E. Agora, quando o senhor era criança era diferente?/ Sim, falava só italiano(...) Tinha brasileiro que falava em brasileiro, nego preto casado com italiano, mas ele falava só em brasileiro. Enton nós escuitava aquilo, né?(...) E, na depois viemo aqui que enton era só... que quase só falava em brasileiro, tirava madeira pra cá e prá lá, italiano non compreendiam, enton era obrigado a... ligeiro aprende a falá em brasileiro. (231 - 23:02)⁴

³ Em seu estudo sobre Martha's Vineyard, LABOV já demonstrou a importância da representação que os falantes têm das variantes lingüísticas como motivação para a variação e a mudança lingüísticas (LABOV 1972: 1-43)

⁴ Nas transcrições, cada entrevistado é indicado pelo número com que foi identificado. A fala do entrevistador é indicada com a letra E. Havendo citação da fala de mais de um entrevistador, são usados índices junto à letra E (E1, E2, etc.) Ao fim de cada trecho citado se indica o número da entrevista, e, depois de dois pontos, a página de onde a citação foi retirada.

Esse relato contém várias informações relevantes, algumas como dados correspondentes ao real, outras como representações. Por exemplo, há os dados de que a primeira língua adquirida pelo informante foi o italiano, que era a língua usada normalmente no contexto familiar; há também o dado de que a migração foi um fator decisivo para que o informante viesse a aprender o português como segunda língua; outro dado é que o aprendizado do português foi motivado por razões práticas, entre as quais possibilitar a comercialização da madeira.

O relato contém também algumas indicações sobre a atitude do informante quanto ao prestígio do italiano e do português. Essa atitude é de perplexidade diante de uma situação que contraria sua expectativa. Parece que o informante espera ver concretizada a afirmação de GNERRE(1985:4) de que "uma variedade lingüística 'vale' o que 'valem' na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais". Sua atitude é de perplexidade ao perceber que as pessoas que pertencem a um grupo étnico discriminado socialmente (brasileiros) recusam-se a aprender a língua de outro grupo étnico que tem prestígio social. Essa perplexidade sobre o "brasileiro que falava em brasileiro", mesmo tendo realizado um casamento socialmente desigual com uma pessoa de uma camada social superior à sua - "nego preto casado com italiano" - indica que o falante tem uma resistência em aceitar o uso do português como língua dominante na região. Note-se que a avaliação sobre o português e o italiano parte de um padrão referencial interno à comunidade de fala. E o próprio grupo

de origem italiana que tem uma auto-imagem de ser um grupo social e culturalmente superior aos falantes de português.

A situação encontrada pelo grupo na época da migração é provavelmente da ocupação de uma área por diversos grupos étnicos, com relação conflituosa, cada qual falando uma língua diferente. Nesse caso, houve a necessidade de uma língua que servisse para a comunicação entre os diversos grupos falantes de italiano, alemão, polonês. No caso, a língua adotada foi o português que, embora seja a língua oficial do país, para a população local, é a língua do grupo mais marginalizado (os "brasileiros", os "sem origem", os "negros", os empregados⁵, os ex-escravos). Dai a perplexidade presente no depoimento do informante 231, que representa um sentimento geral na comunidade.

Para cada uma das três fases principais da história lingüística da Colônia Santo Antônio, é possível encontrar nos relatos dos informantes tanto indicações de fatos relevantes para a compreensão do que ocorreu em cada período como de atitudes frente às motivações que levaram o grupo a mudar seus hábitos lingüísticos.

3.1 PRIMEIRA FASE: A MIGRAÇÃO PARA O NOROESTE

Na primeira fase, para os falantes que tiveram a aquisição monolíngüe em italiano, o fato relevante que levou o grupo a alterar seu uso lingüístico foi, sem dúvida alguma, a migração para a região das Colônias Novas. As Colônias

⁵ Entre os valores que os pequenos proprietários da Colônia Santo Antônio mais prezam está o de serem donos de suas terras, de não serem assalariados. Ser assalariado é, para eles, algo desabonador.

Velhas eram formadas basicamente por imigrantes italianos. Tanto nas sedes urbanas quanto nas vilas rurais, a convivência se dava dentro do grupo étnico italiano. Com a migração para as Colônias novas, o aprendizado do português foi necessário por uma estratégia de sobrevivência e pela necessidade de convivência com outros grupos étnicos que não tinham uma língua comum. Além disso, a escolha de uma língua para a comunicação entre os diversos grupos étnicos que passaram a conviver nas Colônias Novas dificilmente poderia ignorar a sociedade nacional e a existência de uma língua oficial no Brasil, mesmo que essa língua oficial fosse associada na sociedade local ao grupo social mais discriminado.

O depoimento abaixo revela a necessidade de aprendizado do português como segunda língua após a migração, da mesma forma que o depoimento do informante 231 comentado acima:

123. Sim, mas depois que veio morá aqui, eu falei, mas agora lá em Caxias sim, se falava tudo italiano./E.Só italiano!// 123. Agora, aqui começemo a se falá em brasileiro(...)/ E. A senhora falava então lá?// 123. Lá sim, lá nós se falava quase tudo italiano./ E. Agora quando viero prá colônia.../ 123. Agora, depois que cosecemo aqui, quase toda gente daqui falava brasileiro, começemo a se falá em brasileiro (12- 1:2)

Assim, a mudança para as Colônias Novas é um fator provocador para a aquisição de uma língua nova. Como é preciso "falar brasileiro" para sobreviver nas terras novas, os migrantes tornam-se bilíngües, em diferentes graus de proficiência do português. A migração representou para o

grupo o primeiro grande impacto sobre sua linguagem. Esse impacto levou os migrantes a adquirirem o português como segunda língua, uma língua franca necessária para a comunicação com outros grupos étnicos. Os depoimentos sobre essa fase mostram que os falantes têm a representação de que o aprendizado do português como segunda língua ocorreu nessa época por uma necessidade de adaptação a uma situação nova e que seu uso se restringia à comunicação fora do grupo étnico. Há indícios, no entanto, de que o uso do português nessa época não ocorresse somente na comunicação fora do grupo de origem italiana. Entre os 12 informantes que adquiriram sua primeira língua no período aproximado de 1925 a 1934, 3 relataram ter adquirido simultaneamente o português e o italiano. Isso é um indício de que o português era usado pela família em alternância com o italiano. É possível supor que ainda que o grupo não tivesse sofrido outros grandes impactos nas décadas de 40 (com a II Guerra e as medidas de "nacionalização" dos imigrantes) e de 60 (com a modernização da agricultura na região), que serão discutidos mais tarde, a mudança desencadeada pela migração levaria o grupo a aumentar progressivamente o uso do português e talvez a se tornar monolíngüe depois de algum tempo. O resultado da migração foi a aquisição do português como segunda língua e a consolidação de um uso bilíngüe na comunidade.

Não há nos relatos dos informantes manifestações mais veementes de rejeição à necessidade de adquirirem uma segunda língua para se adaptarem à nova região onde passam a morar (nordeste do Estado). Há apenas um estranhamento de que a

população daquela região fale "brasileiro", a língua de um grupo étnico marginalizado socialmente. O bilingüismo que se instalou na comunidade a partir da década de 30 provavelmente levaria o grupo a mudar lentamente em direção ao uso do português, ou pelo menos a estabelecer determinados domínios para o uso do italiano e do português.

3.2 SEGUNDA FASE: AS MEDIDAS DE NACIONALIZAÇÃO DOS IMIGRANTES E SUAS CONSEQUENCIAS

A partir de 1938 vem um segundo impacto sobre os hábitos lingüísticos do grupo: o governo brasileiro toma progressivamente um conjunto de decisões visando restringir, ou melhor, eliminar, o uso das línguas trazidas pelos imigrantes europeus. É a época em que o Estado implementou a nacionalização das colônias estrangeiras no país, a partir de um conjunto de medidas que restringiam o uso das línguas dos imigrantes⁶. As medidas adotadas incluem as proibições: do funcionamento de escolas em línguas estrangeiras; da publicação de periódicos nessas línguas; do uso de outras línguas que não o português em locais públicos. Parte das medidas tiveram um período restrito de vigência, mas uma delas, a exigência de que o ensino fundamental seja ministrado em língua portuguesa, com a proibição do ensino bilingüe para os descendentes de imigrantes, permanece em vigor ainda hoje. Observe-se que a Constituição Brasileira

⁶ Essas medidas foram motivadas pela situação internacional (tensões anteriores e durante a II guerra) e por pressões da sociedade nacional sobre o governo Vargas. O objetivo era integrar à sociedade nacional os alemães e italianos que representavam dentro do Brasil os inimigos externos do país.

promulgada em 1988 só admite o ensino fundamental bilíngüe para as comunidades indígenas. Mantém-se a proibição desse tipo de ensino para as comunidades de descendentes de imigrantes. O artigo 210, parágrafo 2, estabelece:

O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Não encontramos no museu de Ijuí documentos que fossem reveladores de como as decisões governamentais de restringir o uso das línguas dos imigrantes foram implementadas na região. Podemos supor, no entanto, que essa implementação tenha se dado de forma semelhante à que ocorreu em outras regiões de colonização estrangeira no Rio Grande do Sul. KIPPER(1979) descreve nos seguintes termos a implementação das medidas restritivas ao uso de línguas estrangeiras no município de Santa Cruz do Sul - RS, de colonização alemã:

A partir de 1938 a população começa a ser aos poucos proibida de falar o alemão. Inicialmente a língua é proibida nas escolas elementares, repartições públicas e cerimônias religiosas. Depois a proibição será estendida a todos os locais públicos e, finalmente, o excesso de zelo dos funcionários policiais do município vai inclusive controlar os domicílios.(...) A partir do início de 1939, o intendente municipal nomeado pelo interventor do Estado como todos demais nessa época, vai efetuar a nacionalização da administração municipal proibindo expressamente o emprego de idioma estrangeiro na Prefeitura Municipal e suas dependências, inclusive subprefeituras dos distritos e estabelecendo que nenhum contribuinte poderia ser atendido por funcionários se que se expressasse em português.

A fim de evitar que funcionários penalizados com a aflitiva situação de algum contribuinte pudessem transgredir a lei estabelecida, estes foram ameaçados de penalidades que iam desde a advertência até a demissão se as transgredissem. Em outras repartições públicas federais e estaduais vai ocorrer o mesmo. (KIPPER 1979:20)

KIPPER transcreve também o seguinte trecho do último número do jornal *Kolonie de Santa Cruz do Sul* publicado em língua alemã, em 1941:

E este o último número da nossa folha, em que se aplica a língua alemã. Sabem os nossos leitores que, por ordem do Governo Federal, não podem ser publicados no Brasil jornais ou revistas em línguas estrangeiras de 31 de agosto em diante. Com essa medida - de resto única no mundo inteiro - finda-se a existência secular da imprensa teuto-brasileira, a mais antiga e também mais numerosa imprensa em língua estrangeira que se publicou no Brasil, embora a imigração germânica não prevalecesse pelo número. (KOLONIE, 29/agosto/41) (KIPPER 1979:23)

As decisões tomadas pelo governo federal chegam até a população da Colônia Santo Antônio através da atuação de um conjunto de instituições.

3.2.1 A ATUAÇÃO DA POLÍCIA

A primeira instituição que atuou na implementação do uso da língua portuguesa na região foi a Polícia. Houve segundo os relatos, uma atuação policial ostensiva na fiscalização do cumprimento da exigência de que somente a língua portuguesa fosse utilizada em locais públicos. Os indivíduos flagrados utilizando a língua italiana recebiam ameaças e punições.

De todas as instituições que atuaram para levar os descendentes de imigrantes a usar a língua portuguesa, a que está mais presente na memória do grupo é a polícia. É fácil compreender porquê: a presença da polícia e sua ação coercitiva sobre os descendentes de alemães e italianos impedia que estes se esquecessem do caráter que o uso de línguas diferentes do português tinha nessa época, ou seja, de um comportamento criminoso, sujeito a sanções penais. Falar italiano nessa época era um problema de polícia, um crime que podia ser punido com a prisão. O que mais marcou a memória dos indivíduos que entrevistamos foi a pressão que sofreram por serem falantes de italiano num momento em que a pressão nacional para eliminar o uso dessa língua no território nacional eram muito fortes. Os depoimentos I a VII transcritos abaixo mostram a representação que os falantes têm da ação policial durante a II Guerra.

DEPOIMENTO I

Olha, aqui porque esses tempo dizia que tinha um inspetor no lugar, não é? Entom esse proibiu que todos italiã não podiam mais falá italiã. (...) E daí proibiu que todos que tinham livro italiã tinha que ser tirado deles. E souiu o livro, não é? Esse livro que eu falo até às veiz pra eles que eu gostaria de encontrá o dito livro, não é? Na não pude mais sabê onde é que está. (...) Dali nós tava criando nossos filho, nós percuremo ensiná só o português pra eles, né?, que foi deixado...mas eu com o finado sogro e a finada sogra incontinui falano, porque eles não falavam, não é?(...) Non, nós se cuidava, na tinha velho que não saia nem de casa porque tinha medo, não é?,de se falá. Vê que escravidon que se tornô, não é? E uma escravidon isso ali. (...) Na tinha as velhinha que nem mais na missa, no culto não iam porque elas falá em brasileiro não sabiam, e se encontravam com as amiga, as coadrede falavam, né? Firavam em casa. (...) E, aí eu com o meu finado esposo dissemo: entom não adianta ensiná as criança, vomo... (031- 03:2-3)

DEPOIMENTO II

Eu sei eu sei que houve uma notícia triste, que a finada mãe chorava que a mãe dizia sempre, ela disse: "eu quase não saía de casa", ela disse, "agora vou tê que ficá sempre em casa, porque eu não sei falá". Ela saía para fora, ela dizia "bongiorno" era bom dia, né? Boa tarde era "bonassera" que era boa tarde, né? Ela disse: "não sei nem dizê adeus prá uma pessoa em italia... em brasileiro", ela diz, "vou tê que ficá em casa", ela disse, "por causa que diz que proibiram. (041 - 14:09)

DEPOIMENTO III

Mas teve uma época que era proibido falá italiano. / E. Na época da guerra? / E, é mesmo. A minha mãe tinha a minha irmã que foi operada, teve que ir outra pra cuidá, porque ela não falava em português e lá no hospital... Deus o livre! Era uma época que eles não podiam falá uma palavra italiano, que diz que iam recolhê, não sei que... (152 - 23:2-3)

DEPOIMENTO IV

Depois que obrigaram a lei falá em brasileiro, eu estudei em brasileiro e larguei, abandonei. (...) E, obri... obrigado porque quando ia pro comércio que se cause um italiano falasse italiano ou alemão até ir pra cadeia. (...) Ah! Pois é, aí que está. E era proibido, pronto. Tinha que aprendê em brasileiro porque pro comércio ali era só brasileiro, e o leão que não sabia se defendê, ele tinha que levá um outro. (...) prá podê negociá, prá falá em brasileiro, né?, em certa repartiçom. (231 - 23: 1-2)

DEPOIMENTO V

Fomo na missa um domingo lá na igreja e tinha um polícia lá. E ele disse que viu gente cochichá em italiano, diz que viu umas mulher lá cochichano. E eu fiquei me cuidano já. Tudo se cuidemo. Mas ele... eles diz que viu as mulher cochichano e falano em italiano (...) Não falemo mais, a gente se cuidava quando saía lá por cima. (023 -02:3-4)

DEPOIMENTO VI

Uma vez então o finado papai que gostava muito de falá o italiano, não é?, e ele tava na cozinha da tia Helena falando com a mãe e a tia Helena. Era uma velha também. E esse finado Itagiba por lá, quando o finado pai saiu, agarrou ele por um braço e quis batê nele. E proibiu que daquela hora em diante ele não era mais pra falá em italiano. E também depois daquela vez não falavam mais. (043-04:4)

DEPOIMENTO VII

Não, não... dali veio a obrigação... comê que é? Obrigatoriedade, né? Obrigado a ensiná os filho o português. Mas lá... lá por exemplo, os pais esqueciam... porque a trela mesmo era italiano, né? Mas lá pelas tantas eles se lesbravam que... que tinha que ensiná o português (...) meio atrapalhado, mas tivero que ensiná, né? E dali no decorrer de pouco tempo, né? E inclusive nós tínhamos lá um... comê que se dizia, um espião... (...) O quarteirão. E em Santa Tereza cuidano as pessoas se falavam italiano. E dali veio aquelas... aquelas... aquele... comê? ...aquela... campanha cerrada do português, né? Ele até ameaçava surrá, viu? (...) Houve ... houve uma revolta assia total, né? E... por exemplo contra até a pessoa daquela autoridade que tinha lá proibindo as pessoas... (...) Era brasileiro, brasileiro daqueles carrasco velho. Daqueles... comê... brasileiro, viu? Brasileiro daqueles que... criminoso e violento. Então tinha uma... e ele ficou como como responsável pela comunidade lá pra fazê... (...) E ali nós... e ali entramo pra obrigatório. (041 - 04:4-5)

Nesses depoimentos está sempre presente a figura do policial encarregado de fiscalizar o uso lingüístico no local. Segundo os relatos, a ação policial se dá pela ameaça ou de violência física ("agarrou ele por um braço e quis batê nele" - Depoimento VI) ou de prisão ("era uma época que eles non podiam falá uma palavra italiano, que diz que iam recolhê" - Depoimento III; "(...) porque quando ia pro comércio que se causo um italiano falasse em italiano ou alexão até i pra cadeia" - Depoimento IV).

A fiscalização para impedir o uso do italiano se dá em locais públicos (comércio, hospital, igreja), mas não se restringe a esses locais. No depoimento VI há o relato da

ação policial com ameaças ao falante que usou a língua italiana dentro da residência ("na cozinha da Tia Helena").

Há uma recorrência nos depoimentos de afirmações que reconhecem a eficácia da ação policial na proibição do uso do italiano. Nos relatos dos informantes não há referência ao desenvolvimento pela comunidade de formas de resistência para garantir a preservação da língua. Pelo contrário, o que se tem são indicações de medo e resignação, junto com a aceitação da nova língua imposta ao grupo.

3.2.2 A ATUAÇÃO DA IGREJA, DA ESCOLA E DO SERVIÇO MILITAR

As demais instituições que tiveram um papel importante no processo de implementação da substituição do italiano pelo português não são alvo da mesma rejeição manifesta em relação à atuação policial. A escola, a Igreja Católica e o serviço militar são apontados como instituições que favoreceram a passagem ao uso exclusivo do português, mas a relação dos falantes com essas instituições, no momento em que atuam na implementação do uso do português, não é conflituosa como a relação com a instituição policial. A proibição do uso da língua materna (ou de uma das línguas maternas) coloca sob suspeita, mostra uma rejeição social explícita a toda a cultura italiana. A identidade cultural do grupo sofre um grande abalo com isso.

Há relatos dos entrevistados de que na década de 40 a Igreja passou a exigir que as crianças aprendessem a rezar em português como condição para fazerem a primeira comunhão. Com essa atitude, a Igreja atuou diretamente na implementação do

uso do português na comunidade de fala. Não sabemos se a exigência de "rezar em português" como condição para fazer a primeira comunhão foi uma exigência isolada de algum padre que atendia a população da Colônia ou se essa atitude partiu de uma orientação mais ampla da Igreja. De qualquer forma, essa exigência tem um peso muito grande para expandir os domínios de uso do português, pois introduz o uso dessa língua num contexto de intimidade, tenta substituir a "língua usada para rezar" por um grupo de tradição católica muito arraigada. O uso da língua para fazer as orações seria um daqueles domínios mais íntimos, onde o português só penetraria quando estivesse se completando o processo de substituição do italiano na Colônia. A atuação da Igreja acelera a penetração da língua portuguesa nesse domínio.

A Escola teve também um papel fundamental na implementação do uso do português. A partir da proibição do uso do italiano em locais públicos, o ensino fundamental passou a ser feito em língua portuguesa e controlado pela administração municipal. As crianças passaram a ser avaliadas, ao fim de cada ano letivo, por professores indicados pela prefeitura. A centralização do controle sobre a avaliação da aprendizagem das crianças representava um controle sobre o professor, que era obrigado a alfabetizar em português. Desapareceram as antigas escolas organizadas e mantidas pelas próprias famílias, em que a alfabetização era feita em italiano. As crianças que até os 7 ou 8 anos ainda não tivessem aprendido o português, passaram a ter que fazê-lo para serem alfabetizadas.

O uso do português é implementado também durante a prestação do serviço militar, o que afeta uma parcela muito pequena da população. Mesmo que a participação do serviço militar tenha sido pequena, não queremos deixar de mencioná-la, já que nos depoimentos se tem indicações de que os rapazes que iam prestar o serviço militar eram obrigados a utilizar somente a língua portuguesa.

Quando a imposição da língua portuguesa vem como uma condição de integração na Igreja, de sucesso na escola ou como norma de comportamento no serviço militar, os entrevistados mostraram que tentaram se adaptar a essa imposição sem questioná-la. O prestígio das instituições envolvidas na implementação do uso do português provavelmente foi mais forte do que a associação da língua portuguesa aos falantes discriminados socialmente.

DEPOIMENTO VIII - IGREJA

Briga maior, a briga maior foi quando eu foi passá... prá passá... prá passá a primeira comunhão, que a minha mãe e o finado pai me ensinavam a... as orações tudo em italiano, né? E depois houve aquela viravolta e já tava com... com 10 ano por aí. Mas foi uma luta tremenda. (041 - 04:1)

DEPOIMENTO IX - ESCOLA

Português foi quando eu comecei, na idade de... na idade de que... de 9 anos quando fui no colégio. (...) E daí com a idade de 9 anos eu comecei no colégio só sabia falá italiano. (...) Mas o professor teve que se... né? Porque não era só eu, né? (041 -04:1-2)

DEPOIMENTO X - ESCOLA

Tudo tudo falavam em brasileiro e obrigaram o sujeito aprendê a falá em brasileiro e depois veio pela escola também. Era só falá em brasileiro pra criança e pra i estudano, é, prá ensinã.
(231 - 23:2)

DEPOIMENTO XI - SERVIÇO MILITAR

Olha, a gente começou assim, me lembro sempre que tinha meu irmão mais velho que puxava bem o português, né? Me lembro quando eu era pixotinho de 5 anos, acho que antes disso eu uma vez misturava muitas coisas ele me corrigia. Naquela época ele foi quartel, então ele mesmo já voltou um pouquinho mais...melhor, né? (021 - 02:1)

Parece claro que o resultado do conjunto de medidas relativas ao uso do português adotadas de 1938 a 1943 efetivamente foi de acelerar o processo de substituição do italiano. Assim é que a maioria dos informantes que tiveram a aquisição da linguagem a partir de 1945 já adquiriram o português como primeira língua. O padrão de aquisição relatado pelos informantes como o mais característico dessa época é o uso do português juntamente com o conhecimento passivo do italiano. Provavelmente o italiano foi deslocado para outras funções a partir da pressão sofrida pelos falantes.

Dos 26 informantes que adquiriram a linguagem entre 1945 e 1964, 17 tiveram o padrão de aquisição apontado: português ativo e italiano passivo. Os outros 9 informantes têm padrões diferenciados de aquisição: 4 adquirem o italiano; 3 têm uma aquisição bilingüe e 2 adquirem o português. O conhecimento passivo do italiano é condição para

a comunicação com as gerações mais velhas, que tinham uma proficiência limitada do português.

3.3 TERCEIRA FASE: A MODERNIZAÇÃO

O terceiro impacto sobre os hábitos lingüísticos da comunidade de fala ocorre a partir da década de 60, com a modernização agrícola na região. A partir dessa época, o cultivo tradicional da terra praticado na região dá lugar à agricultura mecanizada, voltada à produção de grãos para a exportação. A economia regional passa a depender principalmente da produção de soja, feita com uma tecnologia sofisticada. A aquisição de novas técnicas de plantio, o acesso ao crédito bancário, as mudanças na comercialização levam os agricultores a ter um novo tipo de integração com os centros urbanos: tem-se tanto a ida freqüente dos agricultores à cidade quanto de técnicos agrícolas às propriedades rurais, para difundir junto aos agricultores os novos conhecimentos de que necessitam para seu trabalho. São redefinidos os papéis dos membros da família em relação ao trabalho agrícola, a partir da introdução das máquinas. O trabalho feminino e infantil passam a se diferenciar do trabalho masculino, uma vez que o manejo das máquinas é tarefa exclusivamente masculina. As condições habitacionais se modificam com a eletrificação rural e a aquisição de eletrodomésticos e conseqüentemente são redefinidos os padrões de higiene e conforto.

Em relação ao comportamento lingüístico, podemos dizer que a modernização já encontrou o uso do português

consolidado na Colônia Santo Antônio. Como já apontamos, a maioria dos informantes que tiveram a aquisição da linguagem entre 1945 e 1964 já têm o português como primeira língua. O impacto da modernização não se dá diretamente sobre o uso da língua ou sobre o processo de aquisição, mas colabora na consolidação de uma atitude de valorização da língua portuguesa, ligada a valores "modernos" e de rejeição do italiano, associado a valores conservadores. Dos informantes que adquiriram a primeira língua após 1965, quase todos só adquirem o português e não têm nem o conhecimento passivo do italiano: 9 entre 10 estão nessa condição. Nas entrevistas, esses informantes mostraram um desinteresse total pela língua italiana.

Eis o relato de uma informante (da primeira geração) sobre suas netas (terceira geração):

E.E agora as netas não entendem?/ 141. Nun entendim. Ui! Uma das vez eu ri com minha comadre ali vizinha. Das vez comecemos a falá assim, sabe? Nós sono quase da mesma idade. Daí ela começa a dizê. Chama "Mãe, olha aqui, a nonna tá falano inglês com a Tia Liti ali" Que! Italiano! Porque elas num compreendim nada, né? E isso aí. (141 - 14:11)

Quando se abordou a questão do conhecimento do italiano com os jovens menores de 20 anos, a resposta dada foi sempre do tipo "isso é coisa de velho". Para esse grupo, a identidade étnica não tem entre suas marcas o conhecimento e o uso da língua dos ascendentes; as marcas incluem a alimentação, a religião, os valores morais, o sistema de herança, etc., mas o uso da língua italiana é considerado coisa do passado.

4 OS DOMÍNIOS DO PORTUGUES E DO ITALIANO HOJE

Se considerarmos a amostra de informantes como um todo, veremos que a maior parte das pessoas entrevistadas na Colônia são bilíngües. De um total de 73 entrevistados, 40 (54.8%) são bilíngües, 21 (28.8%) têm um conhecimento passivo do italiano e 12 (16.4%) só conhecem o português. Esta composição da população pode sugerir que haja determinados domínios em que o italiano seja preferido e outros em que os falantes prefiram o português. Os relatos dos informantes negam isso. Segundo eles, as situações em que se prefere o italiano são raras. Primeiro, temos seu uso como um sinal de deferência quando o interlocutor é idoso e tem uma proficiência limitada no uso do português. Nesse caso, regras sociais determinam que se use o italiano.

Outra situação mencionada por vários entrevistados é de momentos de lazer em que o italiano é usado para contar piadas, fazer brincadeiras e cantar. O uso do italiano nessas situações é um comportamento saudosista de uma faixa dos moradores. O italiano usado nessas atividades de lazer é uma marca de solidariedade intra-étnica. As músicas e piadas em italiano fazem parte de uma tradição, que os moradores mais velhos relembram nas ocasiões festivas. Mas para as atividades rotineiras do grupo, seja em casa, seja na sede da vila ou nas cidades, o que se tem é o uso exclusivo da língua portuguesa.

A apresentação desse quadro é recorrente em várias entrevistas e corresponde, sem dúvida, ao perfil geral da

comunidade. No entanto, há exemplos que não se encaixam no padrão. A entrevista de D. Rosa, uma informante de 68 anos, é uma amostra de uso do português e do italiano que não se encaixa na distribuição dos domínios das duas línguas na comunidade de fala. As duas línguas se alternam no discurso de D. Rosa, que se caracteriza pelo code-switching. A fala dessa informante pode ser uma evidência de uma situação historicamente anterior, que pode ter ocorrido com frequência nos anos 40 ou 50. Vejamos como ocorre o code-switching em algumas das narrativas produzidas por D. Rosa. Vamos transcrever 3 trechos selecionados da entrevista com a informante para depois caracterizarmos como o português e o italiano se alternam na sua fala.

Tinha um tinha um... e sempre o finado pai há dito: Porque ele casô co'a minha mãe... Vera! Quando ele era vivo, há dita: "Ne te dago la tosa" Dopo maridato co'a tosa - "ma sacramegna! - fare la polenta senza sale!" E... (risos). Ma óia, parece que foi onte que me disse aquela cosa, che. Que nóis era pequena. Dispois eu sempre falava - Vera! - Prá nóis anzi é... - Dh! Mia nossa! - E perchê eu non tenho a idéia de me aleabrâ de tudo? - Vera! - Ma se non me lembro onde, onde que nóis nascemo lá em Cassia onde que nóis brincava com as outra, que era um perau. O finado pai entom botava um cesto de... de... de milho tudo enfiado. Vinha reto. Quando que caia lá perto do rio das Antas se esparavava. Abobra tudo tinha. Se esparavava de tom lugar feio que nóis morava. E era i de cavalo. Entom essa do finado tio da...da...da minha irmã Lúcia, mais véia. Entom era madrinha dela. E há dita: "Mi la porto a casa la guria qua." Si... si há dita la finada mãe, puo portarla a casa. Nê que tom sentada em banda vera, sentada na sela do cavalo así. E fui indo, quando que subiu de lá de basso e dispois mais outra volte pâ subi na... na praça assim na... lá na... Cassia ali e... e avante quando que ela cubiu así, quando foi que fazê quella vçita lá, ali era um bruto dum buraco, ela... entom ela gritava: "Pobre daquela, a madrinha dela!" Que ela disse: "O cavalo morreu. O cavalo caiu." "E a guria?" "E a guria non, la

tosa? No, no, la tosa lá vá mi qua. La tosa no é caisto no. E lá sul cavalo* - l'ha dita. Ma Dio! Santo António! Que bruto perau ali, que era! (risos (243- 24: 2-3)?)

Me dói essa perna aqui. Eu disse: "Bom, vai porte mi una carga de pasto!" "No, no la ha dito. dopo se queixa." "Ai, ai... ma sacraeegna! - la ha dito - Fica aqui também, tem que caminha prá lá e prá lá igual. Enton io é mió reto i buscá uma carga de pasto per la vaca que quero engordá. Vera! 'Sta vaca proveitá pandom.'" (243 - 24:9-10)Ⓢ

Ah! O finado Oreste... de primeiro nós morava na beira-son, uma caseta de capim. E... e depois foi a pouca, pouca... Entom... ele sube que tinha aqui um que ia vendê a terra, que era um finado tio Libardoni... Carlos Libardoni. Morava na... morava afinal lá na Santa Tereza. Entom esse tio ha dito: "Ti compra lá, que te vendo a terra bem a barato" - sto tio dizia. Ha dito: "Ma e pagare?" "Ma che pague se um pouco alla volte, um pouco alla volte ti pague". Enton com... paguemo aqui. E tinha

7 A narrativa de D. Rosa pode ser traduzida aproximadamente assim:

Tinha um (caso para contar). O finado pai sempre contava (essa história). Porque ele se casou com a minha mãe. Verdade! Quando ele era vivo, disse: "Eu te dou a moça". Depois de casado com a moça: "Mas - Sacraeegna! - faz a polenta sem sal". (risos). Mas veja, parece que foi ontem que me disse aquilo. Nós éramos pequenas. Depois eu sempre falava - Verdade! - prá nós assim é ... - Minha Nossa! - por que eu não consigo me lembrar de tudo? Verdade! Mas se não me lembro de onde nós nascemos lá em Caxias, de onde nós brincávamos com as outras, que era uma ribanceira. O finado pai então botava um cesto de milho (preso numa corda). O cesto descia direto e quando caia lá perto do Rio das Antas se esparrava de tão feio que era o lugar onde nós morávamos. Era preciso ir a cavalo. Então tem essa (história) do finado tio... da minha irmã Lúcia, mais velha. Então (a história é sobre) a madrinha dela. E disse: "Traga aquela moça." Sim... disse a finada mãe para depois trazer a moça para casa. Estava sentada sobre a sela do cavalo assim e foi indo. Quando subiu lá de baixo, e depois (faltava) mais outra volta para subir. (Isso foi) em Caxias ali. Adiante quando ela subiu assim, quando foi fazer aquela volta lá, ali era um enorme bureco. Então ela gritava: "Pobre da madrinha dela!" Ela disse: "O cavalo morreu. O cavalo caiu." "E a gurria?" "A gurria não. A gurria lá vai. A gurria não caiu não, ela está em cima do cavalo." Mas Deus! Santo António! Que enorme ribanceira que era! (risos)

8 Tradução aproximada:

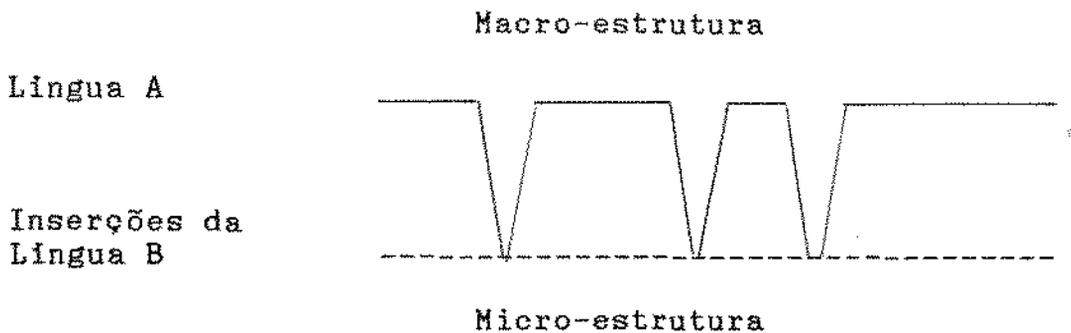
Me dói essa perna. Eu disse: "Bom, vou buscar uma carga de pasto para mim". "Não, não - ela disse - depois se queixa." "Ai, ai... Mas Sacraeegna! - disse - se ficar aqui tenho que caminhar de um lado para outro do mesmo jeito. Então é melhor ir direto buscar uma carga de pasto para a vaca que quero engordar. Verdade! Esta vaca aproveita o pendão" (do milho).

uma casinha véia ali em cima. E depois foi a pouco ...
compreo mais terra, aonde que... que repartiu com os filhos.
(243 - 24:111-12)®

DOWNES (1984) sugere que o estudo de casos de code-switching possa ser feito a partir do seguinte esquema:

"To account for such swiching, in cases where it is between separate languages, a common tactic has been to identify the text as basically in language A, with an admixture from language B, or vice versa. (...) Denison (1972:67) terms the basic language of a text its macro-structure, and the admixtures its micro-structure"(DOWNES, 1984:66)

O esquema de análise proposto por DOWNES pode ser visualizado assim:



(reprodução do esquema apresentado por DOWNES, 1984:66)

Vamos considerar que a macro-estrutura dos trechos da fala de D. Rosa transcritos acima esteja em português (língua A), com inserções do italiano (língua B). Os pontos em que se tem essas inserções são de fácil caracterização. Observe-se que a fala do narrador tem sua estrutura básica em

9 Tradução aproximada:

Ah! O finado Oreste! (o marido). Primeiro nós morávamos à beira-chão, em uma casinha de capim. E... depois foi aos poucos. Ele soube que havia alguém que ia vender a terra. Era um finado Tio Libardoni... Carlos Libardoni. Nós morávamos em Santa Tereza. Então esse tio disse: "Compra lá a terra que te vendo bem barato." Mas (como vou fazer para) pagar? "Pague um pouco cada vez." Então, pagamos (esta terra) aqui. Havia uma casinha velha ali em cima. Depois compramos mais terras aos poucos e as repartimos com os filhos.

língua portuguesa, daí termos considerado o português como a língua A, que caracteriza a macro-estrutura do discurso. As inserções do italiano ocorrem em pontos bem determinados:

a) Observando-se os trechos de narrativas reproduzidos nas páginas anteriores, é possível perceber claramente que o limite recorrente para a passagem do português ao italiano coincide com a separação entre a fala do narrador e a introdução de citações, que às vezes são a fala do próprio narrador, às vezes de outras pessoas. Note-se que muitas vezes os verbos introdutórios de citações já estão em italiano. O limite para o uso do italiano não está no início da citação, mas no verbo que introduz a citação. A fala do narrador está em português na maioria dos casos, o que é uma indicação segura de que a macro-estrutura do discurso está em português.

b) Além das inserções maiores, apontadas em (a), em que se tem trechos em italianos inseridos nas narrativas a partir da introdução de citações, há ainda um conjunto de inserções menores, de itens lexicais do italiano. A diferença entre as inserções apresentadas em (a) e as que estamos chamando de inserções menores está em que nas primeiras se tem frases inteiras em italiano e nessas últimas se tem somente palavras que são inseridas num ou noutro ponto do discurso.

Uma característica dessas inserções menores, na fala de D. Rosa, é que elas são feitas nos limites da sentença, ou seja, as palavras italianas inseridas no discurso com macro-estrutura em português ficam sempre nas fronteiras da

estrutura sujeito/predicado. As palavras inseridas nessas fronteiras são ou relatores, ou marcadores conversacionais. Vejamos alguns exemplos:

- De Relatores:

- E perche (por que) eu non tenho a idéia de me alembra de tudo? (243 - 24:22)
- Tu tem que prendê (aprender) perche (porque) se vem argum aqui - Vera! - tu fala e ele non compreende. (243-24:4)
- E, ma (mas) vai pra casa, tem sempre serviço na casa de fazê. (243-24:18)
- De vez se ia lá ajudá será (serrar) um pouco com ... (incompreensível) e dopo (depois) se tira. (243-24:19).

- De Marcadores conversacionais:

- de assentimento:

- Ah! Si, esses ano que por causo que se mandava meus filho próprio no colégio, vera, disseron que era proibido falá em italiano. (243-24:3)
- Si, si, ma a Terezinha que eu tenho, a mais véia, que ela tem até o papo de tanto forcejá. (243-24:18)

- de discordância:

- No, no, ma que esperança! (243-24:28)

- de surpresa ou admiração:

- Que nós era pequena, dispois eu sempre falava. Vera! (verdade) (243-24:2)
- Ma Dio! Santo Antônio! Que bruto perau ali che'l era! (243-24:3)
- Ma Dio! Dia lá no poron que tem umas quanta. (243-24:3)
- Ai,ai... ma Sacramogna! Lo ha dito, ficá aqui também tem que caminhá prá lá e prá lá igual. (243-24:9)

Noa casos que apontamos em (a), tem-se a inserção de trechos em italiano no discurso com uma macro-estrutura em português. Mas quando há essas inserções, os trechos em italiano inseridos são pontilhados de inserções de palavras em português. Essas inserções lembram os casos apontados em (b), mas têm uma diferença fundamental em relação àqueles: não ocorrem nas fronteiras da estrutura sujeito/predicado, mas dentro dessa estrutura. Frequentemente os elementos inseridos são justamente nomes e verbos, no núcleo do sujeito ou do predicado. Observe-se os exemplos abaixo:

- La ha dita: mi la porto casa la guria qua. Si... si la dita la finada mãe, puo portarla a casa. (243-24:3)

- Lo se te le vin, lo se mettea uns foia piu grande, se mettea vera de que'l cosa e dopo il botar lá uma mais grandinha... (243-24:29)

Os itens lexicais do português inseridos são em geral palavras de uso corriqueiro, como guria, mãe, botar, grandinha, o que vem a confirmar que para D. Rosa, como para os demais moradores da Colônia Santo Antônio, o vocabulário utilizado no dia-a-dia é do português e não do italiano.

A fala de D. Rosa não é representativa das características atuais da fala da Colônia Santo Antônio. Mesmo se compararmos sua fala à do irmão, que também foi entrevistado, notaremos uma diferença enorme. Isso mostra que, embora haja tendências de mudança bem gerais, o ritmo da mudança é diferenciado para os informantes considerados caso a caso. Apesar da existência de casos como o de D. Rosa, pode-se afirmar que na Colônia Santo Antônio se fala

português atualmente. A transição para o monolingüismo já estava completa na década de 60. Os usos do italiano documentados, seja para cantar e contar piadas nas festas, seja no code-switching encontrado na fala de D. Rosa são hoje marginais e não são representativos da fala da população da Colônia Santo Antônio, que já tem o uso do português consolidado.

CAPITULO 3

QUESTOES PRELIMINARES AO ESTUDO DA VARIAÇÃO NA FLEXÃO VERBAL

Linguists who are approaching a language for the first time will have to make their way as best they can; in any case, their findings will most likely be rewritten many times by those who come after them. With the pleasure of being the first goes the certainty of being wrong, which is the converse of the CUMULATIVE PRINCIPLE: the more that is known about a language, the more we can find about it. (LABOV)

1 ESCOLHA DO CONJUNTO DE VARIÁVEIS A SEREM ESTUDADAS

No levantamento inicial das variações encontradas no corpus representativo da fala dos moradores da Colônia Santo Antônio, identificamos vários casos que poderiam ser objeto de análise. Entre as diversas possibilidades identificadas nos dados, decidimos estudar de forma sistemática um conjunto de variações que têm em comum o fato de se manifestarem superficialmente na escolha de marcas flexionais variáveis nos verbos. As variações escolhidas não constituem um conjunto homogêneo de processos; pelo contrário a escolha de

formas flexionais variáveis no verbo pode ser motivada por fatores bastante diferenciados.

Os casos de variação que escolhemos (e que estudamos nos capítulos 4 e 5) têm em comum sua realização superficial: a ocorrência de marcas número-pessoais ou modo-temporais variáveis. Mas são diferentes quando procuramos identificar o conjunto de fatores estruturais que podem condicionar seu uso. Em cada caso, faz-se necessário procurar o conjunto de fatores mais relevantes para a análise. Os fatores encontrados ora são de natureza fonológica, ora morfológica, sintática ou semântica.

No conjunto de variações selecionado, há, por exemplo, processos em que o recorte inicial dos dados é feito a partir de um critério fonológico. É o caso da variação na forma fonológica da marca número-pessoal da 3ª pessoa do plural em formas que terminam em [ãw]. A alternância entre [ãw] e [õ] encontrada nessas formas não ocorre somente com formas verbais, mas com qualquer palavra que tenha o ditongo [ãw]. Tem-se na fala dos moradores da Colônia Santo Antônio tanto variações na flexão verbal como *vão* x *vom*, *falaram* x *falárom*, quanto variação na pronúncia da sílaba final de palavras de outras classes: *pão* x *pom*, *não* x *nom*, *então* x *entom*. É um tipo de variação motivada pela dificuldade que os descendentes de italianos têm para pronunciar uma seqüência específica de sons. A variação entre [ãw] e [õ] afeta a flexão verbal, uma vez que se tem um conjunto de formas verbais cuja marca flexional corresponde ao contexto

fonológico no qual a variação ocorre. Mas a motivação para essa variação não está ligada à morfologia verbal¹.

Há também processos cuja motivação é essencialmente morfológica. Há casos em que se tem marcas alternantes para a flexão de formas verbais especificadas por determinada combinação de propriedades modo-temporais e número-pessoais. São marcas flexionais variáveis para uma mesma combinação de propriedades de modo, tempo, número e pessoa. Entre as motivações para a análise desse tipo de caso, algumas são de natureza morfológica (por exemplo, a anulação da oposição entre conjugações). E o que se vê, por exemplo, nas variações entre *falamos* x *falamo* x *falemo*; *somos* x *semo*; *falaram* x *falaro*.

Há também no conjunto de processos escolhidos, casos de variação motivada sintaticamente. Por exemplo, as variações na flexão verbal relacionadas à concordância verbo/sujeito resultam de um processo sintático. A explicação para a variação exemplificada nos enunciados equivalentes "*Eles foram dormi.*" x "*Eles foi dormi.*" está na existência de uma regra de concordância variável, motivada por um conjunto de fatores, alguns de natureza sintática. A análise de um processo de variação como esse deve levar em conta fatores como a distância entre o sujeito e o verbo, as

¹ Não comparemos neste trabalho as freqüências de uso de [ãw] e [õ] em formas verbais com a freqüência em outras classes de palavras. Se essa comparação fosse feita, é possível que encontrássemos diferenças que indicassem que a variação está levando em conta fatores morfológicos. A característica dessa variação que queremos destacar aqui é que o conjunto de palavras onde a variação pode potencialmente ocorrer é definido a partir de uma propriedade fonológica: a variação toma como input as formas verbais que tenham na última sílaba a seqüência [ãw]. É diferente de termos um processo que tenha como input as formas verbais de primeira pessoa do plural no presente do indicativo na primeira conjugação, ou as formas do imperfeito do subjuntivo.

características número-pessoais do sujeito, sua posição em relação ao verbo, etc.

Há processos de variação na flexão verbal que têm motivações complexas, cuja análise deve necessariamente levar em conta a interrelação entre níveis da gramática. O caso estudado no capítulo 5 - a alternância entre formas do indicativo e do subjuntivo - está relacionada a um conjunto de fatores morfológicos, sintáticos e semânticos. Para explicar tal variação, é necessário relacioná-la a uma multiplicidade de fatores.

Delimitamos o problema para a análise a partir de um ponto em comum que os processos têm quando examinados superficialmente: a seleção de marcas flexionais variáveis no verbo. Apesar do ponto de partida semelhante, é inevitável trabalhar com uma fragmentação dos fatores condicionantes, sem o que correríamos o risco de deixar de lado em alguns casos as motivações mais relevantes e supervalorizar em outros casos fatores que têm uma importância menor.

2 REGRAS VARIÁVEIS E FLEXÃO VERBAL

Nos primeiros estudos de sociolinguística, LABOV se propõe como questão fundamental para a sociolinguística "understand why anyone says anything" (LABOV 1972:207). Ao propor esta questão como problema nuclear dos estudos de sociolinguística, assumiu que esse modelo abordaria a questão do uso das línguas a partir de uma perspectiva funcional. Os

primeiros trabalhos na área procuram demonstrar que a escolha entre formas em variação em uma língua não é gratuita: mostram que formas em variação, sem uma função no sistema fonológico da língua, têm seu valor definido a partir de sua correlação com fatores não estruturais. Formas lingüísticas que não estão associadas a diferenças de significado referencial podem comunicar informações não referenciais. LABOV procurou demonstrar que a motivação para a escolha de formas lingüísticas variáveis leva em conta fatores sociais e estilísticos.

A variação fonológica representou nessa fase inicial da sociolingüística, o fato lingüístico privilegiado para a demonstração de que a gramática de falantes reais (que explicaria sua competência comunicativa) não contém apenas informações estruturais, mas também sociais e estilísticas. A variação fonológica não é portadora de significado referencial; devido a essa característica, ela é o primeiro fato para o qual a sociolingüística se volta quando pretende demonstrar a importância de fatores sociais e estilísticos na escolha de formas lingüísticas alternantes. O estudo da variação fonológica, por razões estratégicas, foi o primeiro objeto da sociolingüística.

A partir do trabalho de LAVANDERA (1977), introduz-se no modelo variacionista uma discussão sobre o caráter das regras variáveis e sobre os problemas que advêm da extensão dessas regras a outros níveis da gramática, além do nível fonológico. Nesse trabalho, a autora propõe que os lingüistas preocupados com a questão da variação avancem na discussão

dos limites para o conceito de regra variável: que sejam definidas as condições que formas não fonológicas em variação devem preencher para serem analisadas como variáveis lingüísticas, a partir da formulação de regras variáveis.

São dois os problemas que LAVANDERA aponta como obstáculos iniciais a serem superados para que seja possível estender os conceitos de variável lingüística e de regra variável. O primeiro é a questão do significado: como as variáveis morfológicas e sintáticas são definidas a partir de seu significado, quais devem ser as condições para que duas ou mais formas alternantes possam ser consideradas variantes de uma mesma variável? O segundo problema diz respeito à correlação das formas em variação com fatores estruturais de um lado e fatores sociais e estilísticos de outro: a autora aponta a necessidade de se definir se é interessante estender o conceito de variável e a metodologia de análise da sociolingüística, utilizando tais conceitos para o estudo de variações que não sejam correlacionadas a fatores estilísticos e sociais, mas somente a fatores estruturais.

A propósito da questão do significado, LAVANDERA examina duas possibilidades. A primeira impõe como condição para que formas morfológicas e sintáticas sejam tratadas como uma variável que elas tenham o mesmo valor referencial: sejam usadas nos mesmos contextos e tenham o mesmo valor-verdade². A segunda possibilidade prevê que formas alternantes, que

² LAVANDERA (1977:8) aponta um conjunto de trabalhos em que os autores assumiram essa posição ao analisar casos de variação morfológica ou sintática. Ela mostra que esses autores optaram por uma cuidadosa demonstração de que as formas propostas como variantes ocorrem em um mesmo contexto e não há diferença no significado referencial das mesmas antes de tratarem as formas como variantes de uma mesma variável.

tenham diferença no significado sejam analisadas como variáveis, e seu uso seja relacionado a fatores sociais e estilísticos. A autora assume a segunda posição e propõe que sejam analisadas as correlações entre o uso de formas alternantes e fatores sociais, mesmo que as formas alternantes apresentem algumas diferenças de significado. Nesse caso, é necessário ter o cuidado de não usar as diferenças de significado expressas nas formas em variação usadas por grupos sociais diferentes como argumentos para depreciar a capacidade de raciocínio ou de expressão dos grupos que utilizam tais variantes.

Na resposta de LABOV a LAVANDERA (LABOV 1978) o conceito de variável é recolocado, destacando-se seu caráter heurístico, ou seja, apresentando-a como um recurso para que se possa descobrir coisas sobre a gramática. LABOV insiste em que se tenha o cuidado de restringir ao máximo as diferenças de significado referencial ao se usar a variável como recurso de análise.

Compreendemos que o uso do conceito de variável depende de sua utilidade para contribuir para a descoberta de respostas a determinadas questões que o pesquisador pode formular sobre a linguagem. A contribuição pode ser positiva quando se trata de fatos circunscritos a uma área bem delimitada: uso de formas lingüísticas alternativas em contextos estruturalmente bem definidos. O que se pode descobrir sobre essa área bem delimitada mediante o uso da variável lingüística está relacionado: à interferência dos fatores estruturais sobre a escolha de uma ou outra forma

alternativa; a uma diferenciação na escolha das formas em alternância relacionada a grupos de falantes definidos socialmente; a uma diferenciação na escolha das formas em alternância determinada pelo grau de formalidade da situação de fala; a projeções sobre possíveis mudanças nas frequências de uso das formas em alternância na variedade lingüística considerada.

Assim, o uso do conceito de **variável** depende das perguntas feitas aos dados. Se as perguntas se referirem ao tipo de correlação que a regra variável permite fazer, justifica-se seu uso. Perguntas feitas fora desse domínio só poderão ser respondidas por outros meios.

Neste trabalho, partimos das seguintes perguntas feitas aos dados:

(1) Que marcas flexionais estão em variação no conjunto de formas verbais do dialeto?

(2) Em que casos o índice de variação entre formas alternantes justifica um exame da correlação entre o uso de formas alternantes e fatores estruturais e/ou sociais?

Para responder essas questões iniciais, não há porque recorrer à análise quantitativa de correlações entre a ocorrência de variantes e fatores, sejam estruturais, sejam sociais. A frequência de ocorrência das variantes em cada "célula" do sistema verbal (definida a partir dos conceitos de modo, tempo, número e pessoa) já indica em que casos uma variante se aproxima de 100% enquanto outras ficam próximas do índice zero. Nesses casos, assumimos a proposta de OLIVEIRA (1987): desconsideramos essas variações na análise,

já que a gramática do dialeto estudado já "fez sua escolha". As variações quantitativamente irrelevantes são tratadas como marcadores que caracterizam o dialeto.

A maior parte da análise feita no capítulo 4 tem o propósito de identificar as variáveis quantitativamente relevantes no dialeto. Só em alguns casos se faz a correlação com fatores sociais.

No capítulo 5 analisamos a variação entre formas do subjuntivo e do indicativo, que ocorre entre: presente do subjuntivo x presente do indicativo; futuro do subjuntivo x presente do indicativo; imperfeito do subjuntivo x imperfeito do indicativo. A variação nos três casos é quantitativamente relevante. Para fazer qualquer previsão a respeito dessas variações, é necessário um trabalho prévio de demonstração que o uso de uma ou outra forma não corresponde a uma diferença no significado referencial dos enunciados. Além disso, é necessário definir quais são os fatores estruturais relacionados ao uso do subjuntivo e se os diversos fatores contribuem para o uso de formas no subjuntivo ou no indicativo. Finalmente, é interessante relacionar o uso das formas alternantes a fatores sociais, para que se possa fazer previsões sobre possíveis mudanças em curso no uso dessas formas verbais.

3 UM CONJUNTO RESTRITO DE FATORES SOCIAIS

A apresentação da comunidade de fala feita no Capítulo 1 mostrou que o grupo escolhido para este trabalho se caracteriza por sua homogeneidade étnica (são todos descendentes de italianos) e socioeconômica (são pequenos proprietários rurais). Essa homogeneidade não foi obtida a partir de uma seleção na comunidade de fala de informantes que pudessem ser enquadrados em grupos homogêneos a partir de indicadores socioeconômicos. Pelo contrário: a amostra de informantes é étnica e socioeconomicamente homogênea porque a homogeneidade é uma característica da região escolhida para estudo. Temos representantes de um só grupo social e de uma só etnia porque essa é a composição populacional predominante na vila³. A homogeneidade da amostra não é resultante de um recorte feito pelo pesquisador, mas sim da escolha da região a ser estudada.

Apesar de se poder caracterizar a população da vila como pertencente a um mesmo grupo social, vimos que há uma pequena diferenciação social no grupo, pois nem todas as famílias conseguiram "*se modernizar*" a partir da década de 60, quando houve na região a grande mudança com a introdução de máquinas e implementos agrícolas, e com a substituição das culturas tradicionais (milho, feijão, trigo, alfafa) pela cultura rotativa de soja (cultura de verão) e trigo (no inverno). Em várias propriedades o cultivo da terra continuou

³ Mostramos no capítulo 1 (ver a nota 1 na p. 16) que há na vila apenas 5 famílias que não são de origem italiana. Só não são pequenos proprietários duas famílias de assalariados que vivem como agregados em uma das propriedades.

sendo feito com o uso de arados e animais de tração. Isso resulta em diferença de rentabilidade das terras, e conseqüentemente gera diferenças na aquisição de bens de consumo, especialmente eletrodomésticos e automóveis.

Para examinar o reflexo dessa pequena diferenciação social no uso de formas lingüísticas variáveis, selecionamos o fator **mecanização** como o indicador mais relevante de uma divisão da população da vila em dois grupos sociais. Por esse fator, temos uma diferença entre o grupo dos moradores da vila que se modernizaram a partir da compra de maquinário para o trabalho em suas propriedades e o grupo dos que não se modernizaram e continuam cultivando a terra com os instrumentos tradicionais. A diferença entre os dois grupos não é só de condições de acesso a bens materiais. Com a mecanização, há uma redefinição dos contatos com os centros urbanos, uma vez que a produção nas propriedades mecanizadas passa a depender de financiamento bancário e o sucesso na comercialização depende de acesso a informações sobre o mercado internacional de soja (as cotações desse cereal na bolsa de Chicago passam a ser acompanhadas quase que diariamente pelos produtores). Há também uma redefinição dos trabalhos masculino, feminino e infantil. Enquanto na agricultura tradicional os três segmentos trabalham juntos em todas as etapas do cultivo da terra (preparação da terra, semeadura, capina, colheita), na agricultura mecanizada as mãos-de-obra feminina e infantil só são utilizadas na capina da cultura de verão. Fora do período em que esse trabalho é

feito, as mulheres e crianças cuidam da casa, dos animais e da lavoura de subsistência.

Tanto nas propriedades mecanizadas quanto nas não mecanizadas, os contatos com os centros urbanos são feitos principalmente pelos homens. A rede de comunicação das mulheres é mais restrita: elas vão com menos freqüência aos centros urbanos, uma vez que os contatos bancários e a comercialização da safra são atividades masculinas. Além disso, o treinamento feito por técnicos agrícolas ligados à Cooperativa para a operação de máquinas e uso de novas técnicas de cultivo é destinado aos homens, que são os responsáveis pelo manejo das máquinas.

Assim, podemos supor que no caso de haver variantes lingüísticas que representem processos de mudança em curso, as variantes conservadoras ocorram com mais freqüência na fala das mulheres. Pelas mesmas razões, é possível esperar que haja também uma correlação entre o uso de variantes conservadoras e a não mecanização da propriedade.

Além dos fatores sociais sexo e mecanização, a idade é com toda a certeza um fator relevante para ser relacionado às formas lingüísticas em variação. No capítulo 2 demonstramos que o recorte básico da amostra de informantes em três gerações corresponde a um agrupamento de indivíduos que tiveram experiências diferenciadas em relação à aquisição do italiano e do português e ao uso de uma e outra língua em domínios diferentes.

Temos assim para a análise da variação entre as marcas flexionais do verbo um conjunto pequeno de fatores sociais:

sexo, idade, mecanização da propriedade. A escolha desses fatores decorre da observação de sua relevância para uma pequena estratificação social encontrada na vila.

Outros possíveis indicadores de diferenciação social sociais foram descartados. Demonstramos no capítulo 1 que a diferenciação por grau de instrução é recoberta pelo agrupamento dos informantes por idade. Outras diferenciações relacionadas à extensão da propriedade ou à posse de bens são recobertas pelo fator mecanização.

4 UMA ANÁLISE PANORAMICA

É preciso chamar a atenção também para uma decisão que tomamos em relação à análise. Entre escolher um número pequeno de formas em variação e analisá-las a fundo e escolher um número maior e analisá-las superficialmente, preferimos essa última. A análise feita recobre a flexão verbal no seu conjunto: a única delimitação feita é dos casos em que há variação entre marcas flexionais alternantes.

Para tomar a decisão relativa a esta questão, nos questionamos inicialmente qual dessas decisões traria uma contribuição maior ao conhecimento do português falado pelos descendentes de italianos que moram em áreas rurais do Rio Grande do Sul. Levamos em conta as seguintes circunstâncias: o acesso a essa população é difícil; a língua falada por ela está em mudança rápida, já que cada uma das gerações de informantes entrevistados teve experiências diferenciadas em

relação à aquisição do português e do italiano; não há trabalhos realizados anteriormente sobre a fala desse grupo e quando forem feitos trabalhos posteriores a este, é possível que tenha havido novas mudanças em relação à língua falada pelo grupo.

Essas condições da comunidade nos levaram a decidir a fazer neste texto a apresentação de forma panorâmica da variação na morfologia verbal no dialeto. Se se dispõe de uma única análise sobre a fala de determinado grupo, é mais interessante que essa análise seja uma apresentação do conjunto de processos de variação encontrados do que a análise em profundidade de um único processo.

O que caracteriza este trabalho é o mapeamento das formas em variação na flexão verbal no dialeto. Identificamos as formas em variação, observamos as freqüências de ocorrência das mesmas, apontamos quais delas já estão incorporadas como forma amplamente majoritária na fala da população e quais estão "*disputando*" um lugar na gramática ainda. Fazemos essas observações a partir da freqüência de uso das variantes, numa análise quantitativa simplificada.

Concentramos o esforço no mapeamento das formas em variação dentro do conjunto de flexões verbais do português e na comparação entre as freqüências de uso das diversas formas alternantes para cada conjunto de marcas modo-temporais e número-pessoais. Procuramos também refletir sobre a relação das formas encontradas atualmente em variação na vila com as duas línguas faladas pela população, procurando identificar se as características encontradas na flexão verbal se devem à

influência do italiano ou se estão relacionadas ao português não padrão aprendido pelo grupo após sua migração para o noroeste. Da mesma forma, sempre que possível, procuramos fazer previsões sobre o possível destino das formas em variação atualmente encontradas na fala dos moradores da Colônia Santo Antônio.

Essas preocupações definiram os caminhos do trabalho, fazendo dele uma apresentação panorâmica de um conjunto de formas em variação.

CAPITULO 4

FLEXAO VERBAL E CONCORDANCIA VERBO/SUJEITO NOS TEMPOS DO INDICATIVO

Nóis... tá... vomo fazê progresso. Compramo o trator, ma na compra do trator nóis demo o motor e nóis compramo o trator, ma nóis nom tinha noçom nenhuma de que fosse um trator.

1 IDENTIFICANDO AS VARIÁVEIS E SITUANDO-AS NO SISTEMA VERBAL

Não se tem neste trabalho a intenção de analisar as formas verbais encontradas no dialeto da Colônia Santo Antônio como desvios em relação a um padrão; mesmo assim, usamos como critério inicial para identificação do conjunto de formas flexionais utilizadas produtivamente no dialeto sua equivalência com as formas descritas nas gramáticas normativas do português. Por um lado, isso nos dá uma classificação e nomenclatura já estabelecidas para fazer referência às flexões verbais encontradas nos dados; por outro lado, o levantamento feito a partir da mesma classificação adotada nas gramáticas tradicionais facilita a

colocação em evidência das diferenças entre o que é expresso por meio da flexão no português padrão e no dialeto que estamos analisando.

Se as gramáticas fornecem uma classificação da qual se pode fazer uso para a análise da fala, essa classificação apresenta um distanciamento tão grande em relação ao português falado que seu uso como critério inicial para a identificação do conjunto de flexões na fala da Colônia Santo Antônio pode vir a ser improdutivo. O conjunto de flexões verbais apresentado nas gramáticas tradicionais não representa o que é utilizado em nenhuma modalidade falada do português. Considerando essa questão, decidimos identificar o conjunto de flexões verbais utilizadas numa amostra da fala regional urbana culta antes de fazer essa mesma identificação na amostra do português falado por descendentes de italianos que moram na zona rural. Para isso, coletamos outros dados para constituir um corpus complementar ao conjunto de entrevistas realizadas na Colônia Santo Antônio.

O referido corpus contém três horas de gravação de programas radiofônicos de debates e entrevistas. Os programas foram gravados na mesma época em que se fez a coleta de dados dos informantes da Colônia Santo Antônio. Seleccionamos na programação das duas emissoras de rádio da sede do município - a Rádio Repórter de Ijuí e a Rádio Progresso de Ijuí - um conjunto de programas transmitidos ao vivo estruturados em forma de debates ou entrevistas. Ao seleccionar os trechos de programas radiofônicos para gravação, tomamos o cuidado de escolher falantes moradores de Ijuí ou cidades vizinhas. Os

participantes desses programas em geral são pessoas que se destacam na cidade pelo tipo de atividade que exercem: diretores de escolas, prefeitos, dirigentes de associações, etc., e nesse sentido podem ser considerados falantes da variedade do português culto regional.

O corpus complementar representa também um padrão regional, a partir do qual são avaliadas as características das modalidades faladas pelos diversos grupos étnicos sobretudo na zona rural. Daí o interesse em ter uma amostragem dessa fala à mão para contrapô-la à fala dos moradores da zona rural quando for interessante fazê-lo.

Em alguns pontos da análise, vamos fazer referência às características desse corpus complementar. É o que fazemos inicialmente para identificar o conjunto de flexões verbais utilizadas produtivamente na fala regional. A identificação é feita paralelamente na amostra da fala regional urbana culta e no corpus da Colônia Santo Antônio.

No primeiro exame tanto do corpus principal quanto do complementar, procuramos identificar que modos, tempos, número e pessoas verbais são expressos por meio de flexões, ou melhor, de formas verbais simples. Mesmo tendo consciência de que a flexão das formas verbais simples capta apenas uma parte da variação potencial dos verbos para expressar as categorias de modo, tempo e aspecto¹, a opção neste trabalho foi ignorar as demais vertentes do problema e sistematizar esta.

¹ Ver a esse respeito, os trabalhos de CASTILHO(1968), PONTES(1972) e TRAVAGLIA (1981)

No trabalho de identificação do conjunto de flexões anterior ao reconhecimento das variáveis, tomamos como ponto de partida o conjunto de flexões verbais simples apresentado nas gramáticas tradicionais e observamos sua produtividade nos dois corpus. O termo produtividade aqui é associado à frequência de uso, mas nesta etapa inicial do trabalho, a frequência é observada intuitivamente, sem nenhum trabalho de quantificação. Nesse exame preliminar consideramos somente três possibilidades de classificação das formas flexionais a partir da observação intuitiva de sua frequência de uso: formas produtivas, indicadas com **sim**, formas não produtivas, ou seja, que não ocorrem no corpus, indicadas com **não** e formas que têm ocorrências muito esparsas, indicadas com **raro**.

O quadro 1 sintetiza o resultado desse mapeamento inicial.

QUADRO 1 - FLEXÕES VERBAIS NA FALA URBANA REGIONAL CULTA
E NA FALA DA COLÔNIA SANTO ANTONIO

TEMPOS VERBAIS SIMPLES	FLEXÕES NÚMERO-PESSOAIS											
	FALA URBANA REGIONAL CULTA						FALA DA COLÔNIA SANTO ANTONIO					
	PESSOAS						PESSOAS					
	singular			plural			singular			plural		
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
PRESENTE DO INDICATIVO	sim	não	sim	sim	não	sim	sim	raro	sim	sim	não	sim
PRETERITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	sim	não	sim	sim	não	sim	sim	raro	sim	raro	não	sim
PRETERITO PERFEITO	sim	não	sim	sim	não	sim	sim	raro	sim	sim	não	sim
PRETERITO MAIS-QUE-PERFEITO	não	não	não	não	não	não	não	não	não	não	não	não
FUTURO DO PRESENTE	raro	não	raro	raro	não	raro	não	não	não	não	não	não
FUTURO DO PRETERITO	raro	não	raro	raro	não	raro	raro	raro	raro	raro	não	raro
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	sim	não	sim	sim	não	raro	raro	não	raro	raro	não	raro
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	sim	não	sim	sim	não	raro	raro	não	raro	raro	não	raro
FUTURO DO SUBJUNTIVO	sim	não	sim	sim	não	raro	raro	não	raro	raro	não	raro
IMPERATIVO	-	não	-	sim	não	sim	-	sim	-	sim	não	sim

OBSERVAÇÃO: Além das flexões dos tempos simples alistadas acima, são encontradas no corpus também as flexões de formas nominais do particípio, infinitivo e gerúndio.

Como se vê pelo quadro 1, a maioria das formas flexionais descritas na gramática ocorrem no corpus dos programas radiofônicos. Os pontos em que foram encontradas divergências entre as formas apresentadas no corpus dos programas radiofônicos e as descritas nas gramáticas tradicionais foram os seguintes: ausência de ocorrências do mais-que-perfeito em sua forma simples, de formas da segunda

pessoa do plural correspondentes ao sujeito *vós*, de formas de segunda pessoa do singular correspondentes ao sujeito *tu*.

Quase todos os pontos de divergência encontrados eram previstos, já que correspondem a formas em desuso no português do Brasil, até mesmo na modalidade escrita, reconhecidamente mais conservadora do que a fala. Um dado, entretanto, não era esperado: a não ocorrência de formas verbais correspondentes à segunda pessoa do singular. O pronome *tu* é usado freqüentemente no português falado em Ijuí e no Estado do Rio Grande do Sul, mas nos dados coletados através de entrevistas e debates radiofônicos, esse não foi utilizado. Entendemos que isso tenha acontecido porque nos eventos de fala documentados todos os falantes se dirigiam a um mesmo tipo de interlocutor: o conjunto de ouvintes da emissora. O entrevistador ou o debatedor não são considerados pelos falantes como seus verdadeiros interlocutores, mas como pessoas que elicitam as respostas dirigidas aos "verdadeiros" interlocutores. Quando o entrevistador se dirige ao entrevistado, ou um participante do debate se dirige a outro, encontramos um tratamento formal, com o uso da forma de tratamento *o senhor*.

As formas verbais encontradas nos programas radiofônicos são altamente padronizadas, ou seja, encontramos aí um mínimo de variação. Uma das variáveis encontradas está na forma do infinitivo, onde se tem uma variante com *-r* e outra com zero: *falar / falá*. Outra variação documentada é a

forma do gerúndio, onde se tem a alternância entre uma forma com -ndo e outra com -no: falando / falano².

Em relação ao conjunto de flexões encontradas no corpus da Colônia Santo Antônio, queremos lembrar primeiramente que o roteiro utilizado para as entrevistas possibilitava o surgimento de contextos para o uso de tempos verbais variados: conversa sobre o cotidiano, relato de experiências pessoais, discussão sobre situações hipotéticas, planos para o próprio futuro ou o futuro dos filhos. Por isso, vamos assumir que o conjunto de formas verbais encontradas nas entrevistas seja representativo da gramática da comunidade de fala.

O conjunto de tempos verbais encontrados difere sensivelmente do que está descrito nas gramáticas normativas e do que foi documentado nas entrevistas radiofônicas. As principais diferenças são as seguintes. Observa-se primeiramente que os tempos simples do indicativo usados se reduzem a quatro: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e futuro do pretérito. Os três primeiros têm uma grande produtividade, o que não acontece com o futuro do pretérito. As formas simples do pretérito mais-que-perfeito e do futuro do presente não ocorreram no corpus analisado, o que pode ser um indicio de que elas não são usadas nesse

² Essas variações nas formas nominais não foram examinadas neste trabalho. O recorte feito privilegiou dois grandes conjuntos: as variações nas formas do indicativo, onde se trabalhou basicamente com a relação entre flexão verbal e concordância verbo/sujeito; as variações entre formas do indicativo e do subjuntivo, relacionadas a diversos fatores morfológicos e sintáticos.

dialeto³. Os tempos do subjuntivo têm índices de ocorrência proporcionalmente bem inferiores aos tempos produtivos do indicativo.

Ao observarmos as marcas da flexão número-pessoal, podemos notar inicialmente que os falantes se utilizam de um sistema de quatro formas em oposição: duas para o singular (1ª e 2ª/3ª pessoas) e duas para o plural (1ª e 2ª/3ª pessoas). As formas morfológicas que marcam essas oposições apresentam uma grande variação: para uma mesma combinação de tempo, número e pessoa, há em certos casos várias marcas flexionais em variação.

Nas entrevistas feitas com os moradores da Colônia Santo Antônio, tal como nos programas radiofônicos, as condições em que as entrevistas foram feitas tornaram difícil o surgimento do pronome de 2ª pessoa do singular usado para marcar intimidade. A opção por entrevistas feitas sempre com mais de um entrevistador fez com que se tivesse mais o uso do pronome *vocês* do que de *tu*. No entanto, há indicações seguras nas entrevistas de que a forma de tratamento íntimo utilizado é com o pronome *tu*, confirmando uma característica do português falado no Rio Grande do Sul. As evidências desse uso ocorrem principalmente durante as narrativas, quando o informante reproduz o discurso direto das pessoas envolvidas no caso que ele está narrando ou se dirige especificamente a um dos entrevistadores com um tratamento mais íntimo. Eis um exemplo de tratamento íntimo ao entrevistador:

³ Observe-se que essa não é uma característica só desse dialeto. Pelo contrário, o *mais-que-perfeito* e o *futuro do presente* enquanto formas simples estão em desaparecimento no português falado no Brasil.

Ma nom conseguimos... ma nom funcionava, ma quanto nós sofremo com aquilo ali! Nom! TU qué vé, aquele trator tinha manivela. Nós tocava ele prá cima, na subida, na manivela, depois largava prá ele pegá e depois nom funcionava. (201 - 20: 11)

No exemplo abaixo, o pronome tu é usado na reprodução do discurso direto pelo narrador:

Nom, daí o delegado pediu pro pai: "Ô que TU qué fazê agora pra esse cara que te fez isso no boi?" Ai o pai disse assim, diz: "Ôia, eu só quero fazê que ele sintá no corpo dele o que o boi sentiu" Nom queria nada. (111 - 11: 05)

Quando ocorre o uso do pronome tu, o verbo tem a flexão chamada tradicionalmente de 3ª pessoa do singular, o que confirma a afirmação feita acima de que os falantes se utilizam de um sistema de 4 formas em oposição para a flexão número-pessoal.

2 CONCORDANCIA X NAO CONCORDANCIA

A variação na concordância verbo/sujeito no português brasileiro já foi objeto de várias análises variacionistas. O interesse por essa variação no português falado se justifica, uma vez que se tem em curso, no português brasileiro, um conjunto de mudanças significativas nos padrões de concordância. As mudanças em curso levam a uma grande variação no uso de marcas de concordância em muitas variedades do português falado. Entre os trabalhos sobre essa questão, gostaríamos de destacar o texto de NARO e LEMLE

(1977), que é um estudo fundamental sob vários pontos de vista:

(a) examina uma amostra grande da fala não culta do Rio de Janeiro (20 informantes, com um total de 140 horas de gravação);

(b) analisa a interação de quatro grupos de fatores na aplicação da regra de concordância (fatores estilísticos, semânticos, posicionais e morfológicos);

(c) faz a interação entre os grupos de fatores usando três programas alternativos de análise de probabilidade de aplicação da regra e compara os resultados obtidos a partir desses programas.

Apesar da importância desse trabalho para compreendermos a variação na concordância verbo/sujeiro no português, não tomamos como modelo o agrupamento morfológico usado nele. Não o fizemos especialmente porque nele se tem determinados agrupamentos e exclusões que não gostaríamos a priori de fazer:

(a) a variação na concordância com a 1ª pessoa do plural é excluída do trabalho. Os dados que estamos analisando apontam para processos que ocorrem exatamente nas formas de 1ª pessoa do plural;

(b) o critério para estabelecer os graus de saliência fônica e fazer o agrupamento das formas de plural é sua diferença em relação ao singular correspondente. Para uso desse critério, é necessário que as formas tenham o mesmo traço de pessoa (3ª do singular x 3ª do plural). Ao trabalhar com dados de primeira pessoa do plural, há razões para se

duvidar da adequação desse critério, dada a ambigüidade do significado da primeira pessoa do plural (nós equivale a eu e ele, ou a eu e você, ou ainda a eu, você e ele - ou melhor, o pronome nós em português tem dois significados possíveis: nós inclusivo ou nós exclusivo; a interpretação da forma pronominal com um ou outro significado vai depender de informações contextuais);

(c) todas as ocorrências de marcas flexionais átonas são agrupadas na análise de NARO & LEMLE (1977); no exame do Corpus da Colônia Santo Antônio, percebemos que há uma diferença na concordância quando a forma padrão é paroxitona ou proparoxitona.

Além do texto de NARO e LEMLE (1977), gostaríamos de destacar também os estudos de MOTTA(1979) e MONSERRAT e MAIA (1978).

Ao fazer o estudo das manifestações morfológicas da concordância verbo/sujeito no dialeto da Colônia Santo Antônio, gostaríamos de iniciar apresentando rapidamente os princípios básicos para a atuação da regra de concordância no português, para depois discutir as formas de variação dessa regra.

A regra de concordância pode ser inicialmente formulada na sua forma mais simples, sem levar em conta os complicadores que advêm dos processos de variação que a afetam. Por essa regra, considera-se inicialmente que o núcleo do SN sujeito recebe um conjunto de traços semânticos referentes às categorias de número e pessoa. A cada combinação de traços do SN sujeito corresponde um sufixo

categorizado também com o mesmo conjunto de traços, que é ligado ao verbo pela regra de concordância.

A base inicial para estabelecer a concordância está em um conjunto de três traços semânticos, que categorizam tanto o sujeito quanto os sufixos número-pessoais do verbo. Os três traços combinam as distinções de número (singular x plural) com as oposições entre as pessoas do discurso (falante x ouvinte):

[+/- S] onde S=singular

[+/- F] onde F=falante

[+/- O] onde O=ouvinte ⁴

As combinações desses três traços resultam nas seis oposições número-pessoais descritas tradicionalmente nas gramáticas do português.

1ª pessoa do singular: [+S, +F, -O]

2ª pessoa do singular: [+S, -F, +O]

3ª pessoa do singular: [+S, -F, -O]

1ª pessoa do plural: [-S, +F, +/-O]⁵

2ª pessoa do plural: [-S, -F, +O]

3ª pessoa do plural: [-S, -F, -O]

Entretanto, a oposição [+/- O] tende a deixar de ser relevante para a concordância. Nas formas do plural, essa oposição não existe mais como flexão verbal, uma vez que, com a arcaização do pronome vós, as marcas número-pessoais do

⁴ Nas formas de plural referentes à primeira pessoa e, no português arcaico também à segunda, o traço semântico de plural não se diferencia do traço de formalidade. Nós pode ser plural ou forma. O mesmo ocorria com VÓS quando era usado.

⁵ A indicação [+/- O] reflete as duas possibilidades de interpretação do pronome NOS: [+ O] = nós inclusivo; [-O] = nós exclusivo.

verbo correspondentes a esse pronome desapareceram também. No singular, essa oposição é relevante apenas nas variedades do português em que o pronome **tu** é usado. Nas variedades em que o tratamento íntimo ao ouvinte é feito com o uso do pronome **você**, as marcas de concordância no verbo se reduziram a quatro e conseqüentemente os traços relevantes para a seleção dessas marcas a dois: [+/- S] e [+/- F]. As combinações entre esses dois traços identificam as seguintes formas verbais:

[+S, +F]: **falo**

[+S, -F]: **fala**

[-S, +F]: **falamos**

[-S, -F]: **falam**

É fácil ver que os conjuntos de pronomes alistados em (a) abaixo recebem especificações iguais em relação aos traços relevantes para a concordância, mas selecionam afixos número-pessoais diferentes:

(a) **tu, você, o senhor** [+S, -F, +0]

tu **falas**

você, o senhor **fala**

O mesmo ocorre com as marcas de 1ª pessoa do plural nos casos alistados em (b) abaixo:

(b) **nós, a gente** [-S, +F, +0]

nós **falamos**

a gente **fala**

Em ambos os conjuntos de exemplos, uma mesma combinação de valores para os traços [+/-F, +/-S, +/-O] está relacionada à escolha da forma verbal que tem os mesmos

valores para esses traços para alguns casos (tu falas, nós falamos) e à escolha da forma de 3ª pessoa do singular para outros casos (você fala, o senhor fala, a gente fala).

A coexistência no português padrão de SN: sujeitos especificados como [+S, -F, +O] que se comportam diferentemente quanto à seleção das formas verbais é um complicador para a regra de concordância. Para dar conta da diferença na seleção das marcas flexionais dos pronomes tu de um lado e você/o senhor de outro é preciso reconhecer que as propriedades do sujeito em relação aos traços [+/-S, +/-F e +/-O] não são o único fator relevante para a escolha da marca flexional que vai marcar a concordância no verbo.

Uma alternativa é considerar como idiossincrasia de formas como você, o senhor, o fato de selecionarem pela concordância formas verbais diferentes das selecionadas pelo pronome tu. As gramáticas tentam resolver essa questão pela separação entre as formas pronominais chamadas de pronomes pessoais (onde estaria o pronome tu) e formas denominadas pronomes de tratamento, classificação em que se enquadram os pronomes você e o senhor. Essa subclassificação dos pronomes usados para se dirigir ao ouvinte tem evidentemente raízes históricas: o pronome você é classificado como pronome de tratamento por se originar de vossa mercê. Mas não deixa de ser um elemento complicador para a descrição do português padrão atual a existência de formas pronominais que são funcionalmente semelhantes, mas que se comportam diferentemente em relação à seleção de marcas flexionais para serem anexadas ao verbo pela concordância.

Paralelamente ao processo de redução das oposições flexionais no verbo, ocorre outro, mais importante para se compreender a variação na concordância. Podemos chamá-lo de ampliação dos contextos de uso da forma neutra, ou forma zero. Estamos considerando que cada *tempo verbal* (entendido aqui como marca flexional modo-temporal) no português possui um conjunto assimétrico de marcas número-pessoais. Por um lado, há formas que trazem a marca relativa aos traços [+/- S, +/- F, +/- O] e que coocorrem com SNs que tenham para esses traços as mesmas especificações que eles têm no afixo verbal; por outro lado, para cada tempo, há uma forma em que o sufixo número-pessoal é semanticamente vazio, ou seja, não carrega nenhuma marca relativa a número e pessoa. A forma tradicionalmente chamada de terceira pessoa do singular tem esse papel de forma zero. A forma zero funciona como uma espécie de coringa e pode combinar-se com qualquer tipo de sujeito.

A neutralidade da forma zero em relação aos traços relevantes para a concordância verbo/sujeito faz com que ele seja a forma escolhida em todos os casos em que se tenha um sujeito vazio, ou um sujeito oracional, etc. A existência dessa forma que só contém informações relativas a tempo e modo, mas não a número e pessoa é que possibilita falarmos de não concordância.

No português padrão, os limites entre a concordância e a não concordância são bem definidos e complementares. A combinação de traços [+S, -F, -O] leva à seleção da forma zero, ou seja, à não concordância. Há ainda outros casos que

se colocam também dentro dos limites da não concordância. Os mais típicos são alguns itens lexicais que têm a particularidade de selecionar a forma zero, como *você*, *o senhor*, *a gente*.

As variedades não padrão mantêm os mesmos valores que o português padrão para as formas verbais marcadas quanto aos traços número-pessoais e para a forma zero. Mas esta forma neutra ultrapassa nas variedades não padrão os limites estabelecidos na língua padrão para a concordância e a não concordância, e passam a ser usadas com sujeitos que tenham qualquer combinação de traços. O princípio é exatamente o mesmo: são as mesmas propriedades que permitem no português padrão a ocorrência de formas como *você fala*, *a gente fala* que vão permitir nas variedades não padrão as variações:

eu falou x *eu falei*

tu falou x *tu falaste*

nós falou x *nós falamos*

eles falou x *eles falaram*

O processo de alargamento dos contextos de uso da forma zero, cristalizado no português padrão na concordância com *você*, *o senhor*, *a gente*, é o mesmo que determina a variabilidade na regra de concordância, uma vez que esse alargamento cria uma superposição dos contextos para a concordância e a não concordância. Estamos considerando que ocorrências como *a gente falamos*, *o povo falaram* sejam marginais em relação às tendências de variação na concordância. Esse fato é apontado em OMENA (1986) na sua análise da concordância verbal com *nós* e *a gente* no

português carioca. No corpus da Colônia Santo Antônio ocorrem também esporadicamente casos como os estudados por OMENA.

Assim, a variação na concordância é resultado de dois processos de mudança que atuam no português do Brasil:

(a) a redução das oposições número-pessoais no verbo a um conjunto de quatro marcas;

(b) a extensão de uso da forma neutra nos verbos, ou seja, da forma não-marcada do ponto de vista número-pessoal, que é usada variavelmente com sujeitos que tenham quaisquer valores para os traços [+/-S, +/-F, +/-O].

3 CONCORDANCIA X NAO-CONCORDANCIA NO DIALETO DA COLONIA SANTO ANTONIO

Ao estudar o fenômeno da concordância no dialeto da Colônia Santo Antônio, temos que trabalhar com duas questões: em primeiro lugar, há a variação entre a concordância e a não concordância. É necessário identificar, numa etapa da análise, a variação entre marcar a concordância pela escolha de uma marca flexional correspondente às propriedades número-pessoais do sujeito e não marcar essa concordância, ou seja, escolher a forma zero. Em segundo lugar, é necessário analisar como um processo diferente as variações encontradas entre marcas alternantes usadas para fazer a concordância com sujeitos que tenham as mesmas características número-pessoais.

Para analisar as duas questões propostas, foi necessário inicialmente fazer a delimitação no corpus de que tipo de dados seriam examinados de forma sistemática. Começamos por identificar no corpus os casos em que se tem variação nas marcas flexionais do verbo.

Após essa identificação, constatamos que a variação se restringe às flexões de plural. Assim, delimitamos os dados para análise a partir das seguintes características: ocorrências de sentenças com sujeito plural contendo verbos nos três tempos mais produtivos do indicativo, ou seja, presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito.

A exclusão de sentenças com sujeito singular se deve aos poucos casos em que há variação nesse caso. As únicas formas que apresentam uma variação sistemática entre as que têm sujeitos no singular são os casos de alternâncias entre as formas eu/ele fez - eu/ele fiz; eu/ele teve - eu/ele tive; eu/ele fui - eu/ele foi. Esse tipo de variação atinge um conjunto restrito de verbos: aqueles em que as flexões de 1ª e 2ª/3ª pessoas do singular não são marcadas por afixos número-pessoais, mas pela alternância vocálica no radical. Essa forma de realização da flexão número-pessoal não representa a maneira típica de se marcar o número e pessoa nos verbos em português. Dado seu caráter de exceção em relação à marca número-pessoal utilizada normalmente na maioria dos verbos, não incluímos a análise dessas alternâncias no trabalho. Preferimos nos concentrar na análise dos processos mais abrangentes.

Na análise quantitativa das marcas de concordância verbo/sujeito, foram incluídas as ocorrências de verbos regulares das três conjugações e de um conjunto de verbos irregulares de uso freqüente: ser, ir, ter, estar, fazer. As ocorrências analisadas totalizam 2.376 sentenças, todas com sujeito plural, às vezes explícito na mesma sentença, às vezes apagado.

Consideremos inicialmente o conjunto de dados do ponto de vista da ocorrência ou não de uma marca de concordância. Antes de refletir sobre as variações encontradas entre as diversas formas concorrentes no dialeto para marcar a concordância, vamos considerá-las no conjunto como equivalentes enquanto marcas de concordância, por oposição à possibilidade geral de não marcá-la. Temos assim a variação entre: (a) a aplicação da regra de concordância, que pode levar em alguns casos à variação entre um conjunto de marcas flexionais ; (b) a não aplicação da regra de concordância, que tem uma única realização possível para cada tempo: a escolha da forma não marcada ou zero em relação aos traços número-pessoais. A não concordância deve ser analisada à parte, pois é um processo diferente do que se tem com a escolha de qualquer das outras variantes.

A correlação entre a concordância e a não concordância e os fatores gramaticais de tempo (presente, imperfeito e perfeito) e pessoa (1ª; 2ª/ 3ª) foi a primeira questão de que nos ocupamos. Após examinarmos essa correlação no corpus, chegamos chegamos às freqüências sintetizadas nos quadros 2 e 3. Note-se que só foram incluídos na análise quantitativa os

tempos verbais usados produtivamente e as pessoas do plural, já que a variação nas formas do singular não tem a mesma abrangência dos casos de plural.

QUADRO 2 - CONCORDANCIA X NÃO CONCORDANCIA COM SUJEITO PLURAL
1ª PESSOA

1ª PESSOA = <u>nós</u>	PRESENTE		IMPERFEITO		PERFEITO	
	concordância		concordância		concordância	
	sim	não	sim	não	sim	não
1ª conjugação	67	1	2	96	246	1
REGULARES 2ª conjugação	9	1	1	29	49	0
3ª conjugação	3	0	0	2	27	0
SER	20	0	0	25	84	1
IR	111	1	1	43		
TER	50	2	2	76	26	0
(ES)TAR	41	1	0	24		
FAZER	9	0	0	21	9	0
TOTAL	310	6	6	316	441	2
%	98.1	1.9	1.9	98.1	99.5	0.5

FONTE: Pesquisa de Campo

fala da comunidade tenha as características de sua gramática marcadas pela herança italiana. O que se tem nesse caso é a incorporação de uma tendência que vem certamente de variedades não-padrões e variedades rurais do português que foi adquirido pelos primeiros moradores da Colônia Santo Antônio. Essa tendência é tão forte, que praticamente não se tem variação nas formas de 1ª pessoa do plural no imperfeito. Na definição dessa característica específica do dialeto da Colônia Santo Antônio, foi uma tendência do português que veio a determinar a forma flexional a ser incorporada ao conjunto de flexões.

No clássico estudo de Amadeu AMARAL (1ª edição publicada em 1920) sobre o que ele chama de "*dialeto caipira*", uma variedade do português usado nas áreas rurais em uma vasta área do centro do país é apontado o uso da forma de 3ª pessoa do singular em lugar da marca padrão de 1ª pessoa do plural sempre que esta for proparoxítona:

"NOMERO - O plural da 1ª pessoa perde o s: baço, fôço, fazemo. Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do singular: nóis ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria." (AMARAL, 1976: 72)

O trabalho de AMARAL traz indicações de que a tendência documentada no dialeto da Colônia Santo Antônio vem de variedades rurais do português. A partir da comparação entre as características do "*dialeto caipira*" apresentado por ele e o dialeto falado por descendentes de italianos no noroeste do Rio Grande do Sul, podemos por um lado ter um argumento para podermos afirmar que a flexão verbal

encontrada na fala da Colônia Santo Antônio teve sua origem no próprio português. Por outro lado, a recorrência das características nesse dialeto indica que a área geográfica em que se tem o uso do "*dialeto caipira*" é mais extensa do que AMARAL documentou.

Poderíamos pensar também que a ausência de marca de primeira pessoa do plural no pretérito imperfeito ocorra por uma regularização do paradigma desse tempo, que tem a marca número-pessoal zero para a 1ª pessoa e para a 2ª/3ª do singular. Mas aí teríamos dificuldade em explicar porque a regularização não ocorre também com a 2ª/3ª do plural, que tem a concordância marcada em 87.8%, na maioria das vezes com o uso de formas que têm na marca de flexão número-pessoal o ditongo nasal átono [ãw]: *falavam, vendiam, partiam, eram iam, (es)tavam, tinham, faziam*.

Como um balanço final podemos destacar que a distribuição das ocorrências da concordância e não concordância nos quadros 2, 3 e 4 mostram que os índices encontrados ao relacionar a concordância com os fatores gramaticais de tempo, número e pessoa se aproximam na maior parte dos casos de 100%, e no caso da 1ª pessoa do plural no imperfeito aproxima-se de 0%. A variação encontrada em cada caso é mínima. Note-se que o maior índice de variação ocorre com a 2ª/3ª pessoa do plural do imperfeito: 12.2%.

4 A VARIAÇÃO NAS MARCAS DE CONCORDANCIA

4.1 PRESENTE DO INDICATIVO

4.1.1. Primeira Pessoa do Plural

Vamos inicialmente apresentar a distribuição das ocorrências de verbos com sujeito plural no presente do indicativo para a seguir discutir a variação nas marcas número pessoais. Os quadros 5 e 6 mostram essa distribuição. Para facilidade de apresentação dos dados, escolhemos um verbo regular de cada conjugação para representar nos quadros as ocorrências de verbos regulares. São as seguintes as formas flexionais utilizadas para marcar a concordância no presente do indicativo.

QUADRO 5 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA
COM A 1ª PESSOA DO PLURAL
PRESENTE DO INDICATIVO

	ZERO	PADRÃO	A-MO	E-MO	I-MO	O-MO
1ª conjugação	fala:1	falamos:3	falamo:10	falemo:54	-----	-----
REGULARES: 2ª conjugação	vende:1	vendemos:0	-----	vendemo:9	-----	-----
3ª conjugação	parte:0	partimos:0	-----	-----	partimo:3	-----
SER	é: 0	somos: 2	samo:1	semo:15	-----	somo:2
IR	vai:1	vamos:2	vamo:59	-----	-----	vomo:49
(ES)TAR	(es)tá:1	(es)tamos:1	(es)tamo:6	temo:34†	-----	-----
TER	tem:2	temos:0	-----	temo:50	-----	-----
FAZER	faz:0	fazemos:0	-----	fizemo:9**	-----	-----

FONTE: Pesquisa de Campo

† A forma ESTEMO nunca ocorre, só TEMO.

** Com o verbo FAZER, a flexão E-MO sempre coocorre com a alternância vocálica no radical. A forma encontrada é sempre FIZEMO e não FAZEMO.

Como nossa intenção nessa parte do trabalho é sistematizar as tendências mais marcantes usadas para marcar a concordância para cada forma, decidimos organizar os dados referentes a cada variável da forma que nos pareceu mais clara para mostrar as tendências encontradas. Isso nos levou a agrupar, na primeira pessoa do plural do presente, todas as formas em e-mo. Sabemos que essas formas em muitos verbos apresentam uma diferença grande em relação ao padrão (falamos x falemo/ estamos x temo) e que, em outros, a diferença consiste apenas na presença x ausência do -s final (vendemo x vendemos/ temos x temo). Mas achamos que a melhor forma de mostrar como os falantes fazem a concordância com a primeira pessoa do plural no presente é justamente reunir todos os

usos da marca *e-no*, visto que é essa marca que mostra a tendência predominante para se marcar a concordância. Fizemos a oposição entre três formas de marcar a concordância com a primeira pessoa do plural: tem-se primeiramente a forma padrão, depois a marca *e-no* e outras marcas com índices menores de ocorrência, em que se destacam formas que se assemelham à forma padrão sem o *-s* final. Os índices de ocorrência dessas formas estão discriminados no quadro 5.

Nesse quadro se vê que há uma tendência muito forte a anular a diferença entre as conjugações na primeira pessoa do plural do presente e marcar sistematicamente essa pessoa pelo uso da forma com *e-no*. Em 54.3% das ocorrências, a concordância se fez pelo uso dessa marca. A marca *e-no* só não ocorre com os verbos da terceira conjugação, que são raros. A regularização encontrada nas formas de primeira pessoa do plural no presente segue uma tendência que foi observada por FROSI e MIORANZA (1983) em relação à flexão dessas formas entre os falantes de dialetos italianos na região nordeste do Rio Grande do Sul. A marca *e-no* que encontramos nos dados coincide com a que foi documentada por FROSI e MIORANZA como característica dos dialetos vênéticos e também da "*koiné*" que se formou como uma decorrência dos contatos interdialetais na região nordeste⁶. Segundo os autores, no presente do indicativo, na "*koiné*"... a terminação da 1ª pessoa do plural *-emo* deriva da influência dos dialetos vênéticos (excetuando-se destes o feltrino-belunês) e do trentino (FROSI e MIORANZA 1983: 310).

⁶ FROSI e MIORANZA (1983) apresentam essa característica do italiano falado na região nordeste do Estado nos quadros 150, p.305 e 156, p.314.

O verbo *ir* precisa ser analisado à parte, já que esse é o único verbo entre os analisados que tem um padrão flexional próprio e difere das tendências manifestas pelos demais. O verbo *ir* tem três formas concorrentes, sendo que as ocorrências se distribuem basicamente entre as duas formas não padrão: **vamo** e **vomo**. Pode-se notar observando o quadro 5 que os índices de ocorrência atribuídos às marcas **a-mo** e **o-mo** se devem à frequência no corpus do verbo *ir*. Se refizermos os cálculos eliminando-se esse verbo, o percentual de ocorrência da flexão com **e-mo** se eleva para 85.9%, ou seja, fica mais evidente a predominância dessa forma como marca de concordância com a 1ª pessoa do plural no presente.

É importante destacar ainda que o fato de se ter no dialeto um uso sistemático de marcas de concordância verbo/sujeito não pode ser tomado como evidência de uma aproximação com o português padrão. Como se vê pelo quadro 5, a concordância usada coincide com a forma padrão em apenas 2.5% das ocorrências. Um dos fatores para essa diferença em relação ao padrão é o processo de apagamento do **-s** final na marca flexional de 1ª pessoa do plural correspondente ao português padrão: **falamo**, **vendemo**, **seno**, **vamo**. Outro é a regularização da marca número-pessoal na 2ª e 3ª conjugações, com a adoção da marca **e-mo** para as duas conjugações (**falemo** = **vendemo**). Podemos separar os dois processos reagrupando de forma diferente os dados contidos no quadro 5. O quadro 6 apresenta esse reagrupamento, de forma a destacar a atuação dos dois processos.

QUADRO 6 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA COM A 1ª PESSOA DO PLURAL
 PRESENTE DO INDICATIVO - REAGRUPAMENTO DOS DADOS DO QUADRO 5

	ZERO	PADRAO	ELIMINAÇÃO DO S FINAL	E-MO	O-MO
1ª conjugação	fala:1	falamos:3	falamo:10	falemo:54	----
REGULARES: 2ª conjugação	vende:1	vendemos:0	vendemo:9	----	----
3ª conjugação	partir:0	partimos:0	partimo:3	----	----
SER	é: 0	somos: 2	somo:2	semo:15	
IR	vai:1	vamos:2	vamo:59	----	vomo:49
(ES)TAR	(es)tá:1	(es)tamos:1	(es)tamo:6	temo:34*	----
TER	tem:2	temos:0	temo:50	----	----
FAZER	faz:0	fazemos:0	fizemo:9***	----	----
TOTAL	6/314	8/314	148/314	103/314	49/314
%	1.9	2.6	47.1	32.8	15.6

FONTE: Pesquisa de Campo

OBSERVAÇÕES: * A forma ESTEMO nunca ocorre, só TEMO.

** Com o verbo FAZER, a flexão E-MO sempre coocorre com a alternância vocálica no radical. A forma encontrada é sempre FIZEMO e não FAZEMO.

- Foi eliminada deste quadro a ocorrência isolada de samo, registrada no quadro 4.

O quadro 6 mostra qual é a contribuição de cada um dos dois processos principais relacionados à variação nas flexões de 1ª pessoa do plural no presente do indicativo. Naqueles verbos em que potencialmente poderia ocorrer um ou outro dos processos, como é o caso dos verbos regulares da primeira conjugação, de ser e estar, ocorrem preferencialmente as formas com a marca e-mo.

4.1.2. Segunda/Terceira Pessoas do Plural

Passemos ao exame dos casos de concordância com sujeitos de 2^a/3^a pessoas do plural no presente do indicativo, com o objetivo de sistematizar as tendências encontradas.

Ao comentar o quadro 3, mostramos que a concordância com a 2^a/3^a pessoa do plural no presente é marcada por meio da flexão verbal em 95.5% dos casos. A variação encontrada nesse caso se dá basicamente entre as diversas marcas concorrentes que indicam a concordância, já que as ocorrências da forma zero são raras.

As marcas utilizadas para assinalar a concordância são as seguintes. Na forma padrão, a marca é sempre um ditongo nasal, geralmente átono. Tem-se o ditongo [ãw] na primeira conjugação (fal~~am~~) e [ẽy] na 2^a e 3^a (vend~~em~~, part~~em~~). Nas formas que têm o padrão em [ãw], esse ditongo está em variação com [ẽy], [õ] e [ĩ] (fal~~am~~ x fal~~em~~ x fálo~~m~~ x fáli~~m~~); nas que têm na forma padrão o ditongo [ẽy], esse alterna-se com [ĩ] (vend~~em~~ x vêndi~~m~~; párte~~m~~ x párti~~m~~; faz~~em~~ x fázi~~m~~). O quadro 7 mostra as freqüências de uso de cada uma das marcas encontradas.

QUADRO 7 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA
COM A 2ª e 3ª PESSOAS DO PLURAL
PRESENTE DO INDICATIVO

	ZERO	PADRÃO	-OM	-EM	-IM
1ª conjugação	fala:19	falam:224	falom:9	falem:55	falim:10
REGULARES: 2ª conjugação	vende:3	vendem:109	-----	=padrão	vêndim:4
3ª conjugação	parte:2	partem:7	-----	=padrão	pártim:3
SER	é: 0	são:28	som:20	-----	-----
IR	vai:1	vão:41	vom:56	-----	-----
(ES)TAR	(es)tá:1	(es)tão:42	(es)tom:0	-----	-----
FAZER	faz:3	fazem:3	-----	=padrão	fazim:0
TOTAL	29/640	454/640	85/640	55/640	17/640
%	4.5	70.9	13.3	8.6	2.7

OBSERVAÇÃO: No verbo TER, a forma zero e a padrão coincidem. Houve 28 ocorrências de TEM.

Como não há variação, elas foram eliminadas do quadro.

FONTE: Pesquisa de Campo

No conjunto de formas alternantes usadas como marcas de concordância com a 2ª/3ª pessoa do plural, a marca mais utilizada é a padrão, que ocorre em 70,9% dos casos analisados. Nos verbos em que a forma padrão tem o ditongo [ɛy], a variação é menor do que naqueles que têm o ditongo [ãw]. Nos casos em que o padrão é [ãw], além de se ter um número maior de variantes, as formas não padrão ocorrem com uma frequência maior.

Nos verbos que têm a forma padrão em [ãw], esta ocorre em 66,2% dos casos; naqueles que têm o padrão em [ɛy], esta forma ocorre em 88,8% dos casos. As formas que têm a marca padrão em [ɛy] estão menos sujeitas a variação do que aquelas que têm o padrão em [ãw].

A variante [ɛy] está sendo analisada como uma forma distinta da padrão apenas nos casos em que essa marca está em alternância com o ditongo átono [ãw]: **falam** x **falem**. Essa alternância é semelhante à encontrada na 1ª pessoa do plural, em que a forma padrão **falamos** está em variação com **falemo**. Há uma grande diferença de produtividade entre **falemo** e **falem**. Enquanto a forma **falemo** foi usada com uma frequência de 79.4% nos verbos regulares da 1ª conjugação, a forma **falem** ocorreu em 17.4% dos casos nesse mesmo grupo de verbos. Os índices de ocorrência são muito diferentes, mas o processo morfológico é semelhante. Tem-se nos dois casos uma anulação da diferença entre a 1ª e 2ª conjugações, em que a forma resultante é da 2ª: **falemo/vendemo**; **falem/venden**. O uso das variantes **falemo** e **falem** revela uma preferência no dialeto pelas flexões que tenham a vogal [e] na posição de vogal temática.

O uso de cada variante tem suas peculiaridades. A forma [õ] (**fálon**, **som**, **vom**, **(es)ton**), que entra no dialeto da Colônia Santo Antônio a partir de uma dificuldade que o falante de italiano tem para pronunciar o ditongo [ãw] só tem índices altos de ocorrência com dois dos verbos estudados: **ser** e **ir** (**som** e **vom**). Note-se que 57.1% das ocorrências de **ir** têm a forma **vom**. É um índice altíssimo quando comparado aos 2.8% de ocorrências da variante [õ] nos verbos regulares da 1ª conjugação. É necessário responder à seguinte questão: por que esses verbos têm índices altos de uso da forma em [õ]?

Uma primeira hipótese é de que as características fonológicas dessas formas verbais, que são monossílabos tônicos, contribuam para a conservação da variante (ø)⁷. Essa hipótese é enfraquecida quando observamos que o verbo *estar* tem também um monossílabo tônico na 2^a/3^a pessoa do plural do presente - *tão* - mas com esse verbo não ocorre a forma *ton*.

Outra hipótese é que a freqüência de uso dos verbos *ser* e *ir* contribua para que esses dois verbos tenham marcas flexionais diferentes dos demais. O que está a nosso alcance fazer neste momento é documentar a diferença no uso dessas formas face às marcas usadas nos demais verbos e apontar para possíveis explicações, sem chegar a uma explicação sustentada por argumentos que não deixem dúvidas.

A variante [ĩ] ocorre com os verbos regulares: *falin*, *vêndin*, *pártin*. Podemos analisar essa forma como uma variante de [ẽy], já que ela só é possível nos casos em que a variante [ẽy] também pode ocorrer, ou seja, nos verbos que têm a forma padrão em [ẽy] átono (regulares da 2^a conjugação, regulares da 3^a conjugação, verbo *fazer*) e nos que têm a forma padrão em [ãw] átono (regulares da 1^a conjugação) em que essa forma pode alternar-se com [ẽy]. É uma variante cujo índice de ocorrência é muito baixo: 2.7% no total de dados.

O corpus complementar (entrevistas e debates radiofônicos não apresenta as variações nas marcas flexionais do plural documentadas na fala da Colônia Santo Antônio. Os participantes dos programas usam invariavelmente as formas

⁷ Estamos falando em "conservação" da variante porque uma marca que seja resultante da interferência do italiano no português é uma variante conservadora. Como já mostramos no capítulo 2, há na comunidade de fala uma associação entre o italiano e o antigo, tradicional.

padrão tanto para a 1ª quanto para a 2ª/3ª pessoa do plural. Várias circunstâncias podem ter contribuído para a preferência sistemática pelas formas padrão nesse corpus: a camada social dos entrevistados, o fato de residirem nos centros urbanos, a formalidade dos programas radiofônicos.

4.2 PRETERITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

A forma de exposição para a apresentação das variações no pretérito imperfeito do indicativo é análoga à adotada para a variação no presente do indicativo: fazemos inicialmente uma síntese de todas as ocorrências do imperfeito documentadas nos dados para depois discutirmos as tendências que elas revelam.

4.2.1 Primeira Pessoa do Plural

Não há variação nas marcas de concordância com a 1ª pessoa do plural no pretérito imperfeito. As ocorrências se distribuem entre a forma zero, que chega a 98.1% e a padrão, que ocorre em 1.9% dos casos. Comentamos na seção 4.3 que a concordância com a 1ª pessoa do plural no imperfeito tem tendência oposta à dos demais tempos e pessoas: é o único caso entre os que estudamos em que a não concordância se aproxima de 100% e a concordância de 0%. Já analisamos na seção 3 as motivações para esse comportamento diferenciado da 1ª pessoa do plural no pretérito imperfeito. A análise que fizemos desses casos é análoga à apresentada por Amadeu AMARAL (1976): a forma zero é usada em contraposição à padrão para se evitar uma forma proparoxitona, que seria o único

caso de proparoxitona nos tempos verbais mais produtivos no dialeto..

O quadro 8 mostra como as ocorrências da forma zero e da padrão se distribuem entre os diversos verbos incluídos na amostra que foi quantificada.

QUADRO 8 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA
COM A 1ª PESSOA DO PLURAL
PRETERITO IMPERFEITO

	ZERO	PADRÃO
1ª conjugação	falava:96	falávamos:2
REGULARES: 2ª conjugação	vendia:29	vendíamos:1
3ª conjugação	partia:2	partíamos:0
SER	era: 25	éramos: 0
IR	ia:43	íamos:1
(ES)TAR	(es)tava:24	(es)távamos:0
TER	tinha:76	tínhamos:2
FAZER	fazia:21	fazíamos:0
TOTAL	316/322	6/322
%	98.1	1.9

FONTE: Pesquisa de Campo

Observe-se que as ocorrências da forma zero ocorrem uniformemente com todos os verbos analisados e em todos eles tem índices próximos de 100%. As ocorrências da forma padrão são insignificantes. Pode-se concluir que é uma característica marcante do dialeto o uso da forma zero na 1ª pessoa do plural no pretérito imperfeito.

4.2.2 Segunda/Terceira Pessoas do Plural

Na concordância com a 2ª/3ª pessoa do plural, no pretérito imperfeito, a marca padrão é a mesma para todos os verbos: é sempre o ditongo átono [ãw]. Essa marca está em variação por um lado com a forma zero, por outro com as vogais nasais átonas [ĩ], [õ] e [ũ]. Vejamos no quadro 9 as ocorrências das 5 formas apontadas.

QUADRO 9 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA
COM A 2ª E 3ª PESSOAS DO PLURAL
PRETERITO IMPERFEITO

	ZERO	PADRÃO	-ia	-am	-um
1ª conjugação	falava:16	falavam:97	falavia:6	falavam:4	falavum:1
REGULARES: 2ª conjugação	vendia:1	vendiam:31	-----	-----	-----
3ª conjugação	partia:0	partiam:2	-----	-----	-----
SER	era: 2	eram:19	-----	eram:1	-----
IR	ia:2	iam:20	-----	-----	-----
(ES)TAR	(es)tava:5	(es)tavam:18	-----	(es)tavam:5	estavum:1
TER	tinha:7	tinham:24	-----	tinham:1	-----
FAZER	fazia:1	faziã:13	-----	faziã:1	-----
TOTAL	34/278	224/278	6/278	12/278	2/278
%	12.2	80.6	2.2	4.3	0.7

FONTE: Pesquisa de Campo

O quadro 9 mostra que na concordância com a 2ª/3ª pessoa do plural, no pretérito imperfeito, a tendência predominante é usar a marca padrão. A variação encontrada na 2ª/3ª pessoa do plural no imperfeito ocorre basicamente entre a marca padrão [ãw], que tem o índice de 80,6% e a marca zero, que ocorre em 12,2% dos casos. As três marcas que estão

em variação com a forma padrão - [ĩ], [õ], [ũ] - têm índices baixos de ocorrência. Duas delas são semelhantes a formas encontradas no presente do indicativo. Uma é a variante [õ], que entra no dialeto a partir da dificuldade que os falantes de italiano têm de pronunciar o ditongo [ãw]. Esta variante tem um índice baixo de uso: 4.3%. Outra é a forma [ĩ], que produz no imperfeito a alternância falavam x falávim, análoga à alternância falam x fálím encontrada no presente do indicativo.

A forma [ũ] ocorreu apenas duas vezes, o que representa apenas 0.7%, que é um índice irrelevante. Essa forma, apontada por Amadeu AMARAL como uma das marcas características da flexão de 3ª pessoa do plural no "dialeto caipira" não ocorre na fala da Colônia Santo Antônio com freqüências análogas às demais formas flexionais apontadas por aquele autor. Sobre as flexões de 3ª pessoa do plural, AMARAL diz:

"O plural da 3ª modifica-se: QUERIM, QUIRUM, QUISERUM, QUEIRUM; ANDUM, ANDAVUM, ANDARUM, ANDIN" (AMARAL 1976:72)

Por que dar destaque à análise que AMARAL faz nesse caso se não há semelhança entre o que ele afirma acerca do "dialeto caipira" e o que encontramos na fala dos moradores da Colônia Santo Antônio? Ocorre que uma das hipóteses sobre a origem das características da flexão verbal no dialeto falado por descendentes de italianos no noroeste do Rio Grande do Sul é que esse dialeto tenha como uma das suas fontes o português falado em áreas rurais. Nesse caso, a apresentação

feita por AMARAL é um ponto de referência que pode reforçar a hipótese sobre a origem das formas usadas atualmente na flexão verbal.

4.3 PRETERITO PERFEITO

4.3.1 Primeira Pessoa do Plural

A concordância com a 1ª pessoa do plural no pretérito perfeito pode ser feita ou com a marca padrão, ou com uma entre seis marcas alternantes. Essas marcas e seus índices de uso são apresentados resumidamente no quadro 10.

QUADRO 10 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA
COM A 1ª PESSOA DO PLURAL
PRETERITO PERFEITO

	ZERO	PADRÃO	A-MO	E-MO	I-MO	O-MO	U-MO
1ª conjugação	falou:1	falamos:4	falamo:19	falemo:223	-----	-----	-----
REGULARES: 2ª conjugação	vendeu:0	vendemos:3	-----	vendemo:46	-----	-----	-----
3ª conjugação	partiu:0	partimos:0	-----	-----	partimo:27	-----	-----
SER/IR	foi: 1	fomos:3	-----	-----	-----	fomo:67	fumo:14
TER/(ES)TAR	teve:0	tivemos:2	-----	tivemo:24	-----	-----	-----
FAZER	fez:0	fizemos:0	-----	fizemo:9	-----	-----	-----

A concordância com a primeira pessoa do plural no pretérito perfeito segue exatamente as mesmas tendências observadas no presente. A presença de uma marca flexional no verbo para indicar a concordância com o sujeito chega a 99.5% das ocorrências, mas a marca padrão foi usada somente em 2.7% dos casos.

A inclusão de 5 variantes não padrão no quadro 9 sugere a existência de uma multiplicidade de processos de variação na 1ª pessoa do plural no pretérito perfeito. Uma observação mais detalhada das variantes mostra, no entanto, que a maioria das variantes são resultado de um único processo: a ausência do -s final da variante padrão. Podemos reagrupar os dados do quadro 9, a exemplo do que fizemos com os quadros 4 e 6, para colocar em um mesmo conjunto as formas relacionadas ao mesmo processo.

QUADRO 11 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA COM A 1ª PESSOA DO PLURAL
PRETERITO PERFEITO - REAGRUPAMENTO DOS DADOS DO QUADRO 9

	ZERO	PADRÃO	ELIMINAÇÃO DO S	E-MO	U-MO
1ª conjugação	falou:1	falamos:4	falamos:19	falemos:223	-----
REGULARES: 2ª conjugação	vendeu:0	vendemos:3	vendemos:46	-----	-----
3ª conjugação	partiu:0	partimos:0	partimos:27	-----	-----
SER/IR	foi: 1	fomos:3	fomos:67	-----	fomos:14
TER/(ES)TAR	teve:0	tivemos:2	tivemos:24	-----	-----
FAZER	fez:0	fizemos:0	fizemos:9	-----	-----
TOTAL	2/443	12/443	192/443	223/443	14/443
%	0.5	2.7	43.3	50.4	3.1

FONTE: Pesquisa de Campo

Os dados reagrupados desta maneira mostram que há três processos relacionados à variação entre as marcas flexionais utilizadas na 1ª pessoa do plural no pretérito perfeito. O primeiro deles é a não ocorrência do -s final, processo que faz com que para todos os verbos se tenha uma variação entre a forma padrão (com -s) e a forma sem o -s final. Em todos

os verbos, a forma sem o *-s* final tem índices de ocorrência bem superiores à forma padrão.

O segundo processo restringe-se aos verbos regulares da 1ª conjugação, que têm o padrão em *a-mos* (falamos). Nesses verbos, a exemplo do que ocorre no presente do indicativo, há no dialeto a forma com *e-no* (falemo), que tem um índice de uso muito alto: 90.3% das ocorrências de verbos regulares da 1ª conjugação. Na 1ª pessoa do plural no pretérito perfeito, há o mesmo processo de fusão entre as conjugações, com a extensão da forma de 2ª e 3ª conjugações à 1ª.

Esta característica do português falado na Colônia Santo Antônio não é uma particularidade desse dialeto. Amadeu AMARAL mostra que ela também está presente no "*dialeto caipira*":

*Nas formas do pretérito perfeito do indicativo dos verbos em *ar*, a tónica muda-se em *e*: trabalhêmo = trabalhámos, caminhêmo = caminhámos. (AMARAL 1976: 72)

Mostramos na seção 4.1.1 que a forma *e-no* como marca da 1ª pessoa do plural nos verbos regulares da primeira conjugação pode ter entrado no dialeto a partir da influência italiana. FROSI e MIORANZA (1983:310) documentam o uso dessa marca na flexão de 1ª pessoa do plural no presente do indicativo nos dialetos vênéticos falados na região nordeste do Rio Grande do Sul, ou seja, nas Colônias Velhas, de onde os moradores da Colônia Santo Antônio migraram.

A análise de AMARAL em relação ao pretérito perfeito aponta outra fonte: indica que a flexão da 1ª pessoa do plural

em *e-mo* é uma marca característica do "*dialeto caipira*". Não nos cabe aqui discutir qual das duas fontes teria sido determinante para que o dialeto da Colônia Santo Antônio viesse a adotar essa marca flexional. Muito menos há razões para supor que uma das fontes tenha influenciado para que a forma com *e-mo* fosse adotada no presente do indicativo e que a outra tenha sido relevante para sua incorporação no pretérito perfeito.

O que se tem no dialeto da Colônia Santo Antônio é uma convergência de influências: se a forma *e-mo* estava presente tanto no dialeto italiano falado pelo grupo quanto na modalidade de português adquirido a partir da migração, explica-se não só a existência dessa variante no dialeto mas também seus altos índices de frequência. Tomando-se os verbos regulares da 1ª conjugação, vemos que a forma *e-mo* ocorre em 79.4% das ocorrências no presente do indicativo e em 90.3% dos casos de pretérito perfeito.

O terceiro processo é restrito aos verbos *ser/ir*. Trata-se do uso da forma *fumo*, que ocorre no corpus em 16.5% dos casos desses verbos. O uso de *fumo* não é uma característica que esteja presente somente no dialeto de descendentes de italianos no Rio Grande do Sul. Pelo contrário, a flexão *fumo* é bastante difundida nas variedades não padrão do português, tanto que é considerada pelos

falantes do português urbano culto (que ridicularizam o uso dessa forma) como um estereótipo do português não padrão ⁸.

4.3.2 Segunda/Terceira Pessoas do Plural

Passemos agora à análise das formas de 2^a/3^a pessoas do plural no pretérito perfeito. Para todos os verbos analisados, essa pessoa tem, na forma padrão, a marca [-rãw]. Da mesma forma, todos os verbos têm duas variantes em alternância com a marca padrão: uma em que o ditongo [ãw] é substituído por [õ], de forma análoga aos processos já apontados no presente e no imperfeito; outra em que o ditongo [ãw] é substituído por [õ]. Para qualquer verbo entre os estudados, vamos encontrar um conjunto de três formas alternantes para marcar a concordância com a 3^a pessoa do plural: **falaram x falárom x falaro, tiveram x tivérom x tivero**, etc. A marca zero só foi usada em 1.9% dos casos.

⁸ O uso dessa forma não é uma característica somente do dialeto de descendentes de italianos no Rio Grande do Sul. Pelo contrário, é uma forma bastante difundida nas variedades não padrão do português, tanto que é considerada pelos falantes do português urbano culto como um estereótipo do português não padrão. Podemos dar um exemplo desse caráter de estereótipo que a forma FUMD tem. Adoniran Barbosa, no seu "Samba do Arnesto" faz um uso metafórico de várias marcas do português não padrão. Entre elas estão tanto a flexão com E-MO para os verbos da 1^a conjugação quanto a forma FUMD para o verbo IR:

"O Arnesto nos convidou
 Prum samba
 Ele mora no Brás
 Nós FUMD e não ENCONTREMO ninguém
 Nós FIQUEMO com uma baita duma raiva
 Da outra vez nós num VAI mais."

QUADRO 12 - FORMAS FLEXIONAIS USADAS NA CONCORDANCIA
COM A 2ª e 3ª PESSOAS DO PLURAL
PRETERITO PERFEITO

	ZERO	PADRAO	-ros	-ro
1ª conjugação	falou:1	falaram:141	faláram:49	falaram:21
REGULARES: 2ª conjugação	vendeu:0	venderam:20	vendêram:3	vendero:12
3ª conjugação	partiu:0	partiram:19	partíram:3	partiro:0
SER/IR	foi:5	foram:38	fôram:7	foro:6
TER/(ES)TAR	teve:1	tiveram:4	tivêram:7	tivero:4
FAZER	fez:0	fizeram:9	fizêram:10	fizero:7
TOTAL	7/364	231/364	76/364	50/364
%	1.9	63.5	20.9	13.7

FONTES: Pesquisa de Campo

Das três marcas em variação, a que apresenta o maior índice de uso é a forma padrão, que foi usada em 63.5% das ocorrências documentadas. A forma em [õ] no pretérito perfeito tem índices mais altos do que nos demais tempos: 20.9%, contra 13.3% no presente e 4.3% no imperfeito. A forma [-ro] alcança os 13.7%.

Na 2ª/3ª pessoa, do plural no perfeito, as ocorrências se distribuem entre as três marcas alternantes, sem que nenhuma delas se aproxime dos 100%. Tem-se as três formas disputando efetivamente o seu lugar na gramática do dialeto.

5 VARIANTES EM DISPUTA

Até aqui tivermos a preocupação de fazer o mapeamento do conjunto total de formas em variação na fala da Colônia Santo Antônio. A análise quantitativa dessas variantes, a partir de seu agrupamento por fatores estruturais (morfológicos) de tempo, número e pessoa revelou que algumas das variantes têm índices de ocorrência irrelevantes, próximas de 0% e outras têm índices próximos de 100%. São casos em que os falantes já têm uma "escolha" feita, válida no dialeto pelo menos para o momento documentado neste trabalho.

Muitas das formas que têm índices altos são diferentes da forma padrão e discriminadas pela população urbana. Se em um futuro próximo esses valores urbanos forem assimilados pelos moradores da vila, isso poderá influenciar num processo de mudança dessas formas. Não é o caso no momento. A população da Colônia Santo Antônio tem valores camponeses aos quais está profundamente arraigada. Um dos tópicos das entrevistas foi a conversa sobre planos para o futuro dos informantes e, quando era o caso, dos filhos. Nesses planos, há unanimidade quanto ao desejo de continuar como agricultores, se possível na região onde moram atualmente, se não nas novas fronteiras agrícolas no Mato Grosso ou Rondônia.

Se algumas variantes na flexão verbal conseguiram praticamente eliminar as variantes com as quais concorrem, há outros casos em que isso não ocorreu. Há alguns casos em que

nenhuma das formas está próxima à totalidade de ocorrências e nenhuma tem índices irrelevantes. Sintetizamos os casos de um e outro tipo no quadro 12, em que registramos como forma única aquelas que têm índices de uso acima de 80% e indicamos os casos em que há formas alternantes em disputa.

QUADRO 12 - PARADIGMA DAS FORMAS EM VARIAÇÃO - MODO INDICATIVO - FORMAS DO PLURAL

VERBOS	PESSOAS	TEMPOS		
		PRESENTE	IMPERFEITO	PERFEITO
REGULARES: 1ª conjugação	1ª pessoa	faleo	falava	falei
	2ª/3ª pessoas	falam falam falam	falavam	falaram falaram falaram
REGULARES: 2ª conjugação	1ª pessoa	vendo	vendia	vendi
	2ª/3ª pessoas	vendem	vendiam	venderam venderam venderam
REGULARES: 3ª conjugação	1ª pessoa	partio	partia	partii
	2ª/3ª pessoas	partem partem partem	partiam	partiram partiram partiram
SER	1ª pessoa	seio	era	foi foi
	2ª/3ª pessoas	são são	eram	foram foram foram
IR	1ª pessoa	vou	ia	foi foi
	2ª/3ª pessoas	vão vão	iam	foram foram foram
ES(TAR)	1ª pessoa	(es)teio	(es)tava	(es)tivei
	2ª/3ª pessoas	(es)tão	(es)tavam	(es)tiveram (es)tiveram (es)tiveram
TER	1ª pessoa	teno	tinha	tivei
	2ª/3ª pessoas	tem	tinham	tiveram tiveram tiveram
FAZER	1ª pessoa	fiz	fazia	fiz
	2ª/3ª pessoas	faz fazem	faziam	fizeram fizeram fizeram

Algumas das formas concorrentes incluídas no quadro 12 mostram variações que ocorrem com itens lexicais particulares. É o que se tem, por exemplo, nas alternâncias *vamo* x *vomo* (específicas do verbo *ir*); *fomo* x *fumo* (verbos *ser* e *ir*); *faz* x *fazem*, em que a forma zero teve o mesmo nº de ocorrências que a padrão⁹

Mas há dois casos em que se tem regras variáveis de flexão número pessoal que levam a uma variação sistemática em um grande conjunto de verbos. O primeiro é a flexão de segunda/terceira pessoas do plural no presente nos verbos da primeira conjugação. Temos aí as variantes:

-padrão-[-ãw]: *falam*

-[-õ]: *fálon*

-[-ẽy]: *falem*

-[-ĩ]: *falim*

O segundo caso é a flexão de segunda/terceira pessoa no pretérito perfeito em todos os verbos. Nesse caso, estão em concorrência as variantes:

-padrão: [-rãw] *fálaran*

-[-rõ]: *faláron*

-[-ro]: *falaro*

Nesses dois casos, que têm uma variação sistemática em vários verbos, vamos fazer a correlação entre o uso das variantes e alguns fatores sociais, para verificar se o uso

⁹ Só houve no corpus 6 ocorrências de FAZER na 3ª pessoa do plural no presente. Se houvesse um número maior de dados, poderíamos verificar se a tendência observada corresponde realmente ao uso do verbo FAZER no dialeto.

dessas variantes tem índices diferenciados conforme os segmentos da população da Colônia.

6 A VARIACÃO NA CONCORDANCIA VERBO/SUJEITO E OS FATORES SOCIAIS

Vejam os como o uso das variantes apresentadas acima se correlaciona ao agrupamento dos falantes por faixa etária, sexo e diferenciação social (medida pelo fator mecanização do trabalho). A correlação com o fator idade apontará se há no dialeto um processo de mudança em curso no uso de alguma dessas variantes; com os fatores sexo e diferenciação social se poderá apontar se há um segmento de falantes na comunidade que use mais sistematicamente uma forma ou outra, o que servirá para indicar se as variantes são conservadoras ou inovadoras, ou se há um grupo que está implementando seu uso na comunidade de fala.

O quadro 13 mostra as correlações entre o uso das quatro variantes de 2^a/3^a pessoas do plural e o conjunto de fatores sociais representativos de uma diferenciação entre segmentos da população da Colônia Santo Antônio. O quadro apresenta essas correlações em 298 ocorrências de verbos regulares da primeira conjugação. A análise é feita só com esse grupo de verbos porque a variável estudada só ocorre com verbos da primeira conjugação.

QUADRO 13 - OS FATORES SOCIAIS E A VARIÁVEL DE 2ª/3ª DO PLURAL
1ª CONJUGAÇÃO - PRESENTE

FATORES SOCIAIS	PADRÃO		-em		-ia		-os		
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	
FAIXA ETÁRIA	1ª geração	36/52	69.2	14/52	26.9	2/52	3.9	0	0
	2ª geração	180/236	76.3	39/236	16.5	8/236	3.4	9/236	3.8
	3ª geração	8/10	80.0	2/10	20.0	0	0	0	0
SEXO	Masculino	75/98	76.5	20/98	20.5	2/98	2.0	1/98	1.0
	Feminino	149/200	74.5	35/200	17.5	8/200	4.0	8/200	4.0
DIFERENCIAÇÃO SOCIAL	Propriedade mecanizada	180/243	74.1	48/243	19.8	7/243	2.9	8/243	3.3
	Propriedade não mecanizada	44/55	80.0	7/55	12.7	3/55	5.5	1/55	1.8

FONTES: Pesquisa de Campo

Uma primeira observação que se faz a partir do exame do quadro 13 é que [õ] e [ĩ] têm índices de ocorrência irrelevantes. A polarização se dá entre o uso da forma padrão [õw] e da forma [ẽy]. A forma [õ], que revela uma interferência do italiano, não ocorre na fala dos informantes da terceira geração. Os dados dessa geração são poucos, e não possibilitam que se faça nenhuma generalização segura a respeito de questão alguma, mas não deixa de ser um fato a ser destacado que essa geração, que aprendeu somente o português não tenha usado durante as entrevistas a variante [õ]. A variante [ĩ] também não ocorre entre os informantes mais jovens. Esse dado, somado ao baixo índice de uso das duas variantes também nas gerações mais velhas, permite que

se faça uma previsão de que as duas formas tendem a desaparecer em breve do dialeto.

Ao nos concentrar na polarização que os dados apresentam entre o uso de [ãw] e de [ẽy], uma primeira indagação que se faz é sobre a origem dessa última variante. Não se pode considerar que ela tenha entrado no português por influência italiana. FROSI e MIORANZA (1983) mostram que a forma para a terceira pessoa do plural do indicativo presente - primeira conjugação - nos dialetos italianos na região das Colônias Velhas era terminada em -a: canta ¹⁰. O único dialeto que tinha a terminação -i ou -im era o friulano.

Tampouco há indicações de que ela tenha entrado no português a partir de sua existência em variedades rurais da língua. Amadeu AMARAL (1976), ao apresentar as características da flexão verbal no "*dialeto caipira*" (pp 72 -73) não inclui nenhuma forma semelhante a essa, que possa ter se difundido para o noroeste do Rio Grande do Sul, como várias das formas apontadas por aquele autor.

A motivação para o uso da forma [ẽy] pode ser de uma regularização morfológica: como se tem na primeira pessoa a forma -emo, tem-se na segunda/terceira a forma [ẽy]. Tem-se um processo de anulação da diferença entre a primeira e a segunda conjugações, em que prevalece a vogal temática da segunda. É possível levantar a hipótese de que a variante [ẽy] tenha surgido na fala do interior do Rio Grande do Sul, já que não se tem evidências de que ela tenha sido

¹⁰ Ver o quadro 152, p. 307 de FROSI e MIORANZA (1983).

incorporada na fala da Colônia Santo Antônio nem a partir de variedades rurais do português, nem do italiano.

Atualmente essa forma tem um uso restrito na fala da Colônia Santo Antônio. A preferência é mesmo pela forma padrão, que é usada em 75.5% dos casos, enquanto [ẽy] ocorre somente em 18.5%. Ao se fazer a correlação entre o uso de uma e outra variante e o agrupamento dos informantes por faixa etária, nota-se que de uma geração a outra cresce o uso da forma [ãw] enquanto decresce o uso da variante [ẽy]. A forma [ãw] está em expansão no dialeto, e ocorre com frequência maior na fala da geração mais nova, enquanto todas as demais variantes caminham para o desaparecimento. Isso nos faz considerar [ãw] como a variante *inovadora*.

Conseqüentemente, esperaríamos encontrar um uso maior dessa variante entre os informantes do sexo masculino (que têm maiores contatos com os centros urbanos e convive numa rede de interação mais ampla) e entre os moradores de propriedades mecanizadas (que representam o segmento social que tem maior contato com os centros urbanos). Nenhuma das duas hipóteses se confirmou. O fator sexo mostrou-se irrelevante quando correlacionado ao uso das 4 variantes. A correlação com a diferenciação social revelou resultados opostos aos esperados. É possível que a diferenciação social entre os moradores da Colônia Santo Antônio seja tão insignificante que não leve a uma diferenciação no uso da língua entre os segmentos de falantes agrupados a partir dos fatores sexo e diferenciação social.

No quadro 14 mostramos a correlação entre as variantes de segunda/terceira pessoas do plural no pretérito perfeito e o agrupamento dos falantes por faixa etária, sexo e diferenciação social.

QUADRO 14 - OS FATORES SOCIAIS E A VARIÁVEL DE
2ª/3ª DO PLURAL - PRETERITO PERFEITO

FATORES SOCIAIS		-ram		-rom		-ro	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
FAIXA ETÁRIA	1ª geração	97/130	74.6	11/130	8.5	22/130	16.9
	2ª geração	124/214	57.9	68/214	31.8	22/214	10.3
	3ª geração	10/16	62.5	0	0	6/16	37.5
SEXO	Masculino	180/165	62.5	47/265	24.5	38/165	13.4
	Feminino	96/144	66.7	27/144	18.7	21/144	14.5
DIFERENCIAÇÃO SOCIAL	Propriedade mecanizada	180/165	67.9	47/265	17.8	38/265	14.3
	Propriedade não mecanizada	51/95	53.7	32/95	33.7	12/95	12.6

FONTE: Pesquisa de Campo

Pode-se perceber por essa distribuição que a variante [-rõ], análoga à variante [õ] do presente do indicativo é a forma mais conservadora: ela é usada pela primeira e segunda gerações, mas não ocorre na fala dos informantes da terceira. Apesar de os dados da terceira geração serem poucos, é importante observar que não houve uma só ocorrência da variante [-rõ].

No uso dessa variante, a correlação com o fator diferenciação social revelou índices que eram esperados: a

forma [rõ] ocorre com freqüência maior na fala dos informantes que moram em propriedades não mecanizadas, que não modernizaram o trabalho agrícola. Os informantes de propriedades mecanizadas, que têm um contato maior com os centros urbanos e mais acesso aos bens de consumo têm um uso menor dessa variante.

A correlação entre o uso da variante conservadora [rõ] e o fator sexo apresentou resultados opostos ao que prevíamos. Partimos da suposição de que as mulheres usariam com maior freqüência a variante conservadora, já que elas têm uma rede de comunicação mais estreita que a dos homens e têm menos contatos com os centros urbanos. Essa hipótese não se confirmou. A variante [rõ] que é a mais marcada como conservadora ocorreu com freqüência maior na fala dos homens do que das mulheres. Isso confirma o que já foi dito em vários trabalhos de sociolinguística: as mulheres tendem a usar as formas mais valorizadas socialmente e rejeitam as variantes estigmatizadas com freqüência maior do que os homens.

Entre as variantes de 2ª/3ª pessoas do plural no pretérito perfeito, a preferida é a marca padrão. Mas é interessante observar que o uso da variante [-ro] é maior na terceira geração. Enquanto da primeira à terceira geração se nota uma diminuição do uso da marca padrão, há paralelamente um aumento no uso da variante [-ro]. Podemos prever que essa variante venha a expandir seu uso nas próximas gerações. Como essa variante é usada também na fala coloquial urbana e não é

uma característica de fala regional, é de se esperar que seu uso venha a aumentar no dialeto.

A sistematização feita neste capítulo mostra por um lado que há muitas formas em variação quando se considera a flexão verbal e aconcordância verbo/sujeito no dialeto da Colônia Santo Antônio. Por outro lado, há na maioria das variáveis o uso predominante de uma das variantes que tende a eliminar as demais. A preferência por uma das variantes não representa uma aproximação com o português padrão. Isso está claro nas formas de primeira pessoa do plural, onde a variação é mínima e a forma preferida é sempre diferente do padrão. Nas formas de segunda/terceira pessoas, a variação é maior e a forma mais usada é a mesma do português padrão. Seria interessante se dispuséssemos de mais estudos sobre a flexão verbal e a concordância no Sul do país. Ai seria possível avaliar em que medida as tendências encontradas na Colônia Santo Antônio são as mesmas das demais áreas de colonização italiana e até que ponto essas tendências constituem uma peculiaridade do português falado nessa vila.

CAPITULO 5

A VARIAÇÃO INDICATIVO/SUBJUNTIVO

Quando os guri eram pequeno, achei que quando eram grande iam me ajudá, mas que nada! Saíram tudo estudá.

1 INTRODUÇÃO

Na análise da variação nos tempos do indicativo feita no capítulo 4, tratamos de dois tipos de processos:

(a) A variação entre formas alternantes para representar um mesmo conjunto de propriedades modo-temporais e número-pessoais. É o caso, por exemplo, da variação entre as formas -amo, -amos e -emo como marcas de primeira pessoa do plural no presente e no pretérito perfeito. A variação encontrada nesses casos restringe-se à forma (alomorfes em variação) e não corresponde a diferenças nas propriedades morfossintáticas e semânticas.

(b) A variação relacionada à aplicação da regra de concordância verbo/sujeito. Nesse caso, tem-se a variação entre diversas marcas número-pessoais de um lado e de outro o

uso da marca número-pessoal zero, ou seja, a marca de terceira pessoa do singular. Neste caso, a variação reflete um processo sintático: A aplicação da regra de concordância verbal corresponde à repetição, na morfologia verbal, das propriedades número-pessoais do sujeito. Conseqüentemente, a não-aplicação dessa regra corresponde à eliminação de uma redundância.

Além dos dois tipos de variação analisados, encontramos outros que são mais complexos: a variação entre tempos verbais, por exemplo entre o futuro do pretérito e o imperfeito do indicativo (*falaria* x *falava*) e entre os modos subjuntivo e indicativo (*fale* x *falo*; *falasse* x *falava*; *falar* x *falo*). Variações desse tipo remetem a uma rediscussão do sistema verbal como um todo: partindo do pressuposto de que a cada formativo modo-temporal corresponde um significado diferente dos expressos pelos demais formativos, a variação entre dois formativos (o uso de um ou outro no mesmo contexto e com o mesmo valor-verdade) leva à necessidade de discutir todo o conjunto de oposições modo-temporais no sistema verbal.

Ao se analisar neste capítulo a variação entre o uso de formas do subjuntivo e formas do indicativo, é necessário fazer uma discussão prévia sobre as condições de uso do subjuntivo. Ao fazê-lo, queremos responder basicamente duas questões: o subjuntivo e o indicativo são utilizados nos mesmos contextos no português? Há diferenças de significado entre os dois modos?

2 AS CONDIÇÕES DE USO DO SUBJUNTIVO EM PORTUGUES

Para apresentar de forma sistemática as condições para o uso do subjuntivo por oposição ao indicativo, partimos de um conjunto de textos que analisam a questão do uso do subjuntivo no português padrão. Entre esses textos, estão incluídas várias gramáticas tradicionais e estudos feitas em épocas diferentes por lingüistas de orientações teóricas diversificadas¹. Nos trabalhos examinados há duas afirmações recorrentes:

(a) O uso do subjuntivo não é livre, mas condicionado por determinados fatores contextuais;

(b) O subjuntivo e o indicativo estão em distribuição complementar quanto aos contextos de uso.

Apesar da concordância dos autores quanto a essas duas afirmações genéricas, há dois pontos de partida muito diferentes quando se propõem a definir as condições de uso do subjuntivo. Esses pontos de partida podem ser sintetizados nos seguintes termos:

Posição 1: O uso do subjuntivo é um problema sintático e semântico: define-se a partir das propriedades estruturais e do significado da sentença na qual o verbo é inserido².

¹ Entre os textos sobre as condições de uso do subjuntivo no português padrão que foram consultadas estão: SAID ALI (1964), ALMEIDA (1979), CUNHA & CINTRA (1985), TRAVAGLIA (1981), MATEUS, BRITO, DUARTE & FARIA (1983), PERINI (1978).

² As gramáticas tradicionais assumem normalmente essa posição. Os autores têm a preocupação de caracterizar o subjuntivo como um modo que se opõe ao indicativo pelo seu significado e pelos contextos de uso. O modo subjuntivo é caracterizado como aquele que indica dúvida, incerteza, irrealidade, hipótese, eventualidade, indeterminação, desejo, possibilidade, em oposição ao indicativo, que é caracterizado como o modo da certeza e da realidade. Além dessa diferença quanto ao significado, o subjuntivo distingue-se do indicativo também por ser usado em contextos determinados, especialmente em certos tipos de orações

Posição 2: O uso do subjuntivo é um problema pragmático e discursivo: define-se a partir da relação entre o falante e o conteúdo referencial de seu enunciado³.

Essa divergência de pontos de partida não resulta, no entanto, em análises totalmente diferentes. Os autores que partem da posição 2 não deixam de se preocupar com a sistematização das propriedades sintáticas e semânticas dos contextos em que o subjuntivo ocorre. Para esses autores, a análise é feita em dois níveis: num primeiro nível, em que fatores pragmáticos são considerados, o uso do subjuntivo é associado à modalidade possível, ou seja, a um julgamento de não facticidade que o falante expressa sobre o conteúdo referencial daquilo que ele enuncia. O subjuntivo é apresentado como uma das formas de expressão da modalidade. Em outro nível, fatores sintáticos e semânticos são incorporados à análise; para dar conta desse segundo nível, os autores apresentam um conjunto de propriedades sintáticas e semânticas que ocorrem juntamente com formas verbais de subjuntivo. Nesse segundo nível, nota-se uma convergência

subordinadas. Veja-se a esse respeito SAID ALI (1964), ALMEIDA (1979), CUNHA & CINTRA (1985). Além dos gramáticos tradicionais, alguns lingüistas procuram também estabelecer as condições sintáticas e semânticas em que se tem o uso de formas verbais no subjuntivo. Veja-se, por exemplo, TRAVAGLIA (1976), AZEVEDO (1976), PERINI (1978).

³ Esta posição aparece na análise de MATEUS, BRITO, DUARTE & FARIA (1983), em que a análise da modalidade expressa pela flexão de subjuntivo se faz a partir da proposta de análise pragmática da modalidade proposta entre outros por PARRET (1976). Uma análise do subjuntivo com orientação pragmática vai correlacionar o uso da flexão de subjuntivo com a relação que se estabelece no ato de fala entre o falante e o conteúdo referencial de sua proposição. Tanto o indicativo quanto o subjuntivo são formas verbais utilizadas nos atos ilocucionais dominados pela relação entre o falante e o universo de referência. Nesses atos de fala, segundo as autoras, existe uma relação entre as modalidades e a escolha do subjuntivo ou do indicativo; esses modos verbais do português são usados em correlação com modalidades diferentes e complementares; segundo as autoras, é possível reconhecer "(...) uma certa correspondência direta entre os modos INDICATIVO e CONJUNTIVO (= SUBJUNTIVO) e as modalidades aléticas NECESSARIO e POSSIVEL, quando a interação é dominada pela relação entre os fatores LOCUTOR e ESTADO DE COISAS (universo de referência)" (MATEUS, BRITO, DUARTE E FARIA 1983: 152).

entre as análises apresentadas por um e outro grupo de autores.

Segundo os autores que analisam as condições de uso do subjuntivo no português padrão, há um conjunto de características sintáticas e semânticas no contexto que determinam a ocorrência de formas verbais com flexões modotemporais de subjuntivo.

Ao se analisar a atuação tanto dos fatores pragmáticos e discursivos quanto dos fatores sintáticos e semânticos, uma questão se coloca recorrentemente. A expressão da modalidade se faz pelo uso do subjuntivo ou pelas propriedades contextuais presentes no enunciado concomitantemente com o subjuntivo? Em outros termos: cabe ao subjuntivo expressar a modalidade possível (não facticidade) ou apenas repetir, redundantemente, um julgamento sobre o conteúdo referencial da sentença expresso também por outros recursos sintáticos e semânticos presentes no enunciado? Essa é uma questão fundamental, para que tenhamos condições de compreender o caráter da variação entre formas do subjuntivo e do indicativo. Conforme a resposta dada à questão proposta, a variação entre as formas do subjuntivo e do indicativo vai ser encarada ou como a eliminação de uma redundância ou como a alteração das características da modalidade da sentença em que a forma verbal se insere, o que corresponde a uma alteração do significado não referencial da sentença.

Vamos buscar respostas a essa questão examinando um conjunto de sete tipos de contextos, apontados pelos diversos autores examinados como de uso obrigatório do subjuntivo no

português padrão. Os mesmos contextos serão incorporado à análise do corpus da Colônia Santo Antônio na condição de fatores estruturais, que podem favorecer ou desfavorecer a ocorrência variável do subjuntivo.

CONTEXTO 1: SUBORDINADA INTRODUZIDA POR CONJUNÇÃO INTEGRANTE

De uma forma ou de outra, os trabalhos examinados mostram que o elemento determinante para o uso de uma forma verbal no subjuntivo em sentenças subordinadas introduzidas por conjunção integrante é o significado do predicado da principal. Em geral os autores apresentam listas de significados de predicados da principal que determinam o uso do subjuntivo na subordinada. Os significados apontados são: avaliação, vontade, ordem, proibição, prescrição aconselhativa, necessidade, possibilidade, probabilidade, sentimento⁴. MATEUS, BRITO, DUARTE & FARIA (1983: 152) indicam também que são usados verbos no subjuntivo em sentenças que sejam complemento de construções causativas.

Exemplificamos a seguir alguns dos casos de uso do subjuntivo em subordinadas introduzidas por conjunção integrante. Entre parênteses ao lado de cada exemplo, fazemos a indicação do significado do predicado da principal, tomado como fator determinante para a ocorrência de uma forma no subjuntivo na subordinada.

(1) *Surpreende-me que ele venha cedo.* (avaliação)

(2) *Desejo que ela chegue logo.* (vontade)

⁴ A associação entre o uso do subjuntivo e esses diversos significados é recorrente nos vários autores que analisam a questão. Veja-se SAID ALI (1964), ALMEIDA (1979), CUNHA & CINTRA (1985), AZEVEDO (1976), TRAVAGLIA (1981), MATEUS, BRITO, DUARTE E FARIA (1983)

(3) *E possível que chova hoje.* (possibilidade)

(4) *O regulamento proíbe que fiquemos no corredor.*
(prescrição ordenativa)

Como essa caracterização do primeiro conjunto de casos em que se tem o uso do subjuntivo se relaciona à afirmação geral de que esse modo verbal é usado em enunciados que tem a modalidade possível (não factualidade)? Fizemos o exercício de examinar o conjunto de exemplos apresentados por vários autores que discutem a questão das condições de uso do subjuntivo em português e chegamos às seguintes conclusões⁵. Uma análise pragmática do subjuntivo, que faça uma correspondência direta e automática entre seu uso e a modalidade possível não se sustenta para a totalidade dos exemplos. Os casos cruciais são aqueles em que se tem o uso do subjuntivo em sentenças subordinadas a construções causativas e a verbos avaliativos, que criam uma pressuposição factual em relação à subordinada. Nos exemplos (5) e (6), tem-se o uso do subjuntivo em subordinadas a verbos causativos e avaliativos, que criam uma pressuposição factual em relação ao conteúdo referencial da subordinada.

(5) *Eu lamento que João não seja o escolhido.*
(avaliativo, com a pressuposição de factualidade).

⁵ O exercício feito com esses exemplos foi o seguinte: para cada exemplo citado pelos autores, experimentamos, primeiramente, negar a sentença subordinada e verificar se isso afetava ou não o valor de verdade da proposição toda. Quando o valor de verdade não era afetado, isso foi tomado como uma evidência de que a sentença com o verbo no subjuntivo estava relacionada à modalidade POSSÍVEL, ou seja, que não havia uma pressuposição factual associada a essa subordinada. Por exemplo, fizemos a comparação entre "É necessário que o João venha" e "É necessário que o João venha, mas ele não vem". O valor de verdade do enunciado não se altera quando a subordinada que contém o verbo no subjuntivo é negada. Isso foi considerado como evidenciador de que no caso o uso do subjuntivo está ligado à modalidade POSSÍVEL, ou seja, que não há uma pressuposição factual associada à subordinada. Outro teste feito foi de mudar o tempo verbal da principal e verificar se a pressuposição não factual (ou factual) associada à subordinada se mantém ou não.

(6) *A chuva fez com que o jogo fosse interrompido.*
 (complemento de construção causativa, com a pressuposição de factuality).

Além disso, é impossível caracterizar a oposição entre o subjuntivo e o indicativo sem levar em conta a distribuição sintática das flexões verbais de modo. A flexão verbal do futuro do pretérito faz parte do conjunto de flexões do indicativo por seu comportamento sintático, ou seja, porque sua distribuição sintática é paralela aos tempos do indicativo, mas se considerada sob o ponto de vista da modalidade, seu uso se assemelha à flexão do subjuntivo. Sentenças com verbo flexionado no futuro do pretérito têm uma pressuposição de não factuality.

Resumindo: nem todas as sentenças que contêm uma forma verbal no subjuntivo podem ser associadas, numa análise superficial, à modalidade possível; nem todas as sentenças que contêm uma forma verbal no indicativo podem ser associadas automaticamente à modalidade necessário. As condições de uso do subjuntivo são complexas e uma explicação que se limite a um só tipo de fator condicionante leva sempre a impasses produzindo análises que não dão conta da totalidade dos casos .

Os casos de sentenças introduzidas por conjunção integrante, em que o subjuntivo normalmente ocorre no português padrão, podem ser apresentados sinteticamente nos seguintes termos. Usa-se o subjuntivo nas sentenças que complementem predicados da sentença principal que:

(a) admitam um complemento com pressuposição não factual

(7) *Suponho que ela tenha 50 anos.*

(8) *João quer que sua mãe viaje.*

(b) sejam causativos ou avaliativos:

(9) *Este dado faz com que a hipótese seja questionada.*

(10) *Surpreende-me que João chegue na hora marcada.*

No caso (a), o uso do subjuntivo pode ser entendido como um reforço à pressuposição factual, que já é expressa pelo predicado da sentença principal. Já no caso dos causativos e avaliativos, o uso do subjuntivo é determinado apenas sintaticamente, sem estar relacionado a uma pressuposição de não factualidade.

Feita essa definição do contexto 1, cabe perguntar: qual é, nesse tipo de uso do subjuntivo, sua contribuição para a expressão da modalidade? No caso de sentenças que forem complementos de construções causativas e avaliativas, a resposta óbvia é de que a contribuição do subjuntivo é nula, uma vez que nesses casos ele só estará associado à modalidade possível quando o verbo da principal estiver numa forma flexional que expresse a não factualidade (por exemplo, no futuro do pretérito). Nesse caso, a não factualidade estará relacionada à proposição como um todo e não apenas à sentença subordinada que contém um verbo no subjuntivo. No caso dos predicados que admitem um complemento com pressuposição não factual, percebemos que a relação com a modalidade possível se dá na principal e determina a atribuição de não factualidade à subordinada.

CONTEXTO 2: SUBORDINADAS INTRODUZIDAS POR PRONOME RELATIVO

Dois entre os autores examinados contribuem efetivamente para a caracterização das propriedades contextuais que se relacionam ao uso do subjuntivo em sentenças introduzidas por pronomes relativos. Segundo AZEVEDO (1976:30-1), para que uma sentença introduzida por pronome relativo tenha o verbo utilizado no subjuntivo, o antecedente desse pronome deve: em primeiro lugar ser especificado como **não definido**, o que significa que ou não deve ser antecedido de artigo, ou pode ser antecedido de artigo indefinido; em segundo lugar, deve ser especificado como **não determinado**, o que significa (para AZEVEDO) que não se deve pressupor a existência do indivíduo a que o sintagma nominal se refere.

A análise de MATEUS, BRITO, DUARTE & FARIA (1983) é semelhante à de AZEVEDO, conforme fica claro na análise de um exemplo reproduzida abaixo.

Procuro um sintaticista que venha fazer um seminário no centro de lingüística.

O conjuntivo da relativa está ligado ao tipo de V da F superior; o V PROCURAR é um V CRIADOR DE UM UNIVERSO DE REFERENCIA, que determina o uso intensional do SN que é seu Objeto Direto; este designa não um indivíduo determinado do mundo real (que pode nem existir), mas um conjunto de propriedades que definem um conceito individual. (MATEUS, BRITO, DUARTE & FARIA 1983:444)

O exemplo (11) abaixo se opõe a (12) pelas características apontadas por AZEVEDO (1976) e MATEUS, BRITO, DUARTE & FARIA (1983). Enquanto em (11), que tem o verbo da subordinada no subjuntivo, não se pressupõe a existência do

cachorro, em (12), que tem o verbo da subordinada no indicativo, a existência do animal é pressuposta.

(11) *Quero um cachorro que goste de banho.*

(12) *Tenho um cachorro que gosta de banho.*

Observamos que o papel do subjuntivo nas sentenças introduzidas por pronome relativo é análogo ao que encontramos nas introduzidas por conjunção integrante. Também aqui a pressuposição não factual da sentença em que é usado o verbo no subjuntivo apenas reforça uma pressuposição não existencial associada ao sintagma nominal da principal que a subordinada qualifica. A subordinada nesse caso tem a função de qualificar um indivíduo do qual não se pressupõe a existência, o que faz com que ela seja não factual.

CONTEXTO 3: SUBORDINADAS CONDICIONAIS

Os autores que analisam a questão das condições de uso do subjuntivo em português apontam que há um grupo de subordinadas condicionais em que o subjuntivo é usado: aquelas que expressam uma condição hipotética ou irrealizável - cf. CUNHA & CINTRA (1985), TRAVAGLIA (1981), ALMEIDA (1979). MATEUS, BRITO, DUARTE & FARIA (1983) apontam o uso do subjuntivo nas condicionais hipotéticas e contrafactuais, que remetem a um universo de referência não acessível no momento da enunciação:

(13) *Em dezembro, se eu tiver dinheiro, comprarei um carro novo.*

CONTEXTO 4: SUBORDINADAS CONCESSIVAS E FINAIS

As subordinadas concessivas e finais estão reunidas em um mesmo conjunto devido à obrigatoriedade irrestrita de uso do subjuntivo nessas sentenças. No entanto, há uma diferença entre as concessivas e finais quando as tomamos sob o ponto de vista da expressão da modalidade. Tal como as condicionais, as finais são em princípio não factuais, pois remetem a um universo de referência não acessível no momento da enunciação:

(14) *Telefonei à Mariana para que ela venha à festa.*

Já as concessivas são factuais na maioria dos casos:

(15) *Embora saiba dirigir bem, o rapaz não tem carteira de motorista.*

CONTEXTO 5: SUBORDINADAS TEMPORAIS, PROPORCIONAIS, CONFORMATIVAS, ALTERNATIVAS, COMPARATIVAS (QUE SEJAM HIPOTÉTICAS)

Na própria definição do contexto já está expressa a condição de não factualidade: o subjuntivo não é usado no português padrão em todas as sentenças introduzidas por conjunções temporais, proporcionais, conformativas e alternativas, mas apenas naquelas que tiverem, além do uso dessas conjunções, a característica de serem hipotéticas, ou seja, não factuais.

(16) *Quer chova, quer faça sol, a programação não será alterada.*

(17) *Quando o financiamento chegar, os clientes serão avisados.*

CONTEXTO 6: SENTENÇAS QUE CONTENHAM OS MODALIZADORES TALVEZ
OU TOMARA

A presença dos itens lexicais talvez ou tomara atribui à proposição onde são utilizados a característica de não factualidade:

(18) *Talvez Maria tenha o endereço.*

(19) *Tomara que não tenha chovido à noite.*

CONTEXTO 7: SENTENÇAS EXORTATIVAS

Nos casos incluídos no contexto 7, temos o uso do subjuntivo em uma proposição que é sempre não factual e corresponde a uma subordinada que completaria uma principal como eu quero... ou eu queria...

(20) *Que vá tudo pro inferno!*

Na maioria dos casos apontados no conjunto de contextos acima, o papel do subjuntivo é reforçar uma propriedade não factual da sentença em que ele é usado. Se por um lado há na maioria dos casos essa correlação entre a não factualidade (modalidade possível) e o uso do subjuntivo, por outro, a modalidade nessas sentenças não é expressa somente pelo uso do subjuntivo, mas por outros elementos: o predicado da principal à qual se liga uma subordinada introduzida por conjunção integrante; o antecedente do pronome relativo que introduz uma adjetiva restritiva; a conjunção que introduz a sentença que tem o verbo no subjuntivo; os modalizadores talvez e tomara.

Mas o subjuntivo é usado também em um conjunto de contextos que não expressam a modalidade possível e sim a

modalidade necessário. Vimos esse uso nas sentenças que são complementos de verbos causativos ou avaliativos e nas introduzidas por conjunções concessivas. Também nesses casos, a modalidade não é expressa pela flexão do subjuntivo, mas pelo predicado da principal à qual se liga a subordinada introduzida por conjunção integrante ou pela conjunção que introduz a subordinada concessiva.

O único caso, de ocorrência rara, em que se poderia atribuir ao subjuntivo a responsabilidade de expressar a modalidade possível são as sentenças exortativas, onde as formas do subjuntivo não são usadas em uma estrutura de subordinação.

Ficou claro que no português a expressão da modalidade possível (não facticidade) em contextos onde são usados verbos no subjuntivo não se faz somente pela flexão desses verbos, mas também por outros elementos do contexto. Sendo assim, a variação entre o uso do subjuntivo e do indicativo nesses contextos é, do ponto de vista funcional, um processo semelhante ao que se tem na variação entre marcar ou não no verbo a concordância com o sujeito; em ambos os casos, a informação dada pela flexão verbal repete, redundantemente, o que é expresso por outros elementos presentes no contexto linguístico. A indicação de não facticidade, associada à flexão de subjuntivo, é feita simultaneamente por outros recursos. Assim, quando se tem o uso de formas do indicativo em contextos em que ocorre no português padrão o uso do subjuntivo, a expressão da modalidade possível se mantém, visto que há sistematicamente um elemento no contexto além da

flexão verbal que indica a não facticidade. Não se pode, portanto, afirmar que haja mudança no significado referencial ou não referencial das sentenças quando for usada uma forma com flexão de indicativo no contexto em que se poderia usar a flexão de subjuntivo.

Tendo já resolvido essa primeira questão, o problema que se coloca, ao examinarmos os dados referentes à variação subjuntivo/indicativo na fala dos moradores da Colônia Santo Antônio, é se há no dialeto tendência à conservação da flexão verbal do subjuntivo ou se a variação encontrada entre o uso de formas do subjuntivo ou do indicativo é representativa de um processo de mudança em curso, que poderia levar ao desaparecimento das flexões de subjuntivo.

Esta será a questão de que nos ocuparemos nas seções seguintes deste capítulo. Nosso objetivo é verificar como os 7 contextos apontados como determinantes do uso do subjuntivo no português padrão se relacionam à variação entre o uso do subjuntivo ou do indicativo no dialeto da Colônia Santo Antônio. Procuraremos identificar que fatores contextuais favorecem a ocorrência de formas no subjuntivo e que fatores favorecem o uso do indicativo, o que será feito pela correlação entre cada um dos contextos e a ocorrência do subjuntivo ou indicativo. Além de relacionarmos o uso do subjuntivo com os elementos linguísticos presentes no enunciado, faremos também sua correlação com fatores sociais, com o objetivo de verificar se há uma diferenciação na comunidade de fala quanto ao uso das variantes linguísticas consideradas. Essa correlação poderá apontar se uma das

variantes é mais conservadora que outra, se uma é usada preferencialmente por um segmento da população da vila, etc.

3 AS FORMAS EM VARIAÇÃO

Os tempos do subjuntivo não são intercambiáveis aleatoriamente com tempos do indicativo. A cada tempo do subjuntivo corresponde um tempo do indicativo com o qual aquele está em variação⁶. A correspondência encontrada é a seguinte:

QUADRO 1 - FORMAS DO SUBJUNTIVO E SUA ALTERNANCIA
COM FORMAS DO INDICATIVO

TEMPO CORRESPONDENTE NO PORTUGUES PADRAO	VARIAÇÃO ENCONTRADA NO PORTUGUES FALADO
Presente do Subjuntivo	Presente do Subjuntivo/ Presente do Indicativo
Futuro do Subjuntivo	Futuro do Subjuntivo/ Presente do Indicativo
Imperfeito do Subjuntivo	Imperfeito do Subjuntivo/ Imperfeito do Indicativo

As ocorrências abaixo, retiradas do corpus, exemplificam a variação apontada:

⁶ PONTES (1990) trata como um uso metafórico dos tempos verbais casos semelhantes aos que incluímos neste estudo de variação. Ao analisar uma série de casos, ela conclui:

"Me parece que o que une todos esses 'tempos' verbais usados de modo não habitual é a eliminação da distinção entre o modo do real (que é como costuma ser caracterizado o indicativo) e o modo do irreal (que é o que costuma ser expresso pelo subjuntivo)" (PONTES 1990: 49)

(a) Presente do subjuntivo/ Presente do Indicativo

(21) Dia, eu só quero fazê que ele SINTA no corpo dele o que o boi sentiu. (111 - 11:05)

(22) É importante que ele VAI aprendeno fazê as coisa às vez. Quando ele é grande ele sabe fazê. (102- 10:17)

(b) Futuro do Subjuntivo/ Presente do Indicativo

(23) Se eles FOREM bem e a gente TIVE a possibilidade de i castiano os estudo, vô deixá que estude. (102- 10:22)

(24) Eu acho que vem sé bom porque se a criança QUE brincá e eu vô... vô proibi, quando ela E grande parece que se cria com aquele... fica nervosa... fica assim. (102 -10:30)

(c) Imperfeito do Subjuntivo/ Imperfeito do Indicativo

(25) Dai, se a gente PUDESSE dá um estudo, aa que fosse um estudo bom, porque daí se dá só um pouco daí nom adianta também. (072- 07:12)

(26) Bom, porque é de manhã, de tarde tá livre (risos). Agora se FAZIAM de tarde, era pouca gente, viu? Se faziam de tarde, era futebol e ninguém ia na Igreja. (072- 07:15)

Por que a variação se dá entre esses tempos, quando haveria a possibilidade, por exemplo, de o futuro do subjuntivo estar em variação com o futuro do pretérito? Para a análise feita neste capítulo, como no restante do texto,

estamos partindo de uma hipótese forte. Acreditamos que no português falado se tenha uma tendência a reduzir as categorias verbais expressas pela flexão. Pode-se observar que o português falado tende a usar um sistema flexional de três tempos simples; a combinação de verbos auxiliares nesses tempos com formas nominais permite a ampliação das possibilidades de significações expressas por esse conjunto restrito de flexões. Além disso, diferenças de tempo, aspecto e modalidade são indicadas por outros elementos da sentença (os advérbios, por exemplo), não só pela flexão verbal.

O quadro 2 apresenta sinteticamente que flexões tendem a permanecer no português falado e sua correspondência com as formas apresentadas nas gramáticas tradicionais.

QUADRO 2 - FUSÕES FLEXIONAIS EM CURSO NO PORTUGUÊS FALADO

TEMPOS VERBAIS SIMPLES SEGUNDO AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	TEMPOS VERBAIS SIMPLES QUE TENDEM A PERMANECER NO PORTUGUÊS FALADO
Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
Pretérito Mais-que-perfeito*	
Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
Futuro do Pretérito*	
Imperfeito do Subjuntivo	
Presente do Indicativo	
Presente do Subjuntivo	Presente do Indicativo
Futuro do Presente*	
Futuro do Subjuntivo	

* Nas formas assinaladas, a tendência observada é de que as flexões morfológicas modo-temporais sejam substituídas por formas com o verbo auxiliar flexionado nos tempos com que se tem a fusão apontada e o verbo principal seja usado em uma forma nominal: no mais-que-perfeito se tem TINHA FALADO, no futuro do presente VAI FALAR; no futuro do pretérito IA FALAR.

A variação que encontramos entre as formas do subjuntivo e do indicativo se explica por um lado pela

afinidade de significados entre esses tempos; por outro, pela tendência apontada no quadro 2 de que as formas do pretérito imperfeito e do presente do indicativo se mantenham enquanto flexões no português falado.

Sobre a afinidade entre o significado das formas do presente e do futuro, CAMARA JR (1956) citado por PONTES (1972:75) afirma:

Com efeito, a divisão temporal em termos de linguagem não é basicamente tripartida em presente, passado e futuro, como aparece à sistematização gramatical algo sofisticada das línguas ocidentais modernas. O que há primordialmente é uma dicotomia entre Presente e Passado (...) (o presente) abarca espontaneamente o futuro certo, como tempo genérico, constante e permanente. (CAMARA JR, 1956:22)

Tem-se no português o uso do presente em contextos em que poderia ocorrer uma forma do futuro tanto com formas do subjuntivo quanto do indicativo.

A variação entre o futuro do subjuntivo e o presente do indicativo não é uma característica encontrada somente no português coloquial. SAID ALI endossa esse uso na linguagem literária, uma vez que o encontra em autores clássicos como VIEIRA:

Em lugar do futuro do conjuntivo usa-se muitas vezes, na oração condicionante, o presente do indicativo. Tem todo o cabimento essa prática quando a fala é realizável tanto no futuro mais ou menos remoto, como no domínio ilimitado da época presente: "Se DAIS a Deus o que Deus vos dá, dareis muito; mas se DAIS a Deus o que o mundo vos promete, dais muito mais" (Vieira) (SAID ALI 1964:172)

A referência feita por SAID ALI ao uso do indicativo pelo subjuntivo em VIEIRA indica que a alternância subjuntivo/indicativo ocorre tanto na escrita quanto na fala, e que seu uso na escrita não é recente. Mas é interessante questionar se temos exatamente o mesmo processo em ambos os casos, ou seja, perguntar em que se diferenciam o uso do indicativo em lugar do subjuntivo apontado por SAID ALI e a variação encontrada no corpus da Colônia Santo Antônio.

Em primeiro lugar, o uso do indicativo em alternância com o subjuntivo se dá em um número maior de casos na fala: não se tem somente o uso do presente do indicativo em alternância com o futuro do subjuntivo, mas também as alternâncias entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo e entre o imperfeito do subjuntivo e o imperfeito do indicativo.

Além disso, há indicações de que a freqüência de uso do indicativo em contextos em que poderiam ocorrer formas do subjuntivo é muito maior em variedades do português usadas por falantes que tenham pouco contato com o português padrão. Quando fazemos a comparação entre os índices de uso do indicativo em contextos em que se poderia usar o subjuntivo no corpus da Colônia Santo Antônio e no corpus complementar (entrevistas e debates radiofônicos transmitidos pelas emissoras do município de Ijuí na época em que foi feito o trabalho de campo) fica clara a diferença. Nas 3 horas de gravação que constituem o corpus complementar, encontramos 4 ocorrências de formas verbais no indicativo num conjunto de 82 contextos de uso potencial do subjuntivo, o que representa

4.8%. Nas 20 horas que constituem o corpus principal, encontramos 147 ocorrências do indicativo num total de 421 contextos de uso potencial do subjuntivo, ou seja, o indicativo foi usado em 34.9% dos contextos em que o subjuntivo poderia ter ocorrido. A comparação entre esses índices indica que o processo estudado não é exclusivo de dialetos utilizados em áreas rurais, mas que ele ocorre com uma freqüência muito maior na fala da população de áreas rurais, pelo menos na região estudada.

Para a análise da variação encontrada no corpus da Colônia Santo Antônio, vamos tomar separadamente cada grupo de fatores apontados nas seções anteriores como relevantes para o uso do subjuntivo. São os seguintes os fatores considerados:

(a) Fatores estruturais:

CONTEXTO 1: subordinadas introduzidas por conjunção integrante

CONTEXTO 2: subordinadas introduzidas por pronome relativo

CONTEXTO 3: subordinadas condicionais

CONTEXTO 4: subordinadas concessivas e finais

CONTEXTO 5: subordinadas hipotéticas temporais, proporcio- nais, conformativas, alternativas, comparativas

CONTEXTO 6: sentenças que contenham os modalizadores talvez ou tomara

CONTEXTO 7: sentenças exortativas

(b) Modalidade:

Factual

Não factual

(c) Fatores Sociais

IDADE: - primeira geração (acima de 51 anos)

- segunda geração (de 21 a 50 anos)

- terceira geração (de 11 a 20 anos)

SEXO: - masculino

- feminino

DIFERENCIAÇÃO SOCIAL: - propriedade mecanizada

- propriedade não mecanizada

Para a análise, foram retirados do corpus todos os enunciados em que seria possível utilizar um verbo no subjuntivo pelas normas de uso dessa flexão verbal no português padrão. Isso não significa que nos contextos retirados do corpus não se teria em hipótese alguma o uso de formas de indicativo em lugar do subjuntivo. Há alguns casos em que esse uso é aceitável e outros em que o uso do indicativo seria considerado muito estranho em variedades urbanas do português.

Ao interpretar no corpus as ocorrências de subordinadas condicionais, finais, concessivas, temporais, proporcionais, conformativas e alternativas, muitas vezes foi necessário fazer paráfrases dos enunciados e classificá-los segundo essas paráfrases. Sem isso teria sido impossível utilizar a classificação tradicionalmente usada para o português padrão. As conjunções encontradas no corpus como elementos introdutórios dos tipos de sentenças apontados acima

nem sempre coincidem com as alistadas nas gramáticas ou com as utilizadas em variedades urbanas do português. Ao fazer as paráfrases, tomamos cada enunciado no seu contexto, a fim de interpretar com o máximo de fidelidade a intenção do falante. Os casos em que não foi possível decidir por uma ou outra classificação foram abandonados. Apresentamos a seguir alguns exemplos de paráfrases feitas:

(27) Então, na hora que ele queria sai (quando ele quisesse sair) nós tinha, eu e o Valdir, outro meu irmão que mora lá perto dos Moresco e então levava ele onde que ele queria ir (onde ele quisesse ir) (071 - 07:20)

(28) A gente faz eles vê que tá errado e pede prá eles, conversa com eles que não fazem mais desse jeito (para que não façam mais desse jeito) (121 - 12:21)

(29) Imagina, igual que tirava (mesmo se tirasse), ele não ia se salvar nem igual. (172 - 17:10)

(30) Nem que tinha cocô ela tirava. (mesmo que as roupinhas do nenê tivessem cocô) (173 - 17:15)

(31) Não compra, porque compra (se comprar) não consegue pagá. (122 - 12:08)

4 A VARIACÃO INDICATIVO/SUBJUNTIVO E A ESTRUTURA SINTÁTICA

O fator estrutura sintática analisado nessa seção corresponde na maioria dos casos ao tipo de sentença em que se tem no português padrão o uso do subjuntivo. Na análise dos dados, cada contexto é apresentado separadamente como um fator que pode favorecer a ocorrência da forma verbal da subordinada no indicativo ou no subjuntivo. Para avaliar a contribuição de cada tipo de contexto para o uso da forma verbal com um tipo ou outro de flexão, recorreremos à comparação entre os percentuais de ocorrência de formas do indicativo e do subjuntivo em cada tipo de contexto. As tendências gerais são sintetizadas no fim da seção.

É preciso lembrar que não estamos analisando uma regra variável única e sim um conjunto de três regras:

REGRA 1: Nos contextos 1, 2, 4, 5, 6, 7, use o presente do subjuntivo ou o presente do indicativo.

REGRA 2: Nos contextos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, use o imperfeito do subjuntivo ou o imperfeito do indicativo.

REGRA 3: Nos contextos 3, 4, 5, use o futuro do subjuntivo ou o presente do indicativo.

As regras 1, 2 e 3 vão levar em conta o contexto sintático, mas também indicações temporais presentes no enunciado. Para evidenciar as particularidades de uso de cada tempo verbal, vamos separar as ocorrências de cada uma das regras em cada tipo de contexto.

4.1 CONTEXTO 1: SUBORDINADAS INTRODUZIDAS POR CONJUNÇÃO INTEGRANTE

A variação encontrada nesse tipo de contexto está exemplificada em (32) e (33):

(32) Não admito que a criança FIQUE respondendo prua professor.
(211 - 21:26)

(33) É importante que ele VAI aprendeno fazê as coisa às veiz.
(101 - 10:17)

Os percentuais de uso do subjuntivo e do indicativo no contexto 1 estão sintetizados no quadro 3:

QUADRO 3 - USO DO SUBJUNTIVO EM SUBORDINADAS INTRODUZIDAS POR CONJUNÇÃO INTEGRANTE

TEMPO EM QUE O VERBO SERIA USADO SE ESTIVESSE NO SUBJUNTIVO	FORMA USADA	OCORRENCIAS	%
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Presente do Subjuntivo	33/43	76.7
	Presente do Indicativo	10/43	23.3
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	Imperfeito do Subjuntivo	43/44	97.7
	Imperfeito do Indicativo	1/44	2.3
SINTESE	Subjuntivo	76/87	87.4
	Indicativo	11/87	12.6

FONTE: Pesquisa de Campo

Os percentuais de uso do subjuntivo e do indicativo apresentados no quadro acima indicam pelo menos duas coisas. Mostram em primeiro lugar que no contexto de sentenças

introduzidas por conjunção integrante, o indicativo é pouco usado, ou seja, que estamos diante de um contexto que favorece claramente o uso do subjuntivo. Nota-se também uma diferença no uso de formas do indicativo ou do subjuntivo quando se tem um contexto para o uso do imperfeito do subjuntivo ou para o presente do subjuntivo. No contexto da subordinada introduzida por conjunção integrante, o uso do imperfeito do indicativo em lugar do imperfeito do subjuntivo é raríssimo (2.3%). Já o uso do presente do indicativo em lugar do presente do subjuntivo tem um índice 10 vezes maior (23.3%). Em qualquer dos casos, entretanto, há uma nítida preferência pelo uso da flexão do subjuntivo.

4.2 CONTEXTO 2: SUBORDINADAS INTRODUZIDAS POR PRONOME RELATIVO

Os enunciados (34) e (35) mostram a ocorrência de verbos no subjuntivo e no indicativo nas subordinadas introduzidas por pronome relativo:

(34) Uma moça criada no interior pará (morar) estudá na cidade, ou ela vai com um tio, c'uma tia que SEJEM assis muito de capricho... senão não vai. (281 - 28:25)

(35) Não tinha pai assis que TINHA... que TINHA possibilidade de fazê ansis... de mandá um filho estudá. (271 - 27:08)

No corpus há poucas ocorrências de sentenças introduzidas por pronome relativo que preencham as condições apontadas na seção 2 para o uso do subjuntivo. Só encontramos

10 ocorrências desse tipo. O uso do indicativo ou do subjuntivo nesse pequeno conjunto de casos está sintetizado no quadro 4:

QUADRO 4 - USO DO SUBJUNTIVO EM SUBORDINADAS INTRODUZIDAS POR PRONOME RELATIVO

TEMPO EM QUE O VERBO SERIA USADO SE ESTIVESSE NO SUBJUNTIVO	FORMA USADA	OCORRENCIAS	%
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Presente do Subjuntivo	9/12	75.0
	Presente do Indicativo	3/12	25.0
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	Imperfeito do Subjuntivo	4/7	57.0
	Imperfeito do Indicativo	3/7	43.0
SINTESE	Subjuntivo	13/19	68.4
	Indicativo	6/19	31.6

FORTE: Pesquisa de Campo

E difícil chegar a alguma generalização sobre o uso do indicativo em lugar do subjuntivo nas subordinadas introduzidas pronome relativo a partir dos dados encontrados no corpus, devido ao pequeno número de ocorrências de contextos desse tipo. É possível, no entanto, apontar algumas tendências. Uma é que se tem um contexto que favorece o uso do subjuntivo, que foi usado em 68.4% dos casos. Outra é que nas 7 ocorrências em que seria usado um verbo no imperfeito do subjuntivo tem-se o uso do indicativo em 3, ou seja, que o uso do indicativo neste caso foi proporcionalmente muito maior do que nas subordinadas introduzidas por conjunções integrantes. Mas os dados são insuficientes para que se possa chegar a qualquer conclusão.

4.3 CONTEXTO 3: SUBORDINADAS CONDICIONAIS

Ao analisar as subordinadas condicionais, vamos destacar, em primeiro lugar, a produtividade desse tipo de contexto. Foram encontradas no corpus 225 subordinadas condicionais, sempre introduzidas pela conjunção *se*. A produtividade desse contexto possibilitou que examinássemos a atuação de dois tipos de fatores condicionantes para a ocorrência do subjuntivo nesse tipo de sentenças. Conforme PERINI (1978) aponta, são dois os fatores que condicionam o uso do subjuntivo nas subordinadas introduzidas por conjunções condicionais:

(a) a conjunção *se*;

(b) a ocorrência na principal de um verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

Pela correlação de tempos, conforme PERINI (1978), pode-se prever a seguinte coocorrência de flexões modais temporais na principal e na subordinada:

Principal	Subordinada Condicional
Futuro do Presente -----	Futuro do Subjuntivo
Futuro do Pretérito -----	Imperfeito do Subjuntivo

Essa correlação coloca um complicador para a análise da variação encontrada na forma verbal da subordinada condicional. É que se tem de um lado as variações já apontadas entre o futuro do subjuntivo e o presente do indicativo na subordinada e de outro lado um conjunto de variações entre os tempos da principal. Na principal, o futuro do presente pode estar em alternância com o presente

do indicativo e o futuro do pretérito pode alternar-se com o pretérito imperfeito.

Ao analisar no corpus a ocorrência de uma forma no subjuntivo ou no indicativo nas subordinadas condicionais, procuramos ver também se a escolha da forma verbal da principal condiciona a escolha da forma usada na subordinada.

Vamos examinar nas ocorrências de subordinadas condicionais no corpus em primeiro lugar a atuação conjunção condicional, de forma análoga à adotada para exame dos demais contextos, para possibilitar a comparação entre eles. Depois, consideraremos a atuação da correlação de tempos, fator que só será analisado para as subordinadas condicionais⁷.

Vejamos em primeiro lugar o uso do subjuntivo ou do indicativo no conjunto das subordinadas condicionais, num esquema análogo ao utilizado para os demais tipos de contextos:

QUADRO 5 - USO DO SUBJUNTIVO EM SUBORDINADAS CONDICIONAIS

TEMPO EM QUE O VERBO SERIA USADO SE ESTIVESSE NO SUBJUNTIVO	FORMA USADA	OCORRENCIAS	%
FUTURO DO SUBJUNTIVO	Futuro do Subjuntivo	57/147	38.5
	Presente do Indicativo	90/147	61.2
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	Imperfeito do Subjuntivo	65/78	83.3
	Imperfeito do Indicativo	13/78	16.7
SINTESE	Subjuntivo	122/225	54.2
	Indicativo	103/225	45.8

FDNTE: Pesquisa de Campo

7 Segundo PERINI (1978), o fator correlação de tempos é relevante para o uso do subjuntivo não só nas subordinadas condicionais, mas também nas temporais e comparativas. Neste trabalho, só estamos examinando a atuação desse fator nas condicionais, porque temos uma amostra grande desse tipo de sentença.

Conforme se vê no quadro 5, um dos casos de subordinada condicional é um contexto favorável ao uso do indicativo: há uma clara preferência pelo uso do indicativo nos contextos em que seria usada uma forma de futuro do subjuntivo (61.2%). O mesmo não acontece com os contextos de uso do imperfeito do subjuntivo; nesses, só foram usadas formas de indicativo em 16.7% das ocorrências. O índice alto de uso do indicativo nas subordinadas condicionais se deve ao uso do presente do indicativo no lugar do futuro do subjuntivo.

Vejamos como o fator correlação de tempo interfere no uso de formas do subjuntivo ou do indicativo nas subordinadas condicionais. Temos no conjunto de formas alternantes da principal e da subordinada oito possibilidades de correlações de tempos, juntando-se as variações encontradas nas duas faixas temporais em questão (passado e futuro) na principal e na subordinada. Tem-se na faixa temporal do passado, duas formas em variação na principal (futuro do pretérito e pretérito imperfeito) e duas na subordinada (imperfeito do subjuntivo e pretérito imperfeito). Na faixa temporal do futuro, tem-se também duas formas em variação na principal (futuro do presente - sempre na forma com verbo auxiliar - e presente do indicativo) e duas na subordinada (futuro do subjuntivo e presente do indicativo). Das oito possibilidades

de combinação entre as variações da principal e da subordinada, sete foram encontradas no corpus⁸:

(a) Principal: futuro do presente; subordinada : futuro do subjuntivo.

(36) Se tu não FIZE isso, VOU te FAZE aquilo. (201 - 20:64)

(b) Principal: futuro do presente; subordinada: presente do indicativo.

(37) Então se E possível até os 16, 17 ou 18 ano, a gente VAI FORÇA pra que ele estude. (282 -28:25)

(c) Principal: presente do indicativo; subordinada: futuro do subjuntivo.

(38) Se tu FICA té meia-noite, ali manhã cedo tu não PODE LEVANTA às 4 e meia, né? (202 - 20:24)

(d) Principal: presente do indicativo; subordinada: presente do indicativo.

(39) Eu digo que parece que se eu SAIO daqui eu já... não E mais como que... a terra que o senhor me dá não é igual a essa que eu tenho. (052 - 05:20)

⁸ Encontramos algumas ocorrências de subordinadas condicionais que não apresentavam os tempos verbais incluídos na análise. Essas ocorrências não foram incluídas no trabalho.

(e) Principal: futuro do pretérito; subordinada: imperfeito do subjuntivo.

(40) Se a gente TIVESSE terra, não TERIA dificuldade de ficar junto com os pais. (011 - 01:26)

(f) Principal: futuro do pretérito; subordinada: imperfeito do indicativo. Não ocorre no corpus.

(g) Principal: imperfeito do indicativo; subordinada: imperfeito do subjuntivo.

(41) Mas se PODESSE mais aprender, ERA melhor. (032 -03:21)

(h) Principal: imperfeito do indicativo; subordinada: imperfeito do indicativo.

(42) Depois, se um dia eles não PRECISAVAM trabalhar, então TAVA muito bem, mas o dia que eles precisavam, então eles sabiam, né? (031 -03:13)

Que correlação há entre os processos de variação que ocorrem na principal e na subordinada? Para verificar se há alguma relação, fizemos o levantamento das coocorrências entre a forma verbal da principal e da subordinada. Os resultados estão sintetizados nos quadros 6 e 7.

QUADRO 6 - CORRELAÇÃO DE TEMPOS NAS SUBORDINADAS CONDICIONAIS
FUTURO

TEMPO DA PRINCIPAL	TEMPO DA SUBORDINADA			
	FUTURO DO SUBJUNTIVO "se pudê"		PRESENTE DO INDICATIVO "se posso"	
	ocorrências	%	ocorrências	%
FUTURO DO PRESENTE "vou procurá"	20/34	58.8	14/34	41.2
PRESENTE DO INDICATIVO "procura"	37/113	33.3	76/113	66.7

FONTE: Pesquisa de Campo

QUADRO 7 - CORRELAÇÃO DE TEMPOS NAS SUBORDINADAS CONDICIONAIS
PASSADO

TEMPO DA PRINCIPAL	TEMPO DA SUBORDINADA			
	IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO "se pudesse"		IMPERFEITO DO INDICATIVO "se podia"	
	ocorrências	%	ocorrências	%
FUTURO DO PRETERITO "ia procurá"/"procuraria"	25/25	100	0/25	0
PRETERITO IMPERFEITO "procurava"	40/53	75.5	13/53	24.5

FONTE: Pesquisa de Campo

Os quadros 6 e 7 mostram em primeiro lugar que a escolha do tempo verbal da principal não determina uma escolha correspondente na subordinada, mas que há uma correlação entre as variações encontradas na principal e na subordinada.

Tomemos como ponto de partida os casos em que se tem o uso do futuro do presente ou futuro do pretérito na

principal, e que correspondem aos casos analisados normalmente nas gramáticas tradicionais. Quando o futuro do pretérito é usado na principal, tem-se na subordinada o uso do imperfeito do subjuntivo. É um caso em que não encontramos variação no corpus. Quando se tem o futuro do presente na principal, há a variação na subordinada entre o uso de uma forma de subjuntivo (58.8%) e de indicativo (41.2%). O uso do indicativo neste contexto é muito mais freqüente do que nos demais casos estudados até aqui.

Se na principal for usada uma forma de presente do indicativo (= futuro do presente) ou de pretérito imperfeito (= futuro do pretérito), há um aumento de cerca de 25% nos índices de uso de formas de indicativo na subordinada. Os dois processos de variação se correlacionam da seguinte forma: se for usado na principal um verbo no presente do indicativo ou imperfeito do subjuntivo em vez das formas correspondentes de futuro do presente ou futuro do pretérito, há um aumento na probabilidade de ocorrência de formas do indicativo em lugar do subjuntivo na subordinada.

O quadro 6 mostra que o uso do presente do indicativo equivalente ao futuro do presente é muito mais freqüente do que o verbo com flexão de futuro do presente: ocorre em 113 dos 147 casos estudados (76.9%). Juntando-se a produtividade de subordinadas condicionais no corpus com o alto índice de uso de presente do indicativo em lugar do futuro do presente nas principais às quais tais subordinadas se ligam, tem-se um número significativo de casos em que se usa uma forma de presente do indicativo na subordinada.

E a partir do contexto da subordinada condicional ligada a um verbo que poderia estar no futuro do presente (mas que em geral ocorre no presente do indicativo) que o uso do indicativo em lugar do subjuntivo se difunde pelo dialeto da Colônia Santo Antônio. Esse é um contexto que favorece o uso do indicativo e por sua produtividade leva ao aumento do índice total de uso do indicativo pelo subjuntivo nas subordinadas condicionais. A correlação de tempos, associada ao processo de variação entre os tempos da principal, é um fator que contribui para o aumento do uso do subjuntivo em lugar do indicativo.

4.4 CONTEXTO 4: SUBORDINADAS CONCESSIVAS E FINAIS

Os enunciados (43) e (44) mostram a ocorrência no corpus da variação entre formas do subjuntivo e do indicativo em subordinadas finais. Em (45) e (46) temos exemplos das concessivas.

(43) Dal eles buscarom o boi, botarom ali, chamarom os vizinho de testemunha, que VIESSEM olhá, né, o serviço que ele fez. (111 - 11:05)

(44) A gente mais faz eles vê que tá errado e pede pra eles, conversa com eles que não FAIEM mais desse jeito. (121 - 12:21)

(45) Mesmo que FIGUEM trabalhando na lavoura, tem que estudá. (271 - 27:08)

(46) Imagina, igual que TIRAVA, ele não ia se salvá nem igual.
(172 - 17:10)

QUADRO B - USO DO SUBJUNTIVO EM SUBORDINADAS CONCESSIVAS E FINAIS

TEMPO EM QUE O VERBO SERIA USADO SE ESTIVESSE NO SUBJUNTIVO	FORMA USADA	OCCORRENCIAS	%
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Presente do Subjuntivo	8/11	72.7
	Presente do Indicativo	3/11	27.3
FUTURO DO SUBJUNTIVO	Futuro do Subjuntivo	1/1	100
	Presente do Indicativo	0/1	0
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	Imperfeito do Subjuntivo	12/14	85.7
	Imperfeito do Indicativo	2/14	14.3
SÍNTESE	Subjuntivo	21/26	80.8
	Indicativo	5/26	19.2

FORTE: Pesquisa de Campo

No contexto das subordinadas concessivas e finais, há uma clara preferência pelo uso de formas do subjuntivo. Confirmando uma tendência que já foi observada em relação aos demais contextos, a variação é maior nos casos em que seria usada uma forma de presente do subjuntivo do que naqueles em que se teria o imperfeito.

4.5 CONTEXTO 5: SUBORDINADAS HIPOTÉTICAS TEMPORAIS, PROPORCIONAIS, CONFORMATIVAS, COMPARATIVAS

Reunimos em um único bloco esses 4 tipos de sentenças considerando que elas têm em comum o fato de que nos 4 casos só se usa o subjuntivo quando forem hipotéticas. Outra razão

para o agrupamento é que as ocorrências de cada tipo no corpus são poucas e que haveria uma fragmentação excessiva na análise caso fossem separadas. Nos enunciados (47), (48) e (49) exemplificamos alguns dos casos encontrados.

(47) Eu tinha prometido pra ele que se ele não rodasse nunca, quando ele PASSAVA pra quinta série, dava uma bicicleta pra ele descê (para a escola). (121 - 12:15)

(48) Então eles TENHAM ou não TEM dinheiro, eles se dão a listinha e eu vou no mercado e trato (dou comida). (121 - 12:11)

(49) Acompanho o estudo dele... dá o mesmo resultado como TIVESSE que farê aquela coisa lá. (011 - 01:17)

As ocorrências de uso tanto do subjuntivo quanto do indicativo em enunciados que tenham os contextos apresentados acima estão sintetizadas no quadro 9.

QUADRO 9 - USO DO SUBJUNTIVO EM SUBORDINADAS HIPOTÉTICAS TEMPORAIS,
PROPORCIONAIS, CONFORMATIVAS, COMPARATIVAS

TEMPO EM QUE O VERBO SERIA USADO SE ESTIVESSE NO SUBJUNTIVO	FORMA USADA	OCCORRÊNCIAS	%
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Presente do Subjuntivo	3/4	75.0
	Presente do Indicativo	1/4	25.0
FUTURO DO SUBJUNTIVO	Futuro do Subjuntivo	9/21	42,9
	Presente do Indicativo	12/21	57,1
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	Imperfeito do Subjuntivo	10/15	66,7
	Imperfeito do Indicativo	5/15	33,3
SÍNTESE	Subjuntivo	22/40	55.0
	Indicativo	18/40	45.0

No conjunto de casos reunidos no contexto 5, há uma preferência pelo uso do subjuntivo na subordinada, mas há também uma frequência significativa dos casos em que houve o uso do indicativo. Tem-se um contexto em que a preferência pelo subjuntivo é somente 10% maior do que a que foi observada em relação ao indicativo, o que coloca esse contexto entre os que mais favorecem o uso do indicativo.

4.6 CONTEXTO 6: SENTENÇAS QUE CONTENHAM OS MODALIZADORES TALVEZ OU TOMARA

Tem-se em (50) e (51) exemplos de sentenças em que a presença dos itens lexicais talvez ou tomara criam contextos em que no português padrão se teria o uso do subjuntivo.

(50) Talvez se TIVESSE TIDO oportunidade, talvez TIVESSE ESTUDADO um pouco mais, mas ficou nisso aí. (211 -21:11)

(S1) Agora, eles talvez SAREM superará a gente também. (091 - 09:09)

No corpus encontramos poucas ocorrências de enunciados com talvez ou tomara. Mesmo sendo um número muito pequeno de casos documentados, vamos apresentá-los a partir do mesmo esquema adotado para os demais contexto, para facilidade de comparação entre os diversos casos.

QUADRO 10 - USO DO SUBJUNTIVO EM SENTENÇAS COM OS MODALIZADORES "TALVEZ" OU "TOMARA"

TEMPO EM QUE O VERBO SERIA USADO SE ESTIVESSE NO SUBJUNTIVO	FORMA USADA	OCORRENCIAS	%
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Presente do Subjuntivo	3/7	42.9
	Presente do Indicativo	4/7	57.1
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	Imperfeito do Subjuntivo	4/4	100
	Imperfeito do Indicativo	0/4	0
SINTESE	Subjuntivo	7/11	63.6
	Indicativo	4/11	36.4

FONTE: Pesquisa de Campo

Nota-se pelo quadro 10 que a presença dos modalizadores talvez ou tomara favorece o uso do subjuntivo, embora não se tenha dados suficientes para generalizações maiores a respeito. Confirma-se também que é mais difícil ter-se o uso do imperfeito do indicativo em lugar do imperfeito do subjuntivo: no contexto das sentenças com talvez ou tomara esse uso não foi documentado.

4.7 CONTEXTO 7: SENTENÇAS EXORTATIVAS

Nas sentenças exortativas encontradas no corpus, o subjuntivo foi usado sistematicamente. Todas as 13 ocorrências desse tipo encontradas têm o verbo no subjuntivo. Temos um exemplo desse uso do subjuntivo em (52):

(52) Deus se LIVRE! Nunca mais! (183 -18:27)

Dos contextos de uso do subjuntivo estudados, esse é o único em que não há variação. Como as sentenças exortativas são em geral frases feitas, isso pode ter contribuído para a diferença entre esses casos e as tendências documentadas nos demais.

4.8 COMPARAÇÃO ENTRE O USO DO SUBJUNTIVO OU INDICATIVO NOS DIFERENTES CONTEXTOS

Na exposição feita até aqui, ficou evidente que há diferenças no uso do subjuntivo ou do indicativo quando se correlaciona esse uso com a estrutura sintática (tipo de sentença em que poderia ser usado um verbo no subjuntivo). Ficou claro também que há uma diferença sensível entre os índices de ocorrência do subjuntivo ou do indicativo entre as três regras analisadas: presente do subjuntivo x presente do indicativo; imperfeito do subjuntivo x imperfeito do indicativo; futuro do subjuntivo x presente do indicativo. Para facilidade de comparação entre os tempos verbais e entre os contextos sintáticos, fazemos uma síntese do uso do indicativo nos 6 contextos em que há variação. Na síntese

apresentada no quadro 11, foram eliminados os casos de sentenças exostativas, já que esse é um contexto em que não se tem variação e sim o uso categórico do subjuntivo.

QUADRO 11 - O FATOR ESTRUTURA SINTÁTICA E O USO DO INDICATIVO EM LUGAR DO SUBJUNTIVO

CONTEXTO DE USO DO SUBJUNTIVO	FORMA EM QUE O VERBO SERIA USADO CASO ESTIVESSE NO SUBJUNTIVO						
	PRESENTE DO SUBJUNTIVO		FUTURO DO SUBJUNTIVO		IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO		% TOTAL
	ocorrências do ind.	%	ocorrências do ind.	%	ocorrências do ind.	%	
1. Subordinadas condicionais	-----	----	90/147	61.2	13/78	16.7	45.8
2. Subordinadas hipotéticas temporais proporcionais, conformativas, comparativas	1/4	25.0	12/21	57.1	5/15	33.3	45.0
3. Sentenças com os modalizadores "talvez" ou "tomara"	4/7	57.1	-----	---	0/4	0	36.4
4. Subordinadas introduzidas por pronome relativo	3/12	25.0	-----	----	3/7	43.0	31.6
5. Subordinadas concessivas e finais	3/11	27.3	0/1	0	2/14	14.3	19.2
6. Subordinadas introduzidas por conjunção integrante	10/43	23.3	-----	----	1/44	2.3	12.6
TOTAL	21/77	27.3	102/169	60.4	24/162	14.8	35.3

FORTE: Pesquisa de Campo

No quadro 11, os contextos de uso do subjuntivo analisados nas seções anteriores estão organizados em uma escala que inicia pelos que mais favorecem o uso do indicativo e termina naqueles que têm os menores índices. Comprova-se nesse quadro que o fator estrutura sintática é relevante para o uso do subjuntivo ou do indicativo, tanto

que a escala apresentada mostra uma variação entre 45.8% e 12.6% .

Mais forte que o fator estrutura sintática é, no entanto, o fator "*tempo*". Nota-se que o uso do indicativo em lugar do subjuntivo se dá em 60.4% dos contextos em que poderia ser usada uma forma verbal no futuro do subjuntivo, em 23.4% dos casos em que poderia ser usado o presente do subjuntivo e apenas em 14.8% dos contextos de uso do imperfeito do subjuntivo. Isso é uma indicação de que o futuro do subjuntivo tende a ser eliminado do conjunto de formas flexionais no dialeto, substituído pelo presente do indicativo. Já o presente e o imperfeito do subjuntivo mostram-se mais estáveis. As formas do imperfeito do subjuntivo são as que mais resistem a uma substituição pelo indicativo. Mesmo em um contexto que favorece o uso do subjuntivo, as subordinadas condicionais, o imperfeito do indicativo só foi usado em 16.7% dos casos em que poderia ocorrer o imperfeito do subjuntivo.

As três regras variáveis apresentadas na página 167 levam a índices de variação diferenciados: a única que leva à preferência pelo indicativo é a Regra 3 (futuro); as Regras 1 e 2 (presente e passado) levam a uma pequena variação, ou seja, ao uso do indicativo com uma frequência muito menor do que a Regra 3.

5 A QUESTÃO DA MODALIDADE

As ocorrências de contextos em que se poderia ter o uso do subjuntivo foram examinadas a partir de um indicador de modalidade. Como nos trabalhos que discutem a questão das condições de uso do subjuntivo em português o modo subjuntivo é associado de alguma forma à não factualidade, esse foi o indicador utilizado para exame no corpus da correlação entre a modalidade e o uso do subjuntivo ou do indicativo.

Para cada ocorrência incluída na análise quantitativa, verificamos se a sentença estava relacionada a uma pressuposição factual ou não factual. O resultado foi o seguinte: das 421 sentenças em que se poderia ter o verbo no subjuntivo, apenas 4 estão associadas a uma pressuposição factual. Esses 4 casos são de sentenças introduzidas por conjunção integrante e têm o verbo no subjuntivo.

A raridade no corpus de sentenças com pressuposição factual e a concentração dos poucos casos encontrados em um único tipo de contexto fizeram com que esse fator previsto inicialmente não fosse incluído em uma análise detalhada. O exame dos casos que têm uma pressuposição factual confirmam observações já feitas quando discutimos as condições de uso do subjuntivo em português. A característica de não factualidade é a propriedade mais adequada para se chegar a uma caracterização global das condições de uso do subjuntivo no português, seja na língua padrão, seja em um dialeto como o da Colônia Santo Antônio. No entanto, essa propriedade não é encontrada nem uso do subjuntivo não afeta essa

característica da sentença.

A expressão da modalidade pela flexão modo-temporal do subjuntivo é sempre redundante em relação à expressão da mesma propriedade por outros elementos contextuais. Isso pode nos ajudar a entender porque entre os fatores relevantes para a variação não está a factualidade.

6 os fatores sociais e a variação indicativo/subjuntivo

A escolha dos fatores sociais examinados aqui foi justificada no capítulo 2. Indicamos naquele capítulo que o recorte feuso do subjuntivo não afeta essa característica da sentença.

A expressão da modalidade pela flexão modo-temporal do subjuntivo é sempre redundante em relação à expressão da mesma propriedade por outros elementos contextuais. Isso pode nos ajudar a entender porque entre os fatores relevantes para a variação não está a factualidade.

6 OS FATORES SOCIAIS E A VARIAÇÃO INDICATIVO/SUBJUNTIVO

A escolha dos fatores sociais examinados aqui foi justificada no capítulo 2. Indicamos naquele capítulo que o recorte feito a partir da geração recobre também a escolarização e que a classificação das famílias conforme a mecanização de suas propriedades corresponde a uma diferença de renda e de acesso a bens de consumo. O fator sexo foi incluído a partir da observação de diferenças na divisão de trabalho entre homens e mulheres e na rede de comunicação de um grupo e outro. Os resultados da correlação entre o uso do

indicativo em lugar do subjuntivo e os fatores sociais selecionados estão sintetizados no quadro 12.

QUADRO 12 - CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES SOCIAIS E O USO DO INDICATIVO NO LUGAR DO SUBJUNTIVO

		Ocorrências do indicativo %	
GERAÇÃO	1a (acima de 51 anos)	35/117	29.9
	2a (21 a 50 anos)	110/300	36.7
	3a (11 a 20 anos)	2/4	50.0
SEXO	Masculino	110/283	38.9
	Feminino	37/138	26.8
DIFERENCIAÇÃO SOCIAL	Propriedade mecanizada	109/337	32.3
	Propriedade não mecanizada	38/84	45.2

FONTE: Pesquisa de Campo

As correlações apresentadas no quadro 12 são de interpretação difícil. Em primeiro lugar, destacamos que os dados relativos à 3ª geração nada significam, por serem somente 4 ocorrências. Comparando-se a 1ª e a 2ª gerações, nota-se que essa última usa com mais freqüência o indicativo em lugar do subjuntivo. Ou seja, a geração que tem uma maior proficiência no uso do português usa mais o indicativo. Isso pode ser um indicador de que a variação subjuntivo/indicativo tenha entrado no dialeto como uma característica da variedade rural do português adquirido pelo grupo.

A correlação com os fatores sexo e diferenciação social mostram também uma diferença sensível de uso do

indicativo nos segmentos sociais considerados: os informantes do sexo masculino e de propriedades não mecanizadas usam mais freqüentemente o indicativo em lugar do subjuntivo. Já mostramos no capítulo 4 que as mulheres, apesar de terem uma rede de comunicação mais restrita que a dos homens, usam as variedades lingüísticas mais *inovadoras*, confirmando uma tendência apresentada em vários trabalhos de variação. No caso do uso do indicativo em contextos de uso do subjuntivo, dois grupos mostram ter preferência pelo uso que mais se aproxima da fala urbana: as mulheres e os moradores de propriedades mecanizadas. Isso pode ser um indicador de que esteja surgindo na comunidade de fala um processo de rejeição ao uso do indicativo em lugar do subjuntivo. Se os segmentos da população que se mostraram mais sensíveis às variantes *inovadoras* usam com uma freqüência menor o indicativo, pode-se vir a ter uma redução desse uso em toda a comunidade.

CONCLUSÃO

Ao concluir este texto, queremos chamar a atenção para a transitoriedade dos resultados nele registrados. Essa transitoriedade tem várias dimensões. Uma primeira dimensão está relacionada ao processo rápido de substituição do italiano pelo português ocorrido na vila. A coleta de dados feita em 84 e 85 representa um momento nesse processo. No momento documentado, o português é usado por grupos etários que tiveram experiências muito diferenciadas em relação à aquisição e ao uso do português e do italiano. Uma das conseqüências dessas experiências diferenciadas é uma grande variação na fala.

A intensa variação encontrada tende a ser resolvida com a consolidação do português como única língua usada. Se já encontramos um processo de substituição do italiano pelo português consolidado e irreversível, não se pode dizer que a gramática do português falado pelo grupo tenha suas características fundamentais também consolidadas. O português falado na vila foi adquirido por sua população em época muito recente e através de experiências diferenciadas: para alguns moradores da vila, como segunda língua, para outros, como primeira, para outro grupo, em uma aquisição simultânea com o italiano.

Outro fator que contribui para que se tenha conclusões provisórias é que não conseguimos documentar de forma

satisfatória a fala do grupo de informantes que poderiam revelar de forma mais evidente as características que tendem a se consolidar no português falado na Colônia. Mostramos no capítulo 2 que a partir da terceira geração se tem a aquisição do português como primeira língua pela grande maioria dos informantes. É a partir da década de 50 que se tem na vila a consolidação tanto da aquisição exclusiva do português como primeira língua quanto da formação de uma atitude de rejeição ao italiano. Entre os moradores da vila, os nascidos a partir dessa época poderiam indicar com mais clareza quais entre as formas em variação tendem a permanecer. Esse grupo de falantes reúne uma série de qualidades que o torna fundamental para a identificação das tendências do dialeto: adquiriram o português como primeira língua, não têm o conhecimento passivo do italiano, têm uma atitude de valorização da língua portuguesa e rejeição à italiana.

No entanto, a forma como foi conduzido o trabalho de campo resultou em uma participação muito aquém do esperado desse segmento da população. As entrevistas realizadas em grupo, com a participação de toda a família, da guia e dos entrevistadores criaram uma assimetria na situação de comunicação. Nas entrevistas realizadas coletivamente a maioria dos participantes tinham mais de 35 anos. Isso fez com que os jovens com menos de 20 anos tivessem uma participação muito menor do que os demais entrevistados. É uma característica cultural da comunidade essa diferença no uso da palavra por jovens e adultos numa situação em que

pessoas estranhas estejam presentes. A obediência e o respeito fazem parte dos valores fundamentais da educação camponesa. O depoimento de um assalariado rural de uma vila próxima à Colônia Santo Antônio, reproduzido em RASIA & ZAGO (1984) revela como essas questões são importantes na relação pais/filhos:

Ele sempre dizia pra nós: "Diz meus fio, que eu não tenho o que dá pra vocês. Se o pai pedi pra vocês fazê um servicinho, é pro bem de vocês. Eu vô ensinã pra vocês a religião, o respeito e o serviço..." Então isso aí eu nunca me esqueço na vida e às veiz fico dizendo pros meu: o que o meu pai me ensinô pra mim, a gente qué vê se dexa a mesma coisa.

Ensinar a religião, o respeito e o serviço. As palavras desse camponês sintetizam as preocupações básicas que permeiam a relação entre os pais e os filhos solteiros. O respeito e a obediência aos pais, e por extensão aos entrevistadores mais velhos, fizeram com que os participantes mais jovens tivessem uma atitude durante as entrevistas de se colocar como ouvintes, só respondendo rapidamente as questões que lhes fossem dirigidas diretamente.

A única entrevistada dessa faixa etária que participou da entrevista em condição de igualdade com os pais é uma jovem de 20 anos que tinha conquistado a igualdade por ser casada. Essa se mostrou à vontade para discutir todos os temas propostos pelos entrevistadores, incluindo narrativas de experiências pessoais. Os demais entrevistados mostraram a mesma dificuldade em interagir com os entrevistadores tanto nas entrevistas feitas coletivamente com a família quanto na

segunda tentativa, em que se tentou entrevistar grupos de jovens na escola.

Assim, a amostra da fala da Colônia Santo Antônio que é analisada neste trabalho é fundamentalmente dos grupos que tiveram o aprendizado do português como segunda língua, ou o aprendizado bilingüe ou ainda uma aquisição passiva do italiano. Ou seja, é a fala do grupo que aprendeu o português antes que o processo de modernização levasse a uma revisão da atitude frente a essa língua. O grupo mais interessante para se comprovar se as tendências encontradas no corpus são de fato as mais representativas do português falado na vila não está incluído na amostra na mesma proporção que os demais.

A transitoriedade das conclusões se deve também à opção por uma análise panorâmica. Apresentamos no trabalho várias questões, sem o aprofundamento de nenhuma delas. É evidente que se qualquer das questões fosse retomada para uma análise mais cuidada, seja qualitativa ou quantitativa poderíamos chegar a resultados diferentes dos apontados no mapeamento das formas em variação e da correlação entre seu uso e alguns fatores lingüísticos ou sociais.

Sem perder de vista a transitoriedade dos resultados, vamos sintetizar rapidamente as conclusões a que chegamos para cada uma das três grandes questões incluídas neste texto.

Ao tratarmos da reconstituição do processo de substituição do italiano pelo português, observamos, primeiramente que o português já está consolidado entre a população da vila, restando atualmente ao italiano um domínio

muito restrito de uso, que é em algumas atividades de caráter lúdico. O processo de substituição do italiano pelo português teve início na década de 30, com a migração dos descendentes de italianos que antes residiam nas Colônias Velhas para a nova área de colonização no noroeste do estado. O português é adquirido inicialmente como segunda língua utilizada para a comunicação inter-étnica. A partir do final da década de 30, e especialmente durante os anos 40, há um grande impacto sobre a fala do grupo, quando o governo toma um conjunto de decisões visando a "nacionalização" dos descendentes de imigrantes. Várias instituições participam do processo, que tem o objetivo de eliminar o italiano falado pelo grupo. A intervenção dessas instituições (polícia, escola, igreja, serviço militar) acelera um processo de substituição da língua italiana, que havia iniciado na década de 30, a partir da migração. A modernização da agricultura, a partir dos anos 60, encontra o uso do português já consolidado, e atua na reformulação de uma atitude frente ao português e ao italiano que tinha se constituído a partir da relação entre cada língua e o status social de seus falantes: o português (antes tido como a língua dos grupos marginalizados socialmente) passa a ser a língua associada aos valores modernos, enquanto o italiano passa a ser rejeitado, por sua associação com o antigo, o tradicional.

Na segunda questão estudada, as variações no conjunto de flexões verbais dos tempos do indicativo, há três conclusões que consideramos relevantes. Em primeiro lugar, observamos que na maioria dos casos analisados, apesar de se

ter um grande número de formas em variação, há uma forma que se distancia das demais em índices de uso, aproximando-se muitas vezes de 100%. Isso indica que boa parte das formas em variação provêm de uma proficiência limitada na língua portuguesa e não apontam tendências à mudança no dialeto. Em segundo lugar, pode-se notar que em grande parte dos casos, a forma que tem índices de uso muito altos é diferente da forma correspondente utilizada no português padrão ou em variedades urbanas. A estabilização de uma forma no dialeto não indica na maioria das vezes, uma aproximação com o português urbano. Um terceiro ponto interessante é que as características mais representativas da flexão verbal encontradas na fala da população da Colônia Santo Antônio por um lado não correspondem a formas do italiano; por outro, coincidem com as que Amadeu AMARAL (1976) apontou como características das variedades rurais do português faladas em uma grande área do centro do país, o chamado "*dialeto caipira*".

A fonte para a determinação das formas verbais utilizadas pelos moradores da Colônia Santo Antônio está no português falado em áreas rurais; a maioria das formas estudadas não revela a transposição de características flexionais do italiano. Se escolhêssemos outras questões para a análise, provavelmente haveria correspondências mais visíveis com a língua italiana, mas para os problemas enfocados o que se tem são variações presentes sobretudo em outras variedades rurais do português.

A terceira grande questão analisada neste texto apresenta problemas de outra natureza. Ao se estudar a

variação entre formas do indicativo e do subjuntivo, encontramos dificuldade para a identificação dos fatores contextuais aos quais deveríamos correlacionar o uso do subjuntivo. A questão das condições de uso do subjuntivo em português ainda não está suficientemente estudada. Há um conjunto complexo de fatores atuando na determinação dos contextos de uso desse tipo de flexão verbal e não se dispõe no momento de análises que indiquem com segurança quais são as correlações de que deveríamos partir para reconhecer os enunciados onde poderia ter ocorrido uma forma verbal no subjuntivo.

A análise que fizemos tomou como base na sua maior parte critérios para a identificação dos contextos que estão sugeridos de alguma forma nas gramáticas tradicionais. A análise feita tem que ser tomada como provisória. Se dispuséssemos de estudos sobre as condições de uso do subjuntivo que indicassem com maior segurança que fatores contextuais se correlacionam ao seu uso, os dados poderiam ter tido uma organização diferente.

As questões relacionadas à modalidade e a sua relação com as flexões de subjuntivo na gramática do português estão longe de ser apresentadas com clareza suficiente para que se possa compreender efetivamente o que significa no sistema flexional do verbo a alternância entre formas do subjuntivo e do indicativo. A interpretação feita neste trabalho procurou agrupar os contextos apresentados nos estudos sobre o subjuntivo de forma a poder chegar objetivamente a um conjunto de contextos e a relacioná-los ao uso variável do

subjuntivo ou do indicativo que se tem na fala dos moradores da Colônia Santo Antônio. Mantivemos nessa parte do texto, como no estudo da variação nas flexões do indicativo a nomenclatura utilizada tradicionalmente. Isso não significa que estejamos assumindo essa terminologia como a mais adequada para a classificação das sentenças subordinadas no português. A adoção da classificação tradicional, sem uma rediscussão da mesma, tem a ver com a falta de uma classificação alternativa de que pudéssemos lançar mão para a realização deste estudo. Como nosso objetivo era de identificar os fatores estruturais relacionados ao uso de formas do indicativo ou do subjuntivo, a organização dos contextos utilizada faz com que fatores relevantes estejam contemplados na análise. Seria possível chegar a um refinamento maior, mas não neste trabalho, dado sua característica de mapeamento das variações em um corpus.

As variações encontradas entre o uso do subjuntivo ou do indicativo nos levam à mesma conclusão dos casos de flexão nos tempos do indicativo. As tendências encontradas na fala da Colônia Santo Antônio têm suas raízes no português. Se encontramos nesse dialeto um uso maior de algumas formas do que se tem nas variedades urbanas, a motivação está principalmente no pouco contato que o grupo tem com as variedades urbanas e não na influência do italiano.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Napoleão M. de. 1979. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. São Paulo, Saraiva.
- AMARAL, Amadeu. 1976. O Dialeto Caipira. São Paulo, HUCITEC, (1ª ed. 1920).
- ANAIS do III Encontro de Estudos Sobre o Bilinguismo e Variação Lingüística da Região Sul. 1984. Curitiba, UFPR.
- ANAIS do IV Encontro de Estudos de Variação Lingüística e de Bilinguismo na Região Sul. 1985. Porto Alegre. UFRGS.
- ANAIS do V Encontro de Estudos de Bilinguismo e Variação Lingüística da Região Sul. 1986. Florianópolis, Universidade Federal de Sta Catarina.
- ANAIS do VI Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Lingüística da Região Sul. 1987. Curitiba, UFPR.
- AZEVEDO, Milton. 1976. O Subjuntivo em Português. Petrópolis, Vozes.
- BAERNERT-FUERST, Ute. 1989. "Flashes metodológicos: a sociolingüística qualitativa/quantitativa." In: TARALLO, F. (org.) Fotografias Sociolingüísticas. Campinas, Pontes.
- BISOL, Leda. 1988. "A harmonização vocálica na fala culta." Revista D.E.L.T.A . V.4, nº 1, São Paulo, Educ, p.1-20
- CASTILHO, Ataliba T. de. 1968. Introdução do Estudo do Aspecto Verbal da Língua Portuguesa. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

- CEDERGREN, Henrietta e David SANKOFF. 1984. "Variable rules performance as a statistical reflection of competence." Language . 50/2:335.55.
- COSTA, Iara B. 1982. "Imitação e preconceito lingüístico". Série Estudos 8. Uberaba, Faculdades Integradas de Uberaba.
- CUNHA, Celso e L. CINTRA. 1985. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio, Nova Fronteira.
- DITTMAR, N. 1983. "Descriptive and explanatory power of rules in sociolinguistics". B.BAIN (ed). The Sociogenesis of Language and Human Conduct . Phoenun.
- DOWNES, William. 1984. Language and Society. London, Fontana Paperbacks.
- FISHMAN, Joshua. 1972. Sociolinguistics. Rowley, Massachusetts, Newbury House Publishers.
- _____. 1972. Language and Nationalism. Rowley, Massachusetts, Newbury House Publishers.
- FROSI, Vitalina e Ciro MIORANZA. 1975. Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.
- _____. 1983. Dialetos Italianos. Caxias do Sul, EDUCS.
- GNERRE, Maurizio. 1985. Linguagem, Escrita e Poder. São Paulo, Martins Fontes.
- HAUGEN, E. 1956. Bilingualism in the Americas: a bibliography and research guide. Alabama University Press.

- HIRATA, Lurdes. 1987. Variável Sociolinguística: Uma Revisão Sobre a Extensão da Noção de Variável Fonológica a Todos os Níveis da Gramática. Porto Alegre, UFRGS, Dissertação de Mestrado.
- HYMES, D. 1974. Foundations in Sociolinguistics. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- KIPPER, Maria H. 1979. A Campanha de Nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz. Sta Cruz do Sul, Associação Pró-ensino em Sta Cruz do Sul.
- KOCH, Walter. 1975. Falares Alemães no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. UFRGS.
- LABOV, William. 1972a. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- _____. 1972b. Language in the Inner City. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- _____. 1972c. "Some principles of linguistics methodology" Language in Society I.
- _____. 1978. "Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera." Working Papers in Sociolinguistics. nº 44, Austin, Southwest Educational Development Laboratory.
- _____. 1982. "Building on empirical foundations". W. LEHMANN & Y. MALKIEL (eds). Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.
- _____. 1987. "The overestimation of functionalism". R. DIRVEN & V. FRIED (eds). Functionalism in Linguistics. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.

- LAVANDERA, Beatriz. 1977. "Where does the sociolinguistic variable stop?" Linguistic Society of America Annual Meeting. Chicago, Illinois.
- _____. 1984. Variación y Significado. Buenos Aires, Hachette.
- LAZZAROTTO, Danilo. 1977. História de Ijuí. Ijuí, FIDENE/Museu Diretor Pestana, Caderno nº 6.
- MATEUS, Maria H. M., A.M. BRITO, I.S. DUARTE e I.H. FARIA. 1983. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra, Almedina.
- MONSERRAT, R. M. Fortini e Loana L. MAIA. 1978. "Erros e erros lingüísticos em textos de universitários: concordância". Comunicação Apresentada na 30a Reunião Anual da SBPC, São Paulo.
- MOTTA, Erimita C. de M. 1978. Escolarização e Variação Lingüística. Dissertação de Mestrado, Campinas Unicamp.
- NARO, Anthony e Miriam LEMLE. 1977. Competências Básicas do Português. Rio, MOBIL / FUNDAÇÃO FORD
- OMENA, Nelize P. de. 1986. "A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural." Relatório final: Projeto Subsídios Lingüísticos do Projeto Censo à Educação, V.II, UFRJ/FINEP.
- OLIVEIRA, Marco A. de. 1987. "Variável lingüística: conceituação, problemas de conceituação gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical." Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. V.3, nº 1.

- PARRET, Herman. 1988. Enunciação e Pragmática. Campinas, ed. da Unicamp
- PERINI, Mário. 1978. "Sintaxe e semântica do futuro do subjuntivo." Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 12, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG.
- PONTES, Eunice. 1972. Estrutura do Verbo no Português Coloquial. Petrópolis, vozes.
- _____. 1990. "Metáforas Temporais em Português Coloquial." In: PONTES, E. (org.). A Metáfora. Campinas, Ed. UNICAMP.
- SANKOFF, G. 1974. "A quantitative paradigm for the study of communicative competence". R. BAUMAN & J. SHERZER (eds). Explorations in the Ethnography of Speaking. Cambridge, Cambridge University Press.
- RASIA, J. M. e Nadir ZAGO. 1984. A Representação da Educação Escolar da Criança e do Trabalho no Meio Rural. Relatório de Pesquisa, Ijuí, INEP/MEC/FIDENE, (mimeo).
- RASIA, J.M. 1987. Criança e Trabalho no Campo. Tese de Doutorado, Campinas, Unicamp.
- SAID ALI, Manuel. 1964. Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Brasília, ed. da UnB.
- TRAVAGLIA, Luiz C. 1981. O Aspecto Verbal no Português. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia.
- _____. 1987. "O discurso no uso do pretérito imperfeito do indicativo no português." Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 12, Campinas, Unicamp
- TARALLO, F. 1985. A Pesquisa Sociolingüística. São Paulo, Atica.

- VERMES, Geneviève & Josiane BOUTET (orgs).1989.Multilingüismo
Campinas, Editora da Unicamp.
- WEINRICH, Uriel.1970. Languages in Contact. Paris, Mouton.
- WEINRICH, U., W.LABOV & M.HERZOG.1969. "Empirical foundations
for a theory of language change". W. LEHMAN & Y. MALKIEL
(eds) Directions for Historical Linguistics. Austin,
University of Texas Press.

ANEXO 1

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Nome: _____

a. Idade _____ b. Escolaridade _____

c. Onde estudou? (colégio) _____ Local: _____

d. Desde que idade mora aqui (na Colônia Santo Antônio)? _____

Onde morava antes? _____

e. Seu pai nasceu no Brasil? Em que localidade? _____

E os avós paternos? _____

E os bisavós paternos? _____

f. Sua mãe nasceu no Brasil? Em que localidade? _____

E os avós maternos? _____

E os bisavós maternos? _____

2. Número de filhos : _____

Anotar os seguintes dados dos jovens participantes da entrevista:

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Ocupação atual: _____

3. Condição do chefe da família:

- () proprietário: ____ ha
 () arrendatário: ____ ha
 () parceiro: ____ ha
 () assalariado permanente
 () assalariado temporário

4. Area de terra utilizada: Agricultura: ____ ha

Pastagem: ____ ha

Matos: ____ ha

Parreiral: ____ ha

5. Máquinas e implementos que a família possui (especificar o número, o tipo e quando for o caso, a potência):

6. Instrumentos de tração animal e manual (especificar o tipo e o número):

7. Caminhão, automóveis e outros meios de transporte:

8. Animais de tração (especificar o número):

9. Benfeitorias na propriedade (alistar):

11. Condições da casa e eletrodomésticos (descrever a casa e enumerar os aparelhos elétricos):

12. Custeio	% de dinheiro	
	próprio	financiamento
a. Máquinas e implementos	_____	_____
b. Benfeitorias	_____	_____
c. Lavoura	_____	_____
d. Animais	_____	_____

13. Produtos para comércio	Produtos para consumo	Produtos adquiridos no mercado
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

14. Principais fontes de renda da família: _____

Renda bruta no último ano (em mercadorias): _____

15. Filiação: a Cooperativa: () sim - A Sindicato: () sim

() não () não

16. Para trabalhadores assalariados (que são também proprietários):

a. Função: _____

b. Salário: _____

c. Forma de pagamento: _____

d. Outras vantagens além do salário: _____

e. Assistência social: _____

f. Quantos dias trabalha como assalariado durante o ano e em que época? _____

QUESTOES SOBRE A HISTORIA LINGUÍSTICA

1. Qua língua você aprendeu a falar primeiro: o italiano ou o português?
2. (Se aprendeu primeiro o italiano) Quem falava italiano em casa? Qual dialeto?
3. Quando você aprendeu a falar português? Com quem?

4. Quando entrou para a escola, já sabia falar português?
5. (Se não sabia) Você teve dificuldade na escola por causa disso?
6. Na escola, você conversava com seus colegas em português ou em italiano? (no recreio, por exemplo, ou nas brincadeiras, no caminho da escola)
7. Até que idade você falou normalmente o italiano?
8. Por que deixou de falar?
9. Com quem ainda fala? Em que situações?

ANEXO 2

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS FEITAS COM AS FAMILIAS

1. História de vida dos pais e avós (primeira e segunda geração)**1.1. Escolarização, infância e brinquedo**

- Como os pais conduziram sua educação em casa? Que aspectos eles consideravam mais importantes para sua educação: a escola, a religião, a obediência aos mais velhos, o trabalho?

- Como era o tempo dedicado ao brinquedo? Com quem brincava normalmente? Que objetos eram usados como brinquedos?

- Que tipo de mecanismo ou instrumento os pais adotavam para controlar o comportamento dos filhos? Que acontecia quando as crianças cometiam alguma falta? Como os seus pais procediam?

1.2. Trabalho

- Como e quando começou a trabalhar?. Esteve sempre ligado à agricultura? Como aprendeu o serviço da agricultura? Com que idade seu trabalho poderia ser considerado igual ao de um adulto?

1.3. Propriedade

- Como foi conseguida a terra em que a família trabalha? Como foi formado o patrimônio da família? Que

dificuldades a família enfrenta para a aquisição de mais terras e para o aumento do patrimônio: benfeitorias na propriedade, máquinas, implementos?

_ Existe um sistema de herança e de transmissão da propriedade e do patrimônio em sua família? Quem herdou o que? As filhas mulheres e os filhos homens tiveram a mesma herança? Os filhos mais velhos e os mais novos tiveram a mesma herança?

2.0 trabalho na unidade familiar hoje - organização do processo de trabalho

2.1. Do ponto de vista dos agentes sociais

- Quem são os trabalhadores: da família? De fora da família?

- Divisão do trabalho. O que fazem: o pai, os filhos homens com mais de 14 anos, os filhos homens com menos de 14 anos, as filhas com mais de 14 anos, as filhas com menos de 14 anos?

_ Qualidade e importância do trabalho dos membros da família

- Qualidade e importância do trabalho das pessoas que não são da família (assalariados). Como esse trabalho pode ser comparado ao trabalho da família?

2.2 Do ponto de vista da tecnologia utilizada

_ Maquinaria, instrumental e insumos utilizados no processo de produção: da soja, do trigo, das culturas secundárias.

_ Quem são os responsáveis pela operação das máquinas? A partir de que idade as crianças podem trabalhar com máquinas e tratores? Por que?

_ Quais as principais transformações sofridas pelo trabalho familiar a partir do uso da tecnologia moderna? Qual o significado dessa tecnologia para o pequeno produtor? Que dificuldades o pequeno proprietário encontra para modernizar suas lavouras?

2.3. Do ponto de vista das vinculações externas

_ Qual a relação de seu trabalho com os bancos e a Cooperativa? Como vê a política agrícola atual?

3. Educação e trabalho

3.1. Educação das crianças hoje

- Seus filhos receberam em casa uma educação parecida com a que você recebeu? A nova organização do trabalho, a partir do emprego da tecnologia moderna alterou a forma de os pais se relacionarem com os filhos? Provocou mudanças na educação das crianças? As crianças (seus filhos) devem receber a educação que você recebeu, tanto em casa quanto na escola?

_ Você gostaria que seus filhos tivessem mais estudo do que você teve? A educação que a escola fornece é importante para a formação deles? Os meninos e as meninas devem ter a mesma educação?

3.2. Trabalho das crianças hoje

_ Com que idade as crianças começam a trabalhar? O que aprendem primeiro? Como é controlado o trabalho que elas fazem? Quem determina o que elas devem fazer? Qual a

qualidade e a importância do trabalho delas? Quais as principais dificuldades que você encontra para fazer as crianças trabalharem?

3.3. Brinquedo das crianças

_ As crianças brincam? De que elas mais gostam de brincar? Há brinquedos que a gente não deve deixar as crianças brincarem? Elas podem brincar sempre que quiserem ou devem ter hora para brincar?

3.4. Controle e rotina

_ Como é um dia normal da vida das crianças? As crianças têm responsabilidades que devem ser cumpridas diariamente? O que acontece se elas não cumprirem? Há assuntos que as crianças não podem saber, não podem participar quando os adultos conversam sobre eles? Qual a lição mais importante que você aprendeu com seus pais? Qual a lição mais importante que você pretende ensinar a seus filhos?

3.5. Perspectivas e futuro

_ Como você vê o futuro dos filhos? E das filhas? O que gostaria que eles fossem ou tivessem no futuro? Qual seria um bom futuro para os filhos homens? E para as filhas? Você gostaria que eles permanecessem trabalhando na agricultura? Isso será possível? A educação recebida na escola está preparando seus filhos para o futuro?

4. Narrativas de experiências pessoais

- Pedir a cada pessoa que conte algum fato que tenha

ocorrido ou na família ou com amigos ou conhecidos: um caso que tenha impressionado todo mundo, que tenha envolvido toda a família; algum acidente, ou um susto grande ou um caso de doença.

ANEXO 3

ENTREVISTA COM OS JOVENS

1. Identificação

- Nome:
- Nome do pai:
- Idade:
- Sexo:

2. Rotina

- Descreva como é um dia normal na sua vida. Como foi o dia de ontem para você? Você veio à escola? (se não veio, por que?) Você tem obrigações que devem ser cumpridas diariamente? Que tipo de obrigações? Se você não cumpre, o que acontece? Seus pais ficam bravos? O que eles fazem quando você não obedece?

- O que você faz normalmente aos domingos?

3. Trabalho

- Descreva o trabalho que você fez ontem. Você ajudou sua mãe em casa ontem? O que você fez? Além da ajuda para a mãe, que mais você fez? Ajudou seu pai? Ajudou em que? Qual foi seu serviço ontem? Na preparação da terra para a soja, o que você costuma fazer? Na capina, você ajuda? E na colheita? Na preparação da terra para o trigo você ajuda? O que você faz? Na colheita do trigo você ajuda? E no tempo da uva, o que você faz?

- Quem trabalha com as máquinas na sua casa? Quem cuida da criação (vacas, porcos, galinhas)? Quem tira o leite? Quem faz o almoço, limpa a casa, lava a roupa? Todos os dias você trabalha depois que chega em casa ou não? Desde que idade você trabalha em casa? E na roça? Você acha importante o trabalho que faz? Por que? Existem tarefas só de menino? E só de menina?

4. Escola

- Você gosta de vir à escola? Você sempre vem ou falta às vezes? Quando falta, quais são os principais motivos? Você falta à escola para ficar em casa ajudando? São seus pais que pedem para você ficar ou é você que decide? Quais as coisas mais importantes que a escola ensina? Até quando você pretende estudar? Você quer ficar trabalhando na agricultura com sua família ou quer ter outra profissão?

- Além da aula que você tem, você estuda em casa? Quando? Alguém ajuda você a fazer os deveres da escola?

5. Brinquedo

- Você brinca? Quando? Tem hora certa para brincar? Qualquer dia é dia de brincar? Quais os brinquedos de que você mais gosta? Com quem você brinca? Quem ensinou esses brinquedos para você? Você acha que brinca o suficiente ou gostaria de brincar mais? Por que não brinca durante mais tempo? (se o jovem responder inicialmente que não brinca mais, fazer as questões no passado)

- Até que idade você acha que uma criança deve brincar? Por que? Existem brinquedos só para guri? Existem brinquedos só para guria?

6. Religião

- Você participa de atividades religiosas? Você vai à Igreja? Quando? Com quem? Quem ensinou você a rezar? Quando você vai à Igreja é porque toda a família vai ou porque você gosta de ir? Que importância tem a religião para você? Na sua casa vocês rezam todos os dias ou não? Quem fala pra você sobre religião em casa?

7. Participação comunitária

- Você participa do que acontece aqui na Colônia? Vai às festas da Igreja? Vai ao futebol? Vai ao Clube? Com quem você vai a essas festas? Quando tem casamento você também vai? Nos velórios você também vai ou vão só seus pais? Você costuma visitar os vizinhos aqui na colônia? O que vocês fazem nessas visitas? Você participa da conversa dos adultos ou não?

8. Participação familiar

- Em sua casa, quais são os assuntos que seus pais conversam com você? Eles conversam com você sobre os negócios? Sobre o trabalho da lavoura? Sobre o trabalho de casa? Eles dão conselhos a você? Que tipo de conselho, você poderia me dar um exemplo? Eles proíbem você de participar das conversas quando chega visita? Quando você pergunta alguma coisa para eles sobre o trabalho eles respondem? E sobre os negócios? E sobre sexo (por exemplo: como é que a gente nasce), drogas, vícios, etc. Você tem coragem de perguntar isso para seus pais?

9. Punições

- Você já sofreu alguma forma de castigo em casa? Por exemplo, já levou uns tapas? Uma tunda? Por que você apanhou? Quais são as formas mais comuns de castigo na sua casa? Quando você ou algum irmão recebe um castigo é porque vocês desobedeceram, brigaram um com o outro, fizeram alguma arte? Os castigos são muito seguidos ou não? Quando foi a última vez que você foi castigado? Quem aplica os castigos é a mãe ou o pai? Você acha que eles têm razão quando castigam?

10. Futuro

- O que você pretende fazer quando for adulto?

11. Narrativa de experiências pessoais

- Conte alguma coisa que aconteceu com você e que tenha impressionado bastante: um caso de doença ou acidente, alguma arte que você aprontou.

ANEXO 4

AMOSTRAS DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA 11 - INFORMANTE 111

(SEXO FEMININO - 56 ANOS - PROPRIEDADE NÃO MECANIZADA)

111: Nom, isso nom. Nós tivemo, nom sei se caso de vizinho...

Entrevistador: Pode, claro!

111: Causalmente com esse vizinho, ermom dele (indicando um amigo que visitava a família). Nós tivemo um problema muito sério, inclusive nom se visitemo. Tudo bem, "bom dia", "boa tarde", mas nós no nosso, ele no dele. É o primero vizinho. E ermom dele, mas a diferença é como o dia e a noite. Isso foi caso de animal. Nós tinha cerca na divisa e entom nós tinha touro, eles tinha vaca, né? E sabe... o touro transitava. Entom foi... nós aguentemo treze ano, treze ano nós fomo levano. Nom, ninguém incomodano, mas ele incomodano. Vivia enxeno o saco, porque isso, porque aquilo. E eu sei que bem no fim o que aconteceu que ele acabou dano um tiro no nosso animal. Animal de canga. Isso foi já faz quatro ano.

Entrevistador: Matou o boi?

111: Nom chegô matá, mas nom deu mais pro serviço. Nós tivemo que matá. Isso que aconteceu já faz quatro ano. Nós levantava

de madrugada, non se tinha congelador como agora pra guardá o leite. Entom o leiteiro vinha buscá cedo. As três hora da madrugada nós levantava e tirava o leite. Aquele dia era um luar cosa mais linda. E nós tinha os boi grande de canga no potreiro. E ele tinha vaca loquiano, né, como se diz. E o boi pulô prá lá, no potreiro dele. E a mulher lá levantou prá tirá o leite. Quando ela quis botá a vaca na estrevaria, claro, o boi se avançô, né, quis i junto. E o home se enfureceu, deu um tiro no boi. Nós vimo, tava eu co'a guria tirano o leite e vimo, né? Mas ficô. E afinal tiremo o leite das nossa vaca e viemo pra dentro. E quando deu aquele tiro eu disse pro guri: "óia, aquele home aí deu tiro no boi". E era um luar que era um dia. Nós vimo que o boi veio de lá prá casa e veio... parô lá embaixo no portom do potreiro. Claro, quando os piá levantárom de manhã eu contei, sabe? Eu sabia, o pai é nervoso, daí eu contei pro rapaz. Diz: "Olha, aquele home lá deu um tiro no boi, vai vê que ele tá lá embaixo". O tiro pegou assim, bem do lado assim, na paleta. Daí eles buscárom o boi, botárom ali, chamárom os vizinho de testemunha, que viessem olhá, né, o serviço que ele fez. E daí foi dado parte, né?, porque todo mundo dizia: "Vai registrá queixa!". Porque fazê o que? Daí foi registrado queixa, deram parte. Depois foi chamado e sei que ele botô processo. Claro, a gente sabia (incompreensível) mas ele era ruim que Deus o livre! Quando ele dizia que pau era pedra, tinha que sê. Eu sei que daí o pai perguntô pro delegado: "O que que eu posso fazê contra esse home?" Daí o pai disse: "O que tu qué fazê?" Non, daí o delegado pediu pro pai: "O que

tu qué fazê agora pra esse cara que te fez isso no boi?" Ai o pai disse assim, diz: "Oia, eu só quero fazê que ele sinta no corpo dele o que o boi sentiu." Nom queria nada. Um belo dia ele se vingou. Eles deram uma tuzina de laço. (risos)

Entrevistador: Surraram?

111: Surraram ele. E o pai disse: "Porque outra coisa nom vô fazê." E deram nele. Ai que ele foi, né... foi dá parte... dá parte também, né e ai que ele foi...

Entrevistador: Se juntaram quantos prá dá surra nele?

111: Nom, só o pai e o rapaz, só os da casa. Nom chamaram ninguém. E foi... foi... abriu processo e tudo. Mas o pai... foi... foi... bem no fim tirô o processo. No fim nós tiremo a cerca da divisa, botemo mais prá cima. Nem plantemo mais naquele canto que foi tirado a divisa. Agora tem bananeira plantada.

ENTREVISTA 20 - INFORMANTE 201

(SEXO MASCULINO - 47 ANOS - PROPRIEDADE MECANIZADA)

Entrevistador 1 - Essa terra aqui era do seu pai, né?

201 - Era.

Entrevistador 2 - Foi herança?

201 - E aqui foi herança. Qué dizê, ele adoô prá por exemplo nós essa área. Ele doô essa área de 11 hectare. E eu comprei mais 11 dum irmão meu... 11 mais um pocô dum ermom meu. Ele deu prá nós aqui. Eu vim morá nessa casa aqui. Nós três ermom. Ele deu olaria prá nós. Montô uma olaria de

tijolo e deu prá nós três ermom e deu a dívida. Ele fez e diz: "Oia, tem tanto prá pagá ainda, vocês vom tê que pagá isso aí." A gente foi fazeno assim. Inclusive nós viemo morá em três ermom sortero, passemos um ano e... quase dois. Entom nós ia na casa do pai buscá o pom. E as roupa eles lavavom e nós se fazia a comida aqui. Sempre com piom junto, é claro, precisava quatro prá trabalhá. E ele foi custeano sempre o que nós precisasse. Ele ajudava com dinheiro, com outro ermom que tinha lá, também se precisasse de piom. Ele sempre ajudô nós. Até foi... foi... até que no fim nós tivemo que liquidá com a olaria, non dava lucro, non conseguimo vivê com isso aí. Ma daí... foi antes de nós pará ainda, nós compremo um trator... ma sempre tinha anos que era bom. Mas o probrema da olaria aqui é assim que o tijolo nom é uma coisa que nom é de comê, como diz o otro e naquela época só construía se dava uma safra boa. Fazê uma casa de material no ano que vem se dá uma safra boa. Frustrô a safra, vô deixá pro ano que vem... E nom havia financiamento. Entom fazia estoque ali. Inclusive naquele ano que nós paremo aí, aqui no município de Ijuí parou uma dez olaria quaje. E aqui em Catuipe três olaria que távom perto também parárom. Deu ano brabo, dois ano assim que nom... que nom deu renda.

Entrevistador 1 - Ninguém construía.

201 - Ninguém construía e... Non tinha soja naquele tempo, naquele tempo nom se plantava soja.

Entrevistador 2 - Isso foi quando? Sessenta e...

201 - 65.

Entrevistador 2 - 65 já tava começando (o cultivo de soja).

201 - Mas era pouco. Casei... o soja já entrô em 70... década de 70 é o soja. Entom nós conseguimos comprá um trator, porque nós fomo... um ano, dois que deu prá nós i mais ou menos. Deu prá nós i se equilibrano. Que o meu ermom... primeiro meu ermom casô que tava morano com nós. Aí ele saiu. Fiquemo em dois. Aí veio outro ermom meu junto. Fiquemo três trabalhano igual. Daí nós compremo aquele trator, daí que nós fomo a pique dum tudo. Aí liquidô a olaria.

Entrevistador 1 - Por que?

201 - Porque nós tinha motor na olaria. Nós... tá... vomo fazê progresso. Compremo o trator, ma na compra do trator nós demo o motor e nós compremo o trator, ma nós nom tinha noçom nenhuma de que fosse um trator e o cara tava com motor desmontado lá na oficina, mostrava as peça era tudo boa, nova. Ma que que nós entendia duma engrenage? (risos) (...) Te dô um motor desmontado, o que que tu entende desse motor? Aí tá, ele montô o trator lá e trouxe o motor prá nós aqui. O dia que ele trouxe o trator levou o motor. Deixô nós de a pé. Fomo trabalhá com o trator, nom conseguimos, trabalhemo ali... Ele entregô o trator prá nós acho que mês de julho mais ou menos por ali, prá nós começá em setembro.

202 - Época que nom se trabalha com olaria. Olaria parada naquela época. Trabaia só quando começa esquentá, né?

201 - Tempo de inverno pára olaria. Agora o tijolo nom enxuga. Hoje, por exemplo, tem muita modernizaçom, tá bem melhor. Ma entom nós mês de maio se parava de fabricá até setembro. E entom abriu a safra em setembro e nós nom conseguimos entrá com o trator. Quando trabalhava uma hora

depois já tinha que ir lá na oficina. E o cara foi amarrano... amarrano nós, perdemos tudo o ano.

Entrevistador 2 - E o trator tava sendo usado na lavoura?

201 - Nom, nom tinha lavoura, só olaria. Mas era o nosso negócio. Nós tinha boi ainda, nós conduzia o barro igual, puxava matéria prima.

Entrevistador 2 - O trator só pra tocar a olaria.

201 - Só tocar na pulia. Mas nós quando desse folga, nós entom nós ia puxar o barro (barro) também, mais rápido, mais moderno. Mas nom conseguimos... mas nom funcionava, mas quanto nós sofremos com aquilo ali! Nom! Tu que vê, aquele trator tinha manivela. Nós tocava ele pra cima, na subida, na manivela, depois largava pra ele pegar e depois nom funcionava. Se funcionava esquentava demais. Nom... terminou a safra e nós nom... nom fizemos nada.

ENTREVISTA 01 - INFORMANTE 011

(SEXO FEMININO - 42 ANOS - PROPRIEDADE NÃO MECANIZADA)

011 - Nós dizia pros guri que o finado pai ia matar formiga esses anos, antigamente era uma máquina de fole, assoprava e saía...

012 - fumaça.

011 - ... eu curia nos buraquinho... achava coisa mais boa! O meu pai matava... apagava... assoprava no olheiro e longe assim saía... tinha que tapar aqueles buraquinho pra que a fumaça...

012 - ... ficasse dentro do buraco.

011 - E aí botava o pé, a gente curia... Plantá semente de abobra também, que antigamente non prantava soja, era milho quando eu era pequena. Me alembro. Enchia de abobra no meio do milho. E a gente fazia uma sacolinha, mãe fazia, enchia de semente de abobra e fincava o garom. (garrão= calcenhar) assim e botava a semente. Era a coisa mais boa ficá no meio daquele milho!

ENTREVISTA 02 - INFORMANTES 021 E 022

(021: SEXO MASCULINO - 49 ANOS - PROPRIEDADE MECANIZADA -
022 - SEXO FEMININO - 45 ANOS - PROPRIEDADE MECANIZADA)

024- Outra coisa que não foi fácil foi quando morreu o finado vô ali.

021- Ele foi triste, foi uma cobre.

Entrevistador- Cobra? Comé que foi essa história? A senhora não qué contá prá gente? Ou deve sê ruim pra senhora contá.

022- E, ele tava trabalhando, né?

021- Faz aniversário dia 17 agora.

022- Foi botá lá uma água, cuidá uma água num arroz assim prá molhá, passava um potreiro, tinha um gramadinho. Ele até deixo o chinelo na grama e entrô na lavourinha. E depois então saiu e disse que tava limpno os pé prá calçá o chinelo, daí a cobra pegou ele.

Entrevistador - E daí?

022 - Pegou assim na... ele ainda matou a cobra e foi... foi até em casa, acho que tinha o que... uns 200 metro na casa.

E, e ele não... não se assustô. Chegô em casa, daí tinha um peço que trabalhava, tava carpindo, e chamou ele. O rapaz tirô a camisa e atô na perna. Mas daí ele foi pra casa e tomô banho, se movimentô um pouco e foram pro hospital. Ele quis até levá a cobra prá mostrá pro médico. Até a mãe disse: "Vamo levá uma roupa, tu vai ficá no hospital." Digo: "Não, vou logo, só me dão uns remedinho e eu volto, dá injeção."

Entrevistador- Sim, mas aí comé que foi assim. O senhor Toninho contou essa história pra gente, né? Agora, comé que foi? Aí ele chegou no hospital, parece que não tinha soro...

022- Até nós aqui eles nem avisaram, acharam que era pouca coisa, né? Como foi, tivesse sido pego hoje, nós fomo vê o pai amanhã de tarde.

021- Vieram aqui na segunda de tarde.

022- Dai ele começou já ficá assim, quando cheguei lá, eu vi que não tava, ele não tava bem, já nem me reconheceu. Pediu quem eu era, já disse que era outra, e já começou a ficá assim naquela soneira, aquela coisa.

Entrevistador - Mas eles não tinham o remédio?

021 - Mas ele foi aplicado o soro. Eu sei, o tratamento que precisava fazê, eles fizeram. Isso foi um médico de Catuípe, acho que ele deu assim uma furada que não se deu conta que o rim não funcionou. Ele sempre teve problema de rins.

022 - Já tinha sido operado.

021- E ele foi operado.

Entrevistador - Envenenamento.

021- E, ele foi operado de rins já fazia uns cinco, seis ano já que fez uma operação de rins que ele tinha um areião no

canal do rim, inclusive tinha feito uma baita operação. Tinha que fazê aquela operação que era de... rim e bexiga, né? E decerto ele tinha aquela parte... com problema e o veneno da cobra, é uma cobra grande, é uma jararaca de um metro e oito.

Entrevistador - Credo!

021 - Uma baita cobra. E o doutor falô que achava que com a hora que tava saindo, ela devia tê injetado assim uma quantidade de veneno muito grande. Diz que essas cobra braba tem, tava depois de uma porção de dias, diz ele, não sei se é... dia que acha que a hora que ela tava saindo... a hora que ela tava... a hora que ela tava saindo procurá algum bichinho prá se alimentá, né? Pegou a jararaca tem bastante veneno. E ele com aquele problema do rim... o rim não... no fim entrou em coma... foi pego segunda de tarde, durou até domingo. Uns cinco, seis dia. De Catuípe ele foi prá Ijuí, levô num médico especial... especializado em rins, Doutora Ana, lá no Dr Thomé mais o seu Antônio Carlos prá circulação.

022 - E o Samir...

021 - Samir pra cabeça. Ficou em coma lá.

Entrevistador - E aí ele tava...

021 - Tava, fizeram aquelas... comé que é, aquelas...

022 - Hemodiálise.

021 - Hemodiálise. Passaram 200 litro de líquido. Ele ficou daquela, da segunda... de terça até na sexta-feira fazendo aquelas...lavagem, que a gente dizia.

Entrevistador - Minha irmã fazia isso também.

021 - Diz que passaram... eu não sei se pode.

Entrevistador - Passa todo o sangue por uma máquina. Passa por uma máquina que substitui o rim, né? Filtra o sangue com uma máquina.

022- Não, aquela não chegaram a fazê. Não, porque deu uma hemorragia assim que saía sangue num nariz, então ele tinha a... o médico achou que ele não ia aguentá, porque o médico falou nessa...

021 - Essa... não é hemodiálise.

022 - Não.

021 - Eles largava dois litro de líquido prá dentro da barriga assim e entrava... quando entrava os dois, eles soltava, largava mais dois, e sempre... sempre... dia e noite. Não sei se é a tal hemodiálise.

022 - Não é não, aquela era a máquina, eles iam tê... eles tinham que tirá ele da sala de recuperação.

Entrevistador - E, tem uma salinha especial. A hemodiálise eles fazem um corte nas veias, injeta... qué dizê, liga essa veia a uma máquina, tem uma entrada e uma saída. Ai o sangue vai saindo, passa pela máquina. Como se lavasse o sangue. Ela faz a função do rim.

021 - Tinha uma lavagem só do organismo, do intestino. Eles furaram a barriga dele em cima assim, então tinha... quando fechava a saída, abria a entrada, caía aqueles dois litro, ela estufava, daí largava, ia mais dois.

Entrevistador - Então, de fato a situação dele foi... também foi agravada pelo problema renal.

021 - Foi o problema renal.

022 - Foi, mais foi isso, né?